

Nilto Maciel

...aos megaloma
...os novos luzeiros do ...
...sua luzes estelares esta terra ...
...a escuridão. Somos os olhos para o futuro,
...passado. Enxergamos além do tempo, como as
...a bulha que tomamos no ... E orgulhamos, para
...indistinctamente para os amantes da geração do
...asil e do mar ... a ... do ... vasto mar
tenebroso des ...

E conclui ... a tria-mãe!
iva o futuro ... a luz eterna
a sabedoria ... os reis, os
einados e o ... surgir das
revas!"

O artigo ... o prefeito-
mendador ... E uns, se
roduziu em ... vizinhas
ma. Final ... manifesto c
vimento qu ... apareceu
Na defina ... boseira s

nhum selva ...

O mais espantoso ... se desc
ós a sua morte. Um ... endereç
sonalidades estrangeiras, ... enraivecido

...o que andava utilizando seu nome, publicando
...esias. Numa delas escreveu: "Agora ...

... e acaba de publicar longo artigo, intit
...", um palavrório vão e basbaque, e f
... se eu fosse rapaz da baixeza

OS LUZEIROS DO MUNDO

ROMANCE



Mas é tempo de deixarmos de lado o enredo para privilegiar o discurso, pois de nada adiantaria ao escritor engendrar estórias bem urdidas, fundamentá-las com os alicerces dos mitos, se não pudesse dispor de um instrumento lingüístico adequado. Assim, ao lado da criação em si, reveste-se da maior importância o verbo do escritor, graças ao qual vivem os personagens e a supra-realidade emerge do texto. (Sânzio de Azevedo)

A partir de *A Guerra da Donzela*, Nilto Maciel se incorporaria definitivamente a uma restritíssima companhia de artífices da escritura literária, fazendo uso do estilo fracionado, mecanismo formal empregado com êxito por uma minoria de ficcionistas. (F. S. Nascimento)

A ficção de Nilto Maciel tem a paixão tchekhoviana pelo detalhe, pelo traço contundente que define de pronto o caráter do personagem, pela irreverência e pela precisão com que desenha caracteres e situações, sejam estas de índole jocosa ou de cunho dramático. Mas também cultiva, em altíssimo grau, gosto acentuado pela arquitetura dos labirintos e pela recriação de temas literários da antigüidade clássica, sobretudo na esfera da mitologia, chegando a ombrear-se nesse tocante com o engenhoso Jorge Luís Borges, tido e havido como uma espécie de monstro sagrado da literatura universal. (Francisco Carvalho)

O que a ficção de Nilto Maciel persegue é a imagem, i.e., o ser em estado puro na produção da linguagem de modo a subverter o signo lingüístico como é pensado desde os estóicos sob uma disciplina cuja sublevação devolve ao espírito criador o vigor dionisíaco do Renascimento. (Foed Castro Chamma)

As personagens de Nilto Maciel são íntimas da solidão, do desencontro, da incapacidade de viver. Pertencem, em suma, à grande legião dos que não podem se insurgir contra a realidade que a elas se impõe como inóspita, adversa. São seres amorfos, as mais das vezes caracterizados pelo grotesco ou pela perda da identidade. (Carlos Augusto Viana)

Outro aspecto a destacar, na ficção de Nilto Maciel: a fascinante presença da fábula, como em "A Fala dos Cães" e outros momentos do livro. Esse é um legítimo conto medieval. Ou uma quase parábola, em que, desmentindo um pouco o Professor Massaud Moisés, de vasto saber, para quem "animais não podem ser personagens" (in *Dicionário de Termos Literários*) ele prova o contrário. E traz, como figurantes de outras

Nilto Maciel

*Ao poeta Soares Furtosa,
um dos mais verticais
criadores do mundo.*

27/6/2005

OS LUZEIROS DO MUNDO

romance

1º lugar no Concurso Graciliano Ramos de Romance (1992/93),
promovido pelo Governo do Estado de Alagoas.



Nilto Maciel

Copyright©2005

CAPA:

Ronaldo de Castro Cruz

REVISÃO:

Nilto Maciel

IMPRESSÃO:

RBS GRÁFICA E EDITORA LTDA.
Rua Carlos Câmara, 1048 - Gentilândia
Fone: (85) 3281.4911 - Fax: (85) 3281.3676
E-mail: rbseditora@veloxmail.com.br
Fortaleza - Ceará - Brasil

M1521 Maciel, Nilto
Os Luzeiros do mundo: romance / Nilto
Maciel._Fortaleza: RBS, 2005.
120p.

1º lugar no Concurso Graciliano Ramos
de Romance (1992/93), promovido pelo
Governo do Estado de Alagoas.

1. Romance Brasileiro. I. Título

CDD B869.3

A animalidade primitiva, lentamente expungida pela civilização, ressurgiu, inteiriça. Desferrava-se afinal. Encontrou nas mãos, ao invés do machado de diorito e do arpão de osso, a espada e a carabina. Mas a faca lembrava-lhe melhor o antigo punhal de sílex lascado. Vibrou-a. Nada tinha a temer. Nem mesmo o juízo remoto do futuro.

Euclides da Cunha, Os Sertões

Ad rivum eundem lupus et agnus venerant,
Siti compulsi; superior stabat lupus,
Longeque inferior agnus. Tunc fauce improba
Latro incitatus, jurgii causam intulit.
"Cur, inquit, turbulentam fecisti mihi
Aquam bibenti?" (...)
Julius Phaedrus, Lupus-et Agnus

PRIMEIRA PARTE

A casa dos Thaumaturgo não parecia grande nem larga. De longe, então, nem sequer podia ser percebida, tal o emaranhado de roseiras e trepadeiras do jardim. Em compensação, todo o quarteirão recendia a flores. Sobre o portão principal havia uma tabuleta, onde se lia: "Sítio Itamaracá". Na sala, sofás revestidos de veludo pareciam à espera dos antigos donos do casarão, eternos entre os quatro cantos dos quadros pendurados às paredes: coronel Colombo e Dona Izabel, avós paternos de Lucas. Aqui e ali, santas muito belas, de olhos azuis e lábios vermelhos.

Um corredor escuro e comprido separava duas fileiras de quartos, onde nasceram e se criaram Lucas e seus irmãos. Seguiam-se cozinha, copa, despensa, cômodos e mais cômodos. Daí em diante, o quintal, onde os animais domésticos e de criação corriam para cá e para lá, em estripulias de libertinos.

Nesse ambiente quase desmedido Lucas engendrava seu sonho unionista e pré-sebastianista, seu sonho lusitano de um amor eterno e ideal. Nele escrevia longas e líricas cartas literárias e políticas dirigidas a personalidades nacionais e estrangeiras: escritores barrocos, nobres decadentes, políticos monarquistas, frades medievais, pesquisadores do passado luso-brasileiro, artistas anônimos de obras raras.

Lucas não se deixava desocupado um só minuto. Acordava quase sempre de madrugada, caminhava ora pelo quintal, ora pela calçada da rua. Tomava demorado banho no riacho que corria aos fundos do sítio e brincava com galinhas, capotes, patos, porcos, gatos. Alimentava-se de frutas, leite, queijo, e retornava ao seu quarto, onde passava o resto da manhã, ora a ler, ora a es-

crever. Para almoçar, contava com o chamado da criada Maria. Após o almoço, ouvia música e cochilava. Despertava e corria para a cama, onde tirava a sesta por uma hora. Acordava, tomava novo banho, agora no banheiro da casa. A seguir atendia o carteiro, a quem entregava as cartas do dia, se houvesse, e recebia a correspondência procedente de todo o mundo. Fechava a porta, trancava-se no quarto e lia sofregamente as cartas recebidas. Chegada a hora da janta, novamente a criada o chamava. Ligava mais uma vez a vitrola, enquanto jantava e, vagorosamente, esperava o anoitecer. Em noite de lua, ia ao quintal e lá passava uma boa hora, a acomodar, com os olhos, os bichos em suas alcovas. Retornava ao quarto, empunhava a caneta e, sobre folhas e folhas de papel, escrevia até cansar. À meia-noite, exausto, costumava sair de casa, escondido de todos, até mesmo de Maria, a quem anunciava ir dormir. Depois de certificar-se de que mais ninguém o espreitava, apagava as luzes, trancava a porta por fora e saía sorrateiramente. E andava, andava, andava, por becos e ruelas escuras ou mal iluminadas. Os cachorros o acuavam, latiam e despertavam a cidade, os arredores de Palma, a periferia da única cidade de seu conhecimento. Apesar disso, ninguém conseguia vê-lo, incomodá-lo, perseguí-lo. Ao som do primeiro latido, escapulia feito um malfeitor, metia-se por outro beco mais escuro, invisível aos olhos assustados dos animais noturnos. Parecia fantasma, alma penada. Reaparecia, magicamente, a léguas de onde estivera, já no meio dos tortuosos caminhos que levavam aos sítios mais distantes, metido nos brejos, por onde corriam os dois rios que ilhavam a cidade durante os invernos mais rigorosos. Buscava os lugares mais ermos, as grotas, as grutas, as terras dos jesuítas, onde passou quase toda a infância e adolescência. E só voltava para casa, nessas ocasiões, de madrugada, cansado e

emporcalhado, e caía novamente no riacho, onde se banhava até o sol raiar.

Nesses passeios noturnos, quando a Lua se mostrava clara, Lucas recitava os sonetos mais líricos de Camões e gritava por Leonor, a bem amada de seus sonhos.

Levando vida tão ocupada, não podia cumprir compromissos sociais e políticos. Assim, dificilmente ia à igreja, embora ninguém o chamasse de ateu. Jamais comparecia a festinhas familiares, mesmo sendo o convite o mais afetuosos. E, finalmente, não freqüentava quase nenhuma das reuniões do Movimento de Defesa da Liberdade, da Família e da Propriedade, apesar dos insistentes apelos dos associados. Alegava sempre falta de tempo, doença, cansaço. Quando — poucas vezes — anuiu deslocar-se de casa até onde os conspiradores se reuniam, mal abriu a boca, o tempo todo sentado a um canto, a ler ou rabiscar cartas.

Apesar de não comparecer às reuniões da entidade, Lucas não recusava um só pedido dos chefes sediciosos, no sentido de escrever artigos, crônicas, cartas etc. E não raro apareciam no jornal *A Cidade* escritos assinados por ele. Alguns até se tornaram famosos, como o artigo intitulado "Os Luzeiros do Mundo".

Na primeira parte desse escrito, Lucas fazia uma síntese dos acontecimentos vividos pela nação portuguesa no século 19 — "período de muita prosperidade, iniciado com a vitória da Revolução de 1820, fruto do movimento por reformas, inspirado na Ideologia das Luzes". E comparava aquele tempo ao momento vivido pelo Brasil, quando "lutamos, seus filhos mais valorosos, por uma regeneração geral, armados apenas dos sonhos de fazer desta terra uma pátria iluminada".

Havia método no artigo. Assim, após referir-se à "regeneração portuguesa" consumada e à brasileira princi-

piada, o articulista esboçava o perfil ideológico dos "regeneradores", em três parágrafos megalomaniacos. No primeiro anunciava: "somos nós os novos luzeiros do mundo, aqueles que irão clarear com suas luzes estelares esta terra há séculos e séculos na escuridão. Somos os olhos para o futuro, o presente e o passado. Enxergamos além do tempo, como as estrelas a brilharem eternamente no céu. E brilhamos para todos indistintamente, para os amantes da regeneração do Brasil e do mundo. Somos o farol que há de alumiar o vasto mar tenebroso desses tempos modernistas".

E concluía: "Viva o passado glorioso de nossa pátria-mãe! Viva o futuro do vindouro reino luso-brasileiro! Viva a luz eterna da sabedoria dos nossos antepassados! Vivam os reis, os reinados e o Reino da Luz! Viva o novo Brasil que há de surgir das trevas!"

O artigo ocupou quase todo o espaço do jornal do prefeito-comendador Aniceto Machado. Republicado durante meses, se reproduziu em jornalecos colegiais e de cidades vizinhas a Palma. Finalmente tornou-se uma espécie de manifesto do Movimento, quando então a assinatura de Lucas desapareceu.

Na definição do poeta Jerônimo Maia, "uma baboseira sem nenhum sentido".

O mais esquisito da personalidade de Lucas se descobriu após a sua morte. Em algumas de suas cartas, endereçadas a personalidades estrangeiras, ele se referia, enraivecido, a um falsário que andava utilizando seu nome, publicando artigos, crônicas e até poesias. Numa delas escreveu: "Agora mesmo o jornaleco *A Cidade* acaba de publicar longo artigo, intitulado "Os Luzeiros do Mundo", um palavrório vão e basbaque, e falsamente atribuído a mim, como se eu fosse capaz da baixeza de escrever inutilidades políticas".

Para o comendador, uma carta apócrifa. E se irri-

tava: os comunistas eram capazes de tudo. A intenção dos falsificadores seria desacreditar Lucas perante o povo de Palma e a História, enxovalhar o nome do Movimento, confundir os próprios "revolucionários".



Após a morte do pai, Lucas abandonou os estudos e assumiu paulatinamente o lugar de chefe da família. A tragédia, na verdade, serviu de pretexto para o seu afastamento dos padres. Queixava-se ele do excesso de estudos, enquanto os religiosos o acusavam de desleixo, preguiça e mau comportamento. O pai o queria médico ou advogado, e a mãe o imaginava padre. Terminou longe da Igreja e sem um anel no dedo.

Numa das cartas, Lucas explicava: jamais seria padre, não exatamente em razão de falta de fé, mas por ter mais curiosidades que vocação. Assim, dizia ele, desde menino preferia a História de Israel à doutrina dos profetas.

Em sua biblioteca foram encontrados poucos livros, quase todos de História, alguns de Heráldica, afora clássicos como *Os Lusíadas*.

Na condição de primogênito, Lucas tomou conta de todo o patrimônio deixado por seu pai e passou a viver de aluguéis e arrendamentos. E quando os irmãos se tornavam maiores, casava-os, entregava-lhes seus quinhões hereditários e mandava-os para bem longe.

Quando ficou também órfão por parte de mãe, entregou à criada os cuidados da casa e dos irmãos menores.

Ano a ano, porém, livrava-se de mais um irmão, até chegar a ficar absolutamente só e solteiro no casarão da Avenida Proença, cujos fundos mediam uns dois quilômetros de árvores e hortas que sustentavam Palma de frutas e verduras.

Todo mundo na cidade sabia da esquisitice de Lucas. Viver numa casa tão grande, para lá de vinte cômodos, móveis para tudo, e não se casar!

Arranjavam-lhe pretendentes todo dia. Fulano perguntava se a filha não simpatizava com ele. Sicrano lamentava não ter mais nenhuma filha solteira. Beltrano pedia a Deus por suas filhinhas: crescessem logo.

Ninguém se lembrava do menino a cantar a Ave-Maria com voz de tenor, recitar salmos e poesias, vestido de anjo durante as procissões. Mesmo seus irmãos não guardavam com limpidez as imagens do passado, certamente por serem muito pequenos quando dos acontecimentos que os levaram à orfandade. Para eles, só na adolescência Lucas passou a se mostrar esquisito, embora na época não tivessem noção dessa esquisitice. Sendo o mais velho, talvez fosse natural não gostar de brincar com os irmãos menores e preferisse ler e escrever ou desenhar, horas a fio, figuras estranhas, semelhantes às das cartas de baralho.

A história de cada um dos habitantes de Palma se confundia com a história dos Thaumaturgo. Desde os tempos do coronel Colombo. E especialmente durante o reinado de seu filho Raimundo, o desditoso pai de Lucas.



Ao deixar o seminário, Lucas tonou-se a atração número um de Palma. Vestido de preto, quase não saía de casa, a não ser para as missas pela alma de seu pai. Os mais moleques chamavam-no de Zorro. As mulheres, ao vê-lo passar sonolento e de olhar perdido, suspiravam: coitadinho!

As mais românticas deram-lhe o título de poeta. E estas andaram mais próximas da verdade — Lucas fazia versos e cartas.

Passada a tristeza do luto, Lucas reatou velhas ami-

zades da infância. E se tornou o centro das atenções de todos os grupos de rapazes da cidade. Sem nada para fazer, passavam os dias em longas conversas. À noite cantavam em voz alta, sentados nos bancos das praças, ou desciam a ladeira no rumo do cabaré de Ana Souto. Apesar disso, nunca foram vistos em bebedeiras e desordens.

No entanto, esse modo de vida não durou muito. Se os rapazes procuravam Lucas para conversar, andar à toa, cantar ou visitar as raparigas, encontravam-no sempre muito ocupado com os negócios da família. Passava então a maior parte do tempo encafuaado em casa, a ler e escrever. Se saía à rua, não procurava os amigos e caminhava horas seguidas, num passo lento de sonhador, solitário e noturno.

Para explicar tais esquisitices, lembravam algumas pessoas a tragédia da morte de seu pai e o ter ele assumido, tão novo ainda, a chefia da família. Outras, entretanto, preferiam resvalar para assuntos mais presentes. Se arranjasse uma namorada, se casasse, talvez não fosse tão esquisito. Para um ou mais sabidos, ele já tinha namorada. Só não morava lá, nem havia nascido na cidade.

A notícia dessa namorada logo se fez de amplo conhecimento público. E deixou todos de boca aberta. Tratava-se — afirmavam, convictos — de uma rica moça portuguesa, descendente de nobres, chamada Leonor Teles.

Os mais preocupados com o destino do jovem Thaumaturgo punham em dúvida a seriedade de um namoro a tão grande distância. Um de seus amigos o defendia: aquilo não constituía problema. Eles se correspondiam por carta, rotineiramente.

Aos poucos, toda a cidade não só sabia do namoro, das cartas e da vida de Leonor, como também a própria história de Portugal parecia assunto do domínio até das pessoas mais rudes. De vez em quando surgia um bêba-

do a trambecar entre as mesas do Café Progresso e a berrar: Dom Sebastião, o Desejado, vai voltar. O poeta Jerônimo replicava: Aquilo era um baitola. E anatematizava o rei, contando em detalhes sua obstinada rejeição das muitas mulheres oferecidas para esposa.

Todo o desenvolvimento da paixão luso-brasileira de Lucas e Leonor ficou minuciosamente registrado nas inúmeras cartas encontradas num baú do Sítio Itamaracá. Foram alguns anos de intensa felicidade, entremeada aqui e ali de passageiras crises, para terminar tragicamente com o infortúnio da desilusão.

Pela leitura das cartas e pelo testemunho daqueles que com Lucas conviveram durante o período do namoro, ficou Palma sabendo da grandeza de sua paixão pela portuguesa. As constantes juras de amor eterno, como as encontradas nos grandes romances, as promessas de encontros em viagens intermináveis pelos mares das tormentas do amor proibido, a culminarem no noivado abençoado por Deus, tudo anunciava um final feliz.

Nas cartas, costumava Lucas transcrever versos de poemas clássicos, especialmente portugueses, versículos da Bíblia e trechos de narrativas românticas. Às vezes intercalava textos dessa literatura no corpo das missivas, quando não transcrevia quase por inteiro poemas, modificados, reescritos, segundo suas necessidades de missivista.

Para alguns analistas da alma atormentada de Lucas, o hábito de escrever cartas nasceu juntamente com Leonor. Outros, porém, afirmavam vir a mania desde o tempo do seminário. E realmente muitas foram as cartas de sua lavra, datadas daquele período, endereçadas aos pais e irmãos. Além de outras destinadas a padres e colegas cujas famílias não moravam em Palma, escritas durante as férias escolares.

Mesmo ao tempo de Leonor, correspondia-se com

dezenas de pessoas desconhecidas do povo de Palma. Geralmente gente relacionada com o estudo de História e Heráldica, e literatos em geral. Até do exterior.

Junto às cartas encontraram um caderno de versos, datados desde a adolescência de Lucas. A caligrafia — constataram — não seria de outro, a não ser dele. A autoria possivelmente também.

Jerônimo batia as mãos na mesa do café: uma versalhada inútil!

Com tanta esquisitice, acabou o filho de Raimundo Thaumaturgo não tendo um só amigo em Palma, a ponto de nunca ser visitado, a não ser pelo carteiro. E ele mesmo fazia questão de viver assim, saindo de casa só em caso de extrema necessidade ou para exercitar as pernas. E o fazia quando todos dormiam e apenas os cães andavam pelas ruas. Os cães e o guarda-noturno.

Este e outros aspectos da personalidade de Lucas foram analisados à luz de depoimentos prestados por seus contemporâneos, porque nas cartas ele se transportava para o território de si mesmo, suas idéias, seus sentimentos, como se não vivesse em Palma.

Os últimos tempos da correspondência de Lucas e Leonor demonstraram a paulatina indiferença dela pelo amor dele, até pela quantidade de cartas de um e outro. A cada duas dele correspondia uma só dela. E se as dele tomavam três ou mais folhas, em letra miúda e nervosa, as dela não passavam de bilhetes secos e cada vez mais repetidos.

Ao lado das juras de amor, Lucas insistia em pedir explicações para a atitude de Leonor, ameaçava viajar a Portugal, fretar um avião e tirar todas as dúvidas. Queria saber da verdade, não o enganasse. Dois meses para escrever uma carta, um arremedo de carta, e ainda não dizer nada!

Por derradeiro, num fim de tarde, chegou-lhe a

missiva fatal — o golpe de misericórdia. A revelação desastrosa — ela, Leonor, havia se apaixonado por um nobre austríaco. Não podia mais esconder a verdade. Lucas a perdoasse e não lhe escrevesse mais.

Lida e relida a despedida, já chegada a noite, ele se pôs a rabiscar uma carta, desatendendo ao pedido de Leonor. Ao fim de cinco folhas, restava sua mais esplêndida manifestação de amor por ela, numa prosa recheada de versos de Camões.

A carta não chegou a ser postada. A madrugada o achou morto.



Segundo a história, a portuguesinha havia estado de passagem por Palma, na companhia de familiares, tendo se hospedado no hotel de Victorino. A estada dos nobres portugueses durou pouco mais de um dia, o suficiente, todavia, para fazer cupido acertar o coração de Lucas. E também da ilustre visitante. Paixão recíproca e imediata.

Os mais curiosos, no entanto, se indagavam: e que diabo aquela gente tinha ido fazer em Palma?

A história não se detinha no terreno da especulação sentimental e enveredava pelas trilhas genealógicas da donzela. Vivia em Portugal, terra de seus antepassados. E para lá pretendia regressar, após conhecer outras cidades fundadas por ordem dos reis de sua pátria.

Como então fazer eterno aquele amor, se viviam tão distantes um do outro? Leonor ficando em Palma? Lucas partindo para Portugal? Não, o tempo se encarregaria de uni-los. Primeiro iriam trocar cartas, muitas cartas.

Quando Lucas morreu, a polícia convocou o dono do hotel a prestar esclarecimentos sobre a hospedagem dos tais estrangeiros. E esclareceu: se não lhe falhava a memória, eram cinco pessoas. Não podia confirmar, no

entanto, se se tratavam de nobres portugueses. Ora, um dia só não podia ser suficiente para saber de tantos detalhes.

O delegado apertava o hospedeiro: então não pediu para ver os documentos deles?

Durante o interrogatório (até então o delegado considerava todo mundo em Palma suspeito da morte de Lucas), Victorino prestou uma informação preciosa: os hóspedes anunciaram, ao arrumar as malas, a vontade de conhecer o seminário dos jesuítas.

O policial deu um pulo da cadeira: mais uma pista.

A pergunta mais importante, entretanto, ficou sem resposta. O hospedeiro não se lembrava mais se Lucas havia estado na companhia de algum dos estrangeiros.

Pelo registro de entrada e saída de hóspedes, as cinco pessoas estiveram em Palma no dia 28 de junho de 1958. Uma das testemunhas, no entanto, se lembrava de ter conversado com cinco estrangeiros muito antes do início do campeonato mundial de futebol daquele ano. Talvez mesmo no ano anterior, porquanto o assunto principal da conversa havia sido o sputnik, lançado por aqueles dias. Lembrava-se de tudo, como se fosse hoje.

O professor Emílio do Vale jurava ter visto uns estranhos a passear pela cidade no ano de 1959. Não sabia exatamente a data. Não podia ser 1958, porque já a guerrilha tinha vencido em Cuba.

O delegado se alertou mais uma vez: e quem falou em guerrilha? Emílio tentava se explicar: apenas um ponto de referência. Na ocasião tinha relacionado o aparecimento daquelas pessoas à vitória dos guerrilheiros.

Nem a leitura das cartas de Lucas solucionou o problema, pois algumas delas não foram datadas e outras não só nada esclareciam quanto ao tempo de duração do namoro, como dificultavam — talvez propositalmente

— algum progresso nesse sentido. Assim, numa carta ele fala da luta armada em Moçambique e se refere a dois anos de saudade dela, Leonor.

O professor esclarecia: segundo entendia, os negros de Moçambique só botaram as unhas de fora a partir de 1962.

Em outra carta, Lucas prenuncia não ter o prazer de ver Leonor de novo e lamenta estar até esquecendo os traços do rosto dela, tão longe ia o tempo daquele primeiro encontro. Mais adiante, mudando de assunto, fala da "vitória memorável do Brasil", dando a entender que se refere à conquista da Copa do Mundo. E não podia ser a de 1962, porque noutro parágrafo, em comentário político, fala em "Presidente Jânio".

Emílio ilustrava a história: ora, o homem da vassoura renunciou no ano anterior. Davam-lhe réplica: Podia ser uma homenagem.

A ilustre namorada de Lucas chamava-se Leonor Teles. Tal nome, não obstante, jamais constou dos registros do hotel de Victorino. Nem em 58, nem em 59, nem em 60, nem em ano nenhum. Jamais se hospedou em Palma nenhuma Leonor.

O hoteleiro fazia minudência: houve uma tal de Eleonor, mas Quintanilha Cavalcanti, de 62 anos, casada. Nos inícios do negócio, há muitos anos, uma certa Eleonora passou um mês na pensão. O sobrenome também andava longe de Teles.

O delegado fazia exigências: fossem ver então todos os Teles do registro.

Pesquisados os livros, descobriu-se um hóspede chamado Leonardo — o único Teles de toda a vida do pequeno hotel.

Para o policial, não deixava de ser um nome interessante.

A data da hospedagem do referido cidadão também

deixou a todos curiosos: 21 de abril de 1960, dia em que Lucas escreveu a Leonor uma das mais apaixonadas cartas. É um autêntico poema épico-amoroso, onde Brasília e Leonor são literalmente confundidas. Fala de "inauguração de Leonor", "minha amada Brasília" etc.

Para o delegado e outras pessoas, contudo, a prova da existência de Leonor não carecia de registros hoteleiros. E o padre filosofava: Cristo nunca se hospedou em hotel.



Depois de criar fama entre as mulheres, Lucas Thaumaturgo fez fãs entre os homens de Palma. Não de todos, nem de muitos. Talvez de meia dúzia. O último deles, aliás, tornou-se um verdadeiro devoto seu. Melhor dizendo, do seu espírito.

Porque só após a morte de Lucas teve início a admiração do fanático: Patrício, o zelador do cemitério.

A história do fã-club de Lucas é comprida. Durou anos e anos. Muitas paixões, adolescentes e maduras, efêmeras e duradouras. A maioria dessas apaixonadas sonhava com a marcha nupcial. Entretanto, o tempo escorria e nada de o rapaz se decidir por essa ou aquela moça.

Desiludidas, algumas chegaram a suspeitar de semelhanças entre Lucas e Nicanor, um rapaz criado no cabaré de Ana Souto. Ora, que tanto fazia o carteiro todo dia na casa do ex-seminarista? Além do mais, o fato de ter sido seminarista deixava dúvidas sobre a sua masculinidade.

Quando chegaram ao público os primeiros capítulos da novela protagonizada por Lucas e Leonor, aquele tipo de falatório deixou de existir na boca das moças de Palma. Despeitadas, passaram a atacar o ex-amor comum com outras armas. Se queria condessa, por que

não foi pro mato? Não gostava de matuta, mas o pai gostava e morreu como bicho.

A princípio, nenhum dos homens de Palma deu a menor importância ao namoro internacional do Thaumaturgo. Se não queria nada com as moças da cidade, azar o dele. Pois muitas delas pareciam misses, outras demonstravam ser prendadas e honestas, havia dezenas de normalistas...

Durante anos o nome de Lucas mal apareceu na boca do povo — nem das mulheres, nem dos homens. Se namorava a estrangeira desconhecida de todos, ninguém sabia. Se escrevia e recebia cartas, ninguém sabia. A não ser o carteiro — seu porta-voz.

Finalmente se criou o Movimento de Defesa da Liberdade, da Família e da Propriedade. O baú de Lucas se havia abarrotado de cartas de amor.



Nas fileiras do Movimento militavam alguns intelectuais. Eunápio Calado, por exemplo, adorava Elvis Presley, Frank Sinatra, Vic Damone e Joe Turner. Segundo ele, a língua inglesa devia ser oficializada no Brasil, ao lado da portuguesa. Com o correr do tempo, uma seria esmagada pela outra, numa espécie de luta feroz de duas serpentes. A grande guerra das línguas. A babel moderna, onde uma engoliria a outra.

Na sua euforia, gritava em inglês e chorava baixinho em português, cheio de gestos, a língua comprida a varrer os lábios, os dentes, o queixo, o nariz, o mundo ao seu redor, ou as mãos a se enroscarem uma na outra, a se enlaçarem, feito cobras cheias de tentáculos. Polvos.

Nas conversas políticas, costumava causar confusões, porque, quando se referia ao presidente, imaginavam os outros que quisesse falar de João Goulart, quando na verdade queria aludir a John Kennedy.

Quando mais jovem, Eunápio dedicara quase todo o seu tempo à música, especialmente ao *rock'n roll*, ao *jazz*, ao *blues*. E também ao cinema. Sabia tudo sobre Hollywood: os modos de Marlon Brando, os jeitos de Clark Gable, as maneiras de Burt Lancaster. A vida íntima das estrelas: Lana Turner, Vivien Leigh, Marlene Dietrich. Não perdia uma sessão no Cine Palmense, mesmo para ver apenas filmes de *far west*.

De regresso dos Estados Unidos, onde esteve por algum tempo, após formar-se em medicina, Eunápio mais parecia um *cow-boy*, a mascar chiclete, vestido de grossas calças *jeans* e camisas quadriculadas. Chamavam-no de "mocinho". Instalou um consultório na Rua 7 de Setembro, filiou-se à UDN, progrediu. Anos depois se tornou dono de pequeno hospital, bom sítio, bangalô e cadeira cativa de vereador.

Não passava um minuto sem citar o nome de um grande amigo, de preferência de fora: deputados, desembargadores, industriais. Quando avistava Aniceto Machado, gritava, braços abertos para o amplexo escandaloso: grande comendador, como vai a família? Desembaraçavam-se, e, sob os olhares da platéia embevecida, Eunápio atirava aos ouvidos do velhinho uma boa e providencial lembrança: já sabia de quem vinha o abraço? Não? Pois vinha do arcebispo. Sua eminência lhe pedia: desse um grande abraço no comendador. E logo surgia o pedido de publicação de um artigo em *A Cidade*. Uma tremenda bofetada nos comunistas, comendador. E os dois entravam em secretas confabulações.

Também padre Gregório, o vigário, se considerava intelectual. Uns o achavam pedante, outros demasiadamente culto. A razão disto decorria de não escolher ouvidos para suas prédicas políticas, poéticas ou enciclopédicas. Mandava latim para cima do juiz de Direito com a mesma euforia que o movia quando se via a sós com

qualquer comerciante de secos e molhados.

Nos sermões dominicais, então, quando a igreja se superlotava, não perdia ocasião de contar passagens da *Odisséia*, mais adiante citar Virgílio no original e terminar esbravejando contra o comunismo ateu. *Dura lex, sed lex*, não é mesmo, doutor Fred?

Frederico Santos, o juiz, aceitava o desafio e sapecava também um latim jurídico: *errare humanum est...* Quando havia bebido acima de suas possibilidades, o magistrado gaguejava, esquecia o latim e fazia o padre quase morrer de rir. Gregório dava-lhe conselhos: parasse de fumar. O juiz fazia ouvidos de mercador e mudava abruptamente de assunto. Queriam ouvir uma novidade alarmante? Os comunistas armavam milícias em Pernambuco.



O comendador Aniceto Machado se considerava o mais velho dos militantes do Movimento. Comandava a vida política de Palma sob o emblema da UDN. Ainda assim, antes de ser udenista, havia sido antigetulista. Durante a República Velha acalentou um leve sonho monarquista.

O udenismo ensinado pelo comendador a seus correligionários desconhecia palavras como democracia, nação ou mesmo união. Seu partido só existia dentro de suas terras e do município de Palma. Assim, quando lhe falaram pela primeira vez de comunismo, não teve nenhum sobressalto. Tal assunto não interessava a eles.

Entrementes, ao ser chamado a engrossar as fileiras do Movimento, disse um sim peremptório. Ainda participou de algumas reuniões, embora estivesse já quase centenário, não dissesse mais uma só frase que alcançasse o entendimento alheio e andasse pelas ruas vestido como no tempo da monarquia.

Quase tudo em Palma — sítios, terrenos, prédios — pertencia ou havia pertencido a Aniceto Machado ou aos Thaumaturgo. Parte por herança, parte por aquisição. Uns não mediam cem metros quadrados, outros se perdiam de vista.



O professor Emílio do Vale talvez fosse o principal intelectual do grupo. Desde muito jovem se interessou por movimentos políticos. Vivia a criar grupos, associações, entidades. A primeira delas nunca passou de uma sigla: ADCS. E significava Ação Direta Contra o Socialismo. Durou algum tempo, em sua cabeça de estudante, embora tenha sido o responsável por um ato público — o único, aliás — consistente em dar vivas a Mussolini pelo assassinato de Giacomo Matteotti.

Depois, já na faculdade de Direito, fundou a Sociedade Nacional Socialista do Brasil, cuja única atividade consistia em ler e reler o *Mein Kampf*, louvar Adolf Hitler e estudar a língua alemã.

Emílio do Vale casou-se, no início de sua carreira de magistrado, com a filha de um dos chefes integralistas da capital, o rico Abelardo Alcântara. Chamava-se Hilda, alva e corpulenta, e havia estudado em colégio de freiras. Emílio a conheceu quando ainda estudava Direito e andava à cata de admiradores de Mussolini.

Um colega de faculdade fez-lhe sussurros: conhecia Abelardo Alcântara? Não? Pois já estive na Itália e até...

Não tardou a fazer amizade com o capitalista viajado e apaixonou-se por sua filha.

Feito bacharel, Emílio deixou de lado por uns tempos os movimentos políticos, para concorrer a uma vaga de juiz nos cafundós-de-judas. Aprovado, meteu na mala os projetos fascistas, os códigos, alguma roupa e partiu

no rumo da judicatura.

Na cidadezinha onde decidiu viver mal se falava de política. Diziam ser o prefeito o dono de quase tudo. Os partidos mais votados se denominavam azul e encarnado, ambos do padre, da igreja, do prefeito.

Fora de lá, porém, o mundo se pintava de outras cores, se dividia em outros partidos, se agitava com outras bandeiras. Até chegarem às vistas de Emílio folhetos da Ação Integralista Brasileira e retratos de Plínio Salgado.

Anos mais tarde, já em Palma, chegou-lhe a notícia de um levante nacional pela implantação do integralismo. Paramentou-se de sigmas e signos, vestiu-se de uma vistosa camisa verde e saiu às ruas a dar vivas ao seu chefe. Não durou muito, no entanto, sua alegria. Notícias mais recentes falavam do fracasso do movimento, de prisões e perseguições.

A notícia do levante alcançou meia dúzia de pessoas em Palma. A sétima tomou conhecimento do horrroso fato nas páginas de um livro de História. E Emílio não conseguiu alcançar a posteridade.

Quando se aposentou, resolveu advogar e fundou um colégio, onde lecionava língua alemã. Em sua vasta biblioteca, por isso, não faltavam livros em alemão, além de autores alemães traduzidos para o português. As obras completas de Schopenhauer, Nietzsche, Kant. Admirava também profundamente Tobias Barreto, "o nosso maior filósofo e poeta".

Juiz aposentado e advogado dos amigos, Emílio preferia o alemão ao latim, mesmo quando tratava com o juiz ou o padre. E quando cuidava de leis e doutrinas jurídicas. Apesar disso, contava com inúmeros clientes. Os comerciantes de Palma o tinham na conta de sumidade, especialmente quando buscavam conselhos sobre como burlar o fisco. Ou como fisgar a bula.

Seu fraco, todavia, não era nem a literatura, nem a filosofia. Se lia e citava Goethe, o fazia mais por amor ao alemão do que à poesia. Se lia e citava Haeckel ou Hartmann, o fazia também sem entrar no mérito de suas idéias. Gostava mesmo de política, literatura política e história. Sua bíblia se intitulava *Mein Kampf*, seu deus se chamava Hitler, sua religião dizia ser o nazismo. Nas paredes de sua casa viam-se suásticas de todos os feitios. Sonhava com um Brasil transformado numa imensa república alemã.

Nem tudo, porém, cheirava a teutomania na biblioteca, na casa, na vida do ex-magistrado. Assim, como explicar as biografias de Stalin? Padre Gregório se intrigava com aquilo: Stalin não era o ditador da Rússia? Emílio filosofava: como dizia o povo: não havia mal que não viesse para o bem. O vigário sabia por acaso quantos comunistas o ditador soviético mandou executar?

As biografias tomavam grande espaço nas estantes de Emílio. Só perdiam para as obras de História. Sua maior coleção intitulava-se *História Completa da Alemanha*, em vinte volumes.

Emílio apregoava há muito tempo a elaboração de uma História de Palma. Tudo ainda na fase de apontamentos. Vários cadernos escritos. Notícias de índios, a aldeia missionada, a vida real e imperial, a cidade até os seus dias. O levante integralista. Sua participação nele. Sim, um capítulo dedicado ao movimento integralista em Palma. Ou não devia escrevê-lo? Alguns personagens daquela época ainda viviam e poderiam desmenti-lo.

Outro capítulo também o martirizava. Tratava-se do aparecimento do gigante Gorjala, narrado pelos protagonistas da caçada ao filho natural de Raimundo Thaumaturgo, que logo depois cometeria o parricídio. Ora, como narrar uma lenda dentro do contexto histórico?

Empenhou-se também a escrever a história do Movimento, a ser publicada quando o comunismo tivesse sido exterminado do Brasil. Contaria tudo, tintim por tintim. Até mesmo as biografias de todos os heróis do grupo. O comendador Aniceto Machado solicitava: anotasse logo umas passagens de sua vida.

Eunápio Calado se comprometia a verter o livro para o inglês e publicá-lo nos Estados Unidos. Podia tratar do assunto com seus amigos de lá, algum deputado ou senador.

A música clássica também fascinava Emílio. Dezenas e dezenas de discos, de Bach a Schumann. A rua toda tremia quando sua vitrola entrava em funcionamento, ao som de árias, marchas, sinfonias estrondosas. Queriam Schubert ou Wagner?

Para irritá-lo, um vizinho costumava ligar o rádio em volume máximo, exatamente quando cantava Orlando Dias.

Emílio se irritava: aquele vagabundo não trabalhava mais, não?

Em certos dias a cidade parecia desmoronar. Na Avenida Proença troavam Haendel e os gritos de um cantorzinho qualquer. Na Rua 15 de Novembro o comunista Josias sapecava megatons de Tchaykowsky. Na 7 de Setembro Eunápio mandava *rock* e na Praça de Santa Luzia o padeiro português abria a boca de seus fadistas. Para completar a babélica sinfonia, nos bares, bêbados tentavam imitar Vicente Celestino.



Ao contrário do marido, Hilda nunca lia nada. No máximo passava uma vista em revistas de moda, receitas culinárias, manchetes de jornais e folheava os livros da biblioteca de casa. Agarrava um livro e se dirigia a Emílio do Vale: aquele romance seria bom? Qual deles?

Para além do Bem e do Mal.

Apesar disso, a mulher comungava integralmente no ideário político de Emílio, embora não conseguisse distinguir a Áustria da Austrália ou humor negro do negro Umor, o único umbandista da região de Palma.

Ao constituir-se o Movimento de Defesa da Liberdade, da Família e da Propriedade, contavam os dois mais de trinta anos de consórcio, quase sempre vividos em paz. Se brigavam, nunca o faziam por motivos políticos ou porque não tivessem gostos parecidos. O ciúme também jamais os molestou, a não ser nos primeiros tempos de namoro, noivado e vida em comum. Hilda, porém, se aborreceu profundamente ao saber da presença de Jurema Bandeira — uma estranha — no grupo. Ainda mais a ocupar lugar de destaque, como única mulher a participar das reuniões, enquanto ela — a esposa do chefe — nem sequer havia sido convidada a integrar o movimento.

Originalmente Jurema chamava-se Ruth. Quando arranjou o segundo nome morreu-lhe a mãe, a autora do primeiro. De desgosto — afirmavam.

Numa alteração com o pai, gritou no meio da rua seu destino: escrever horóscopos para os grandes diários do Rio de Janeiro e de São Paulo. Ela precisava se casar.

Namorados teve muitos, noivos alguns. O velho, ainda assim, morreu sem vê-la vestir a grinalda de Ruth.

Quando Jurema nasceu, já o mais velho de seus irmãos havia sido pai. E pouco a pouco foram os outros deixando a casa paterna, até que, ao completar vinte e seis anos, não restava mais um só irmão com quem pudesse compartilhar o casarão da Rua 7 de Setembro. Para ocupar o tempo, não largava o ouvido ao rádio, na escuta de horóscopos e músicas de sucesso passageiro.

Para justificar a circunstância de ir ficando no caritô,

afirmava: só desposaria homem da estirpe de seu avô paterno, o famoso e finado Tamanduá Bandeira, apelido dado pelo povo de Palma a João Fernandes Bandeira. Segundo alguns, a alcunha havia surgido em razão da avareza do velho. Unha-de-fome como aquele nunca viram.

Para outros, contudo, o apelido dizia respeito à particularidade de ter João Bandeira perdido os dentes muito cedo e só usar as dentaduras postiças em ocasiões especiais.

O retrato de Tamanduá Bandeira, com longas barbas, chapéu-chile e farda de coronel da Guarda Nacional, tomava conta de boa parte de uma das paredes da sala da casa de Jurema.

Jerônimo Maia costumava dizer: a única pessoa capaz de escrever a crônica de Palma se chamava Jurema Bandeira. Não porque fosse cronista, mas por conhecer palmo a palmo o coração de cada um dos palmenses. E abreviava a ironia: cronista dos sentimentos.

A horoscopista vinha elaborando, ao longo de sua carreira de consultora espiritual, um completo dossiê sentimental dos habitantes da cidade, especialmente daqueles a quem dava consultas. Entretanto, os outros não escapavam de sua bisbilhotice. Fulana gostava de sicrano? E de quem beltrano gostava?

Quando o esquisito Lucas reapareceu, egresso do seminário, não foram poucas as moças que a procuraram. Enchiam-na de perguntas sobre suas vidas futuras, se casariam, com que tipo de homem, se seriam felizes para sempre ou por quanto tempo, se isso, se aquilo. Mil rodeios para saber apenas se os astros indicavam ou não a união da consulente com o padrezinho desencantado.

A uma das mais assíduas freqüentadoras de suas sessões astrológicas Jurema dizia: você vai se casar com

um homem excepcional. E a moça perdia horas a fio no exercício de decorar metáforas saídas dentre os dentes da pitonisa e outro tanto na tentativa de decifrar o significado de certas palavras. Geralmente não decifrava nada e marcava segunda consulta, então para colocar tudo em pratos limpos. Como seria um homem excepcional?

Afeita ao linguajar dos signos, Jurema não deixava uma só pergunta sem resposta. Ora, só podia ser um homem incomum, conhecedor de todos os números, capaz de somar, diminuir, dividir e multiplicar.

A moça soube depois do pior: Lucas nunca foi capaz de aprender a mais rudimentar aritmética — e ficou desesperada. Chorou, arrancou cabelos, perdeu o sono, emagreceu, só faltou ficar maluca. Uma dor de morte incessante.

Anos depois, quando casou com um fotógrafo, compreendeu que nada estava errado na ciência de Jurema, todas as suas palavras e previsões se ajustavam plenamente à realidade e ao futuro: um fotógrafo é um homem que multiplica e, portanto, excepcional.

Com o passar do tempo, quase todas as moças de Palma perderam o interesse por Lucas, quer por não serem correspondidas em suas paixões, quer por se casarem com outros, quer por se mostrar ele cada vez mais esquisito. Uma delas não sabia como fora gostar de um abestado como aquele.



Apesar de Lucas ter morrido solteiro, a importância de Jurema nunca diminuiu. Sua participação no Movimento, no entanto, se deu por obra de Santa Joana d'Arc, como adiante se verá. E isto muito irritou Dona Hilda.

Emílio entendeu a queixa e o aborrecimento como ciúme. Riu satisfeito, mirou-se ao espelho e pausada-

mente sentenciou: então iria arranjar um jeito de expulsá-la da entidade. A mulher deu resposta imediata: Ele a expulsava do Movimento e ela, Hilda, a acolhia na sua entidade.

E assim nasceu a Associação Cristã de Defesa da Honra, a versão feminina do Movimento, com o apoio integral de Emílio do Vale. E com as bênçãos de padre Gregório: muito salutar aquela separação.

Desde os primeiros momentos, a nova entidade se formou sob os cuidados de Emílio e do padre. A própria denominação recebeu emendas dos dois. Assim também a escolha dos nomes das associadas.

No entender de Hilda, devia ser convidada toda aquela mulher capaz de demonstrar espírito de luta, vontade de agir, disposição. Emílio replicava: não, não bastava aquilo. Precisavam, sobretudo, compreender o verdadeiro significado do comunismo, como a praga do mundo moderno.

O padre metia o bedelho: tudo muito bem entendido. Só faltava a religião. Pois as associadas deviam ser necessariamente católicas praticantes.

Para a formação da associação, foram convidadas algumas senhoras e senhoritas. Muitas disseram ter medo. Não queriam confusão. Não entendiam de política. Só de família e de Deus. Uma delas dizia não sair de casa. Hilda não perdia a paciência: se a amiga não saía de casa, em compensação as filhas saíam. Ou não saíam?

Precisavam também de moças. Aliás, de mulheres de todas as idades, porque a força da mulher não se achava nos braços, mas no coração.

Mesmo para as amigas mais íntimas, Hilda não deixou de ser misteriosa, quando por ocasião do convite. Contudo, a nenhuma escondeu a denominação e as características da entidade a ser fundada: uma associação feminina para lutar contra o comunismo.

Como algumas das convidadas se mostrassem com medo, espantadas e chegassem até a chorar, teve Hilda de ser mais clara aqui e ali. Dirigia-se a uma delas: sabia o significado de comunismo ou não sabia? Sabia, mas lhe explicasse direito aquilo.

O mistério só se desfez durante a primeira reunião da associação, quando foram aprovados os estatutos e eleita a diretoria.

No discurso de posse, Hilda enalteceu as figuras do padre Gregório e de Emílio do Vale, sem os quais a associação não se teria formado, agradeceu o comparecimento de todas as convidadas e anunciou o protesto público a ser realizado na semana seguinte contra o comunismo ateu. E para que todo o povo participasse da manifestação, iriam publicar e distribuir um panfleto. Cujo teor leu a seguir.

O discurso durou quase uma hora, falava de desestabilização do governo criptocomunista de João Goulart e dava vivas à religião católica, à família e à propriedade privada.



Apesar da orientação dada por padre Gregório, no sentido de que a associação fosse formada apenas por católicas praticantes; não obstante os escrúpulos de algumas senhoras, que não admitiam sequer pisar o chão maculado por certas mulheres; a despeito de todas as ponderações políticas de Emílio, que desejava uma congregação de militantes anticomunistas; apesar de tudo, Hilda se sentiu obrigada a buscar apoio em Jurema Bandeira. E se justificava: a horoscopista podia não ser muito católica, mas conhecia a fundo as pessoas de Palma.

O poeta Jerônimo chamava Jurema de "a pitonisa de Palma", pelo fato de ela escrever horóscopo no jornal de Aniceto Machado e anunciar o destino das pessoas

que a procuravam para consultas. A princípio, o comendador se mostrou indignado com o pedido feito por Jurema para publicar regularmente um horóscopo em *A Cidade*. Aquilo não tinha cabimento. Onde já se viu um jornal católico metido com astrologia, adivinhação, bruxaria!

Para tentar vergar o velho, Jurema valeu-se de alguns homens fortes de Palma. Nenhum, porém, conseguiu nada na primeira investida. Se ela sabia realmente escrever, por que não escrevia uns artigos sérios?

Emílio pegou a mosca no ar e decifrou a esfinge. Sim, bastava Jurema fazer uns vaticínios políticos, tudo ao agrado do prefeito, com loas à Igreja e morras ao comunismo. E podia inventar touros e virgens para o resto da vida.

Jurema se queixou: o diabo era arranjar uma política para os touros.

Com a ajuda de Emílio, conseguiu ela engendrar a primeira edição do novo horóscopo. E os doze signos saíram recheados de perigos vermelhos, astúcias atéias, maldades soviéticas e outros arranjos ideológicos.

Aos poucos, Jurema desvencilhhou-se de Emílio e passou a elaborar o horóscopo com inteira liberdade. Na cidade quase ninguém deixava de ler a novidade do jornal de Aniceto Machado. A clientela da horoscopista então se multiplicou. Afora as consultas individuais, ocorriam freqüentes reuniões astrológicas em sua casa, ocasião em que expunha seus vaticínios políticos de ordem geral, misturados a previsões amorosas, financeiras e médicas.

Os freqüentadores mais assíduos dessas reuniões, num primeiro momento, foram algumas moças e o poeta Jerônimo Maia.

Censurado por amigos, não encontrou o vate outra explicação para seu pecado, senão atribuir tudo ao álco-

ol. Tinha bebido muito e...

Seus admiradores não se conformavam com a desculpa: admiravam-se de ver um poeta metido com essas porcarias.

Apesar da indignação de alguns, a freqüência à casa de Jurema crescia cada vez mais. E não eram mais bêbados ou poetas conduzidos pela ebriedade os principais ouvintes da pitonisa. Batiam à sua porta homens mais idosos, senhores mais conceituados, a maioria comerciantes e casados.

Pois Jurema convenceu Hilda Vale a acolher Ana Souto e suas raparigas para os quadros da Associação Cristã de Defesa da Honra. Um escândalo para as senhoras mais católicas.

Afora o nhenhê pela cidade, a discórdia invadiu a primeira reunião da associação após a notícia escandalosa. Alegavam algumas associadas que a pureza da entidade seria torvada pela presença de certas indesejáveis damas. E exigiam: as outras, isto é, as mulheres de vida fácil, ou elas, as senhoras católicas.

A reunião se realizava na casa de Hilda e dela participava também Emílio, na simples condição de marido da presidenta da associação e da anfitriã. E de opinante: não via por que também Dona Jurema devesse ser excluída da entidade.

As dissidentes acusavam Jurema não tanto de se dar ao ofício de adivinhona ou de não ter se casado, mas, sobretudo, de querer transformar a associação numa casa de tolerância.

Emílio saía em defesa da pitonisa: de acordo com o seu conhecimento, Jurema parecia ser uma senhorita muito pura.

Entretanto, para as mais católicas, Jurema não parecia mais digna do que a caftina Ana Souto. Uma recebia homens, até mesmo casados, em sua casa, enquan-

to a outra...

A reunião chegou ao fim em clima de cisma. Para Hilda, o crescimento popular da associação dependia de pessoas como Jurema. Quanto a Ana Souto, essa ela não conhecia.

O pior, no entanto, aconteceu na reunião seguinte, quando todas as novas associadas estiveram presentes. Mal teve início, uma delas pediu a palavra para pregar contra o ingresso na associação daquelas a quem chamou de "mulheres sem moral". Num minuto, a sala da Associação Comercial virou uma babel. Ana Souto desfiou um rosário de palavrões contra suas desafetas. Em contrapartida, choveu sobre ela uma saraivada de insultos igualmente obscenos. Bando de beatas! Cachorra do Potiú! Santinhas do pau oco! Porca safada!

A sede da Associação Comercial virou um campo de batalha, com empurrões, bofetadas, pontapés e toda a sorte de agressões físicas.

Ao final da refrega, havia vestidos rasgados, tufo de cabelos e pingos de sangue pelo chão, botões perdidos debaixo das cadeiras caídas e quebradas, e uma desordem sem tamanho na sala dos comerciantes.

O saldo político, ainda assim, foi positivo. Em vez de se esfacelar, a agremiação dividiu-se em duas. Uma parte decidiu abandonar a ACDH e fundar uma segunda entidade — a Associação das Mulheres de Palma, a AMUPAL.

Com pouco tempo, a nova entidade já congregava mais mulheres do que a antiga. Além disso, só participavam dela senhoras casadas, católicas praticantes, conforme queria padre Gregório, e cujos maridos gozassem de prestígio e tivessem autoridade em Palma.

Para desgosto de Hilda e Jurema, a Associação Cristã definhava dia a dia, em amorfas reuniões regadas a chá e signos do zodíaco, nas casas de uma e outra.

A primeira grande defecção nas hostes da enfraquecida ACDH se deu no dia seguinte à reunião que resultou na criação da AMUPAL. Uma viúva malfalada renegou mesmo a menor amizade com as mulheres do Potiú e com a mentora do imoralismo organizado, a adivinhadeira Jurema Bandeira. Uma bruxa!

E passou de armas e bagagens para a AMUPAL, com direito a sentar-se ao lado da mulher do prefeito e fazer discurso.

Enquanto isso, a ACDH passava ao controle total de Ana Souto, em eleição realizada para a escolha da nova diretoria. E sua primeira medida se deu ao levar o resto das raparigas da cidade para o seio da associação, a fim de transformá-la em sindicato.

Para o comunista Josias Nóbrega, pela primeira vez um patrão organizava um sindicato de trabalhadores. Jerônimo Maia completava o gracejo: o SOS, Sindicato das Operárias do Sexo.

A vitória de Ana se deu com os votos e o trabalho de persuasão das meninas de sua casa, tido pela maioria dos homens de Palma como o melhor cabaré da cidade.

A fama da casa se devia ao cuidado de Ana em manter um plantel variado e constituído de mulheres novas, bonitas e provenientes dos lugares mais distantes de Palma.

Quando se tornou presidenta da Associação Cristã de Defesa da Honra, a sexagenária proxeneta contava em sua casa com cerca de dez garotas.

A atração secreta de Ana chamava-se Mariazinha, uma ninfeta escondida debaixo de sete chaves e reservada para alguns de seus amigos. Antes de Mariazinha, muitas outras meninas viveram sob os cuidados de Ana Souto, até se tornarem públicas como as mulheres do salão e depois desaparecerem num trem madrugador.

Vivia junto com as raparigas um rapaz chamado

Nicanor, o alvo predileto da molecada, quando aparecia pelo centro de Palma. Com a agitação política a tomar conta da cidade naqueles dias, passou a desfrutar de maior liberdade e chegou a participar de reuniões da Associação, embora como simples observador. Queria se associar, choramingava o coitado aos pés da patroa.

Hilda Vale ainda travou uma batalha contra Ana Souto, antes de abandonar a entidade por que tanto lutara. Não aceitava de maneira nenhuma a inclusão do nome de Nicanor entre os membros da ACDH.

Integrada na sua maioria por mulheres da rua, a associação, contudo, votou pelo deferimento do pedido. A gota d'água, segundo Hilda.

Um mês depois, as duas foram recebidas de braços abertos na AMUPAL, e Ana Souto deu por extinta a ACDH.



SEGUNDA PARTE

A primeira reunião do Movimento não aconteceu. E não fosse Jurema, nem amenidades teria conversado naquela noite o desapontado Emílio. Dos mais de dez convidados, só apareceu a horoscopista, mais alheia ao motivo do encontro do que a criada do anfitrião.

A reunião havia sido marcada para depois da hora da janta, logo após o escurecer. Jurema Bandeira, no entanto, naquele dia não jantou e saiu a estirar sombras pelas calçadas.

Enquanto se sentava, vagorosamente, no sofá, olhou para a criada: avisasse o professor de sua chegada. E se pôs a admirar os quadros pendurados à parede.

Mal sentou-se, apareceu Emilio à entrada da sala, a ruminar. Ela se ergueu, às pressas: chegara cedo demais, ou não?

O anfitrião lhe pediu para ficar à vontade, enquanto acabava de se arrumar. Queria ver televisão?

Um gato arrastou-se pelo canto da parede, rabo erguido feito uma lança, olhos fitos na visita.

Agarrada a três livros e um caderno, Jurema sondava tudo ao mesmo tempo: as pinturas, o rabo do gato, os olhos de Emílio, a televisão. O homem voltou ao interior da casa, a falar alto: os outros convidados deviam estar para chegar. Raimunda, ô Raimunda! — gritava o homem. Jurema se assustou. Não se incomodasse com ela.

Uns passos pesados e tortos anunciaram a chegada da criada, a dizer ao patrão que estava às suas ordens. Dissesse a Dona Hilda para fazer sala, enquanto terminava de se aprontar.

Jurema voltou a falar do incômodo de ter chegado muito cedo. Talvez fosse melhor dar uma voltinha. Quem sabe, encontrava algum dos outros convidados. Emílio,

em pé, ajeitava o colarinho branco: de jeito nenhum.

A figura alva e corpulenta de Hilda apareceu por trás de Emílio, toda sorrisos e perfumes. E, a seguir, ele se retirou, com promessas de não se demorar. A anfitriã se acomodou diante da visita. Tinha lido sempre a coluna de Jurema no jornal. E o que achava dela?

A mulher de Emílio parecia matraca, cheia de gestos, a voz sibilante a retinir pela sala. E Jurema se pôs de novo a admirar os quadros da parede, a cabeça a girar de um lado para outro, a testa franzida, a boca semi-aberta. Sobre uma mesa a televisão enorme e sem vida refletia a luz pendurada do teto. Umhas flores artificiais coloriam a mesinha de centro. Havia esterco natural de mosca sobre pétalas, corolas, pistilos. A dona da casa fitava a pitonisa: adorava também poesia, de preferência romântica. Jurema também. E tratou a matrona de Dona Hildinha.

Mal Emílio reapareceu, a visita interrompeu a falação de Hilda para perguntar se as pinturas penduradas à parede eram obra dele mesmo ou de outro pintor. Ele sorriu e, dirigindo-se aos quadros, fez a apresentação de cada um: *Rochas Brancas*, de Caspar David Friedrich, um dos maiores românticos alemães. Visse aquelas figuras humanas, a mulher à esquerda...

No meio do elogio, Hilda pediu licença para se retirar. Precisava dar umas ordens às criadas.

Emílio, em voz alta, deu ordens. Mandasse a Raimunda servir um café, quando todo mundo tivesse chegado. Hilda parou a caminho do corredor. Ora, o homem tinha exigido: não queria ser interrompido durante a reunião.

Ele, sorrindo, brincou: e quem disse que Raimunda ia entender alguma palavra deles?

Voltou-se para Jurema. Depois para os quadros e continuou a explanação interrompida: Konrad Witz, ou-

tro gigante... Um carro em disparada obscureceu a voz do dono da casa. Os olhos de Jurema entraram por sua boca. Ele se pôs a pigarrear, tossir. E justificava a tosse, tossindo: parecia ter engolido um mosquito.

Sobre o quadro seguinte a luz da lâmpada incidia diretamente. O homem e a mulher se puseram a espiá-lo de todos os ângulos. Deviam ser muito caros, ou não? Não, apenas reproduções.

Jurema examinou os botões da camisa de Emílio, os sapatos, a calça, a braguilha, o relógio. Que horas já eram? Ele agradeceu o tratamento de professor. Em alemão se dizia *lehrer*.

Eram 18 horas e 58 minutos.

Retornaram ao centro da sala. Emílio só faltou sentar-se em cima dos livros da visita. Pertenciam a *Frau* Jurema? Sim, queria ver?

O de cima trazia letras pretas — *Horóscopo Moderno* — sobre fundo vermelho. O do meio — *Os Astros e o Destino das Pessoas* — apresentava como capa uma cabeça humana a confundir-se com um planeta. O de baixo — *Curiosidades da Astrologia* — parecia o mais volumoso de todos.



O único a saber da tal "primeira reunião do Movimento" era o próprio Emílio. Os outros só tinham uma certeza: iam participar de "uma" reunião e nem sequer tinham ouvido falar de algum Movimento. Jurema, então, mal teve de tempo de saber se se tratava de "reunião".

O convite de Emílio não explicava nada: amanhã em sua casa de novo.

Jurema havia sido convidada por acaso. No dia anterior à reunião estivera na casa de Emílio. Precisava ler urgentemente uma biografia de Joana d'Arc. O ex-ma-

gistrado se sentiu preocupado: não tinha bem certeza, mas talvez ainda guardasse um Sainte Jeanne d'Arc. Encaminharam-se ao escritório, repleto de estantes, com uma escrivaninha ao centro e muitas cadeiras ao seu redor.

Enquanto Emílio passava a vista pela lombada dos livros, Jurema vasculhava todo o ambiente com olhos de adivinhona. Houvera reunião ali?

A santa não apareceu, nem Emílio encontrou uma só justificativa para a disposição das muitas cadeiras no escritório. E, assim, terminou incluindo Jurema no rol de seus escolhidos a dedo para a solenidade secreta de criação do Movimento de Defesa da Liberdade, da Família e da Propriedade. Apesar disso, não adiantou uma palavra sequer. Apenas o convite para que ela voltasse no outro dia.

Jurema gracejou: talvez assim ele achasse Joana d'Arc.

A neta de Tamanduá Bandeira passou o resto do dia e o seguinte a fazer suposições. Que diabo queria o professor com ela? Ora, só podia ser para saber da vida futura, através dos astros. E por que não ia à casa dela, como faziam os outros? Certamente tinha vergonha. Um homem tão culto, tão vivido, metido com horóscopos! E se fosse para tratar de outro assunto? Sugestões para a coluna astrológica no jornal do comendador, por exemplo. Ou para falar de seus filhos. Não devia querer tratar do futuro dele mesmo. O velho nem sequer falava da vida dos filhos.

Decidida, arrebanhou livros e cadernos de horóscopo, recortes de jornais e revistas recentes, e zarpou para a casa dos enigmas.



Emílio ia e vinha pela sala, todo de verde, como

noutras eras. Finalmente podia realizar seu grande sonho, interrompido na juventude. Jurema se impacientava: podiam começar? Espantado, ele fitou a vista nela, sorriu e voltou a passear entre poltronas e sofás. Não, os outros ainda não tinham chegado. E tratava a visita de "minha amiga", dizendo-se muito feliz e a esfregar as mãos uma na outra.

O tempo passava e nada de aparecerem os demais convidados. Jurema alisava os livros, já completamente convencida de que não tratariam sequer de estrelas naquela noite. E se enchia de curiosidade: quem mais tinha sido convidado?

A reunião havia sido marcada para as sete horas da noite, após o jantar, e os convites Emílio os fizera pessoalmente, de forma sigilosa e até misteriosa. Ao prefeito falava ao ouvido: ia ou não ia? Prometia ir, mas precisava saber direito do que se tratava. Emílio dava explicações vagas: urgia tratar do futuro de todos, da cidade, do país. Coisa muito séria. E cochichava aos ouvidos do interlocutor: não fosse dizer que não sabia como andava a situação.

O mistério não podia ser desfeito no meio da rua, em salas de estar, nos cafés. Além do mais, com todos reunidos seria mais fácil lançar a idéia de criação do Movimento. O outro se mostrava impaciente: por que não conversavam ali mesmo, naquele momento?



Passada uma hora, Emílio se tornou mais inquieto, indo e vindo à janela espreitar a rua. Não, ninguém aparecia. Ninguém na rua àquela hora.

Jurema voltava a insinuar: podiam adiantar o assunto. Não, não podia. Só quando todos chegassem. Além de ser tudo muito complexo, a sua fala ia levar horas. Tivesse paciência, aguardasse mais um minutinho. O

professor, em vista do atraso dos outros, não queria saber como seria sua vida dali para a frente?

Quase duas horas depois da chegada de Jurema, vistas e revistas as pinturas alemãs, passados e repassados os livros dela, tocados e retocados os móveis da sala, deu Emílio para esfregar as mãos, passar o lenço na testa, olhar o relógio de minuto a minuto. Que teria acontecido? Fizera mesmo o convite para aquele dia? Pela centésima vez levantou-se do sofá, correu à janela, sondou um lado e outro da rua. Vinha alguém lá. Parecia o comendador. Chamou Jurema para confirmar o fato. Durante uns segundinhos os dois fuzilaram o caminhar com olhares de esperança, quando Jurema se pôs a jurar: nenhum comendador podia ter quatro pernas firmes e um rabo agitado. Não duvidava: em outra encarnação talvez aquele jumento tivesse recebido comendas do sumo pontífice.

Sentados de novo um diante do outro, os dois ainda trocaram cinco ou seis frases de espírito e depois voltaram a falar dos quadros da parede. Qual o mais famoso? Talvez ela só conhecesse um ou dois deles. Verdade ou não? Para ser franca, não se considerava profunda conhecedora do assunto. Por exemplo, Leonardo da Vinci...

Olhos fitos na rua, a esfregar as mãos, Emílio só interrompeu a aula de modéstia e a ignorância de Jurema para saltar alguns séculos e milhares de quilômetros. Deviam estar todos em suas casas. Como assim? Não já morreram?

Ao se aperceberem da desconformidade de suas falas, riram e até gargalharam. Passada a euforia, Jurema sugeriu, de novo, que dessem início à reunião. Assim não ficava falando de pintura à toa. Além do mais, adiantavam as coisas. Por exemplo: qual o objetivo mesmo da reunião? Emílio lhe fizera o convite tão de última

hora! Não sabia nem por que se encontrava ali.

Emílio, como se nada ouvisse, a esfregar as mãos, passar a língua nos lábios, os olhos perdidos na imensidão da sala, despertou com a insistência de Jurema, caderno aberto sobre as coxas, caneta empunhada, a fitar a vista insistentemente nele: iam fundar um partido? Era isso? Hein? Um partido?

O homem quase pulou do assento, olhos arregalados, boca aberta, mãos crispadas. Quem falou aquilo para ela? Que partido, Dona Jurema?

Ela se contraiu no sofá, largou a caneta, que rolou para debaixo da mesinha das flores artificiais, baixou a vista. E ele aos poucos se acalmou, baixou o tom da voz, amiudou os olhos. Não, a coisa não chegava a ser complexa; pelo contrário, muito simples. Achavam-se ali reunidos com objetivos mais humanitários do que políticos. Queriam apenas promover a união das pessoas de bem da cidade, fazer com que se ajudassem umas às outras, porque todos tinham os mesmos interesses e não deviam permanecer separados uns dos outros...

Cravados nos lábios trêmulos e sem sossego de Emílio, os olhos de Jurema pareciam não entender nada, como se as luzes tivessem sido apagadas e pela sala as palavras voassem incontrolavelmente misturadas, feito miríades de mariposas. Entendia tudo, sim, senhor.

No entanto, sem se aperceber mais do que falava, Emílio se pôs a fazer suposições. Teriam todos se erguido contra seus planos? Mas não, não havia revelado nada. Teria falado em sublevação, sedição ou alguma palavra mais forte?

Mais tarde, após Jurema ter se retirado, perguntou a Hilda se em algum momento falou em revolução.

A pitonisa sentia-se cada vez mais cheia de si, por ter sido a única a comparecer à reunião. E até se decidiu fazer comentários sobre os outros convidados de

Emílio, mesmo os mais intocáveis. O comendador devia estar rezando àquela hora. E voltou a insistir: a reunião se devia iniciar logo. Ora, dois podia ser um número suficiente para a realização de qualquer reunião. Quem não havia comparecido demonstrava não estar interessado em participar de encontros sérios. Política? O dono da casa não respondia claramente, como se não confiasse em Jurema. Queriam apenas fazer com que as pessoas se unissem em torno da verdade e da lei.

E mais uma vez ia à janela. Talvez chegassem todos juntos, para causar surpresa. Talvez em fila, por pura brincadeira. Aquilo não parecia o ônibus? Não, aquilo eram dois meninos.

De volta ao escritório, Jurema se pôs a namorar a lombada dos livros e a ler em voz alta: *Der gute Mann, Das alte Berlin, Bis wann?*... A pronúncia não era aquela, reclamou Emílio. Queria ouvir um poema em alemão? Não ia adiantar nada, ele não achava? Melhor seria começarem logo a reunião. Dissesse pelo menos qual o assunto central.

Emílio passeou pela sala, acariciou a lombada de alguns livros, retirou os óculos do rosto e durante uns cinco minutos não parou de falar. Imaginasse Jurema um campo onde vivessem os animais, soltos, na maior anarquia, sem um dono, indomáveis, brutos. Como achava que os bichos viviam? E qual o futuro deles? Um dia seriam domésticos e poderiam andar pelas ruas, sem morder ninguém?

Disse mais uma porção de palavras, cheias de interrogações, exclamações e paradas bruscas. Quando fez uma pausa para descansar, Jurema tomou conta da palavra e resolveu fazer predições políticas. Os nascidos sob os signos de escorpião e virgem gostavam de ser mandados, enquanto os... Aquarianos?

◆

Os temores de Emílio não se dissiparam logo. Na primeira noite nem conseguiu dormir direito. Teve pesadelos, acordou sobressaltado várias vezes, tentou ler. Ao amanhecer o dia, correu às casas de todos os convidados à sua reunião. Queria saber das novidades. Talvez tivesse ocorrido o pior enquanto dormia. Aniceto Machado o sossegou: no seu entendimento, tudo permanecia como sempre.

Restava saber por que ninguém, exceto Jurema, havia comparecido à reunião.

E já na segunda noite alcançou o sono, após contar tudo a Hilda. Verdade atrás de verdade. Antes, leu uns jornais, viu televisão e ouviu uns minutos de Wagner. Ao entrar para o quarto, fechou a porta, como de costume, embora não houvesse mais ninguém em casa, a não ser a empregada, a dormir num quartinho aos fundos da casa. Hilda se penteava e o examinou pelo espelho da penteadeira. Ele abriu a rede e sentou-se. Não ia dormir naquele momento? Emílio passou a perna esquerda por cima da rede e abriu um livro sobre o peito. Não, não ia dormir logo. Só quando tivesse sono. Além disso, queria reler um trecho de Schopenhauer. Em alemão? Não, em português mesmo. E olhou de viés para a mulher. Não conseguia ler direito um homem daqueles em alemão. Ela disse não ter entendido a resposta. Ora, o seu alemão não chegava a ser suficiente para o fazer entender Schopenhauer no original.

Deu um impulso à rede, com o pé no chão, colocou um dedo entre as páginas e fechou o livro. Não suportava traduções. Especialmente dos alemães.

Hilda vestia a camisola, vagarosamente, os olhos em si mesma, duplicada pelo espelho. Emílio disse ainda duas ou três frases sobre filosofia e poesia, recheadas de Kants e Rilkes. Depois se calou, freou a rede e

reabriu o livro. A mulher interrompeu de novo a leitura: Já conseguira falar com todas as pessoas que não atenderam o convite? Sim, conversara com todo mundo. E cada um lhe dera uma desculpa diferente. Fechou o livro e, a rir, prosseguiu: queria ouvir as palavras ditas por Eunápio?

Hilda não parava de se arrumar, num ritual decorado e metódico, cheia de gestos lentos e caretas medidas.

O safado não pôde comparecer à reunião porque precisou atender um doente grave. Só não disse o nome do doente, se melhorou, se morreu. E ele, Emílio, nem se interessou por aquilo. Hilda deu as costas ao espelho: o marido não acreditou naquela história, ou acreditou? Emílio sorriu, deu novo impulso à rede, os armadores rangeram e a mulher se pôs a perfumar-se. E qual a desculpa de Lucas Thaumaturgo? Alegou ter esquecido o dia da reunião. Além do mais, precisava pôr em dia a correspondência. Sobretudo com a namorada portuguesa. Emílio acreditava naquilo?

O homem parou bruscamente de se balançar, ergueu o busto, permanecendo escanchado na rede, e virou o rosto para a mulher. Então ela não sabia das manias do rapaz? Até os cães sabiam que ele só vivia para escrever cartas. Ela voltou a se mirar: perguntara se ele acreditava na existência da tal namorada.

Emílio abriu de novo Schopenhauer e, com manha, se pôs a dizer frases sobre frases a respeito da esquisitice humana, das obsessões e manias, como se lesse em voz alta o livro. No meio do discurso, fechou o compêndio, voltou a ir e vir no espaço do quarto. Hilda se virou para ele. Podia continuar a ler o filósofo.

Os armadores rangiam de novo, numa cantiga monótona de grilos dentro de casa. Se não fosse Jurema, a sua atenção... O homem riu, freou outra vez a rede com

o pé e mirou os cabelos da mulher, a se pentear sentada numa banquetta. Pois preferia que também ela não tivesse ido. Fez-se sério e mudou o olhar para a cama. Para falar a verdade, teve algum medo quando percebeu que nenhum dos outros iria. Passaram-se pela cabeça não sabia quantas suposições horríveis. Até a de que todos tivessem sido presos, e ela, Jurema, fosse um agente do governo e dos comunistas.

Hilda se pôs a rir e se voltou para o marido. Coitada de Jurema, apenas uma pobre escritora de horóscopo, elevada à categoria de espã.

Ele fechou o livro. Para o atormentar ainda mais, Jurema caiu na besteira de dizer que, segundo os astros, estavam para ocorrer grandes desgraças, até com derramamento de sangue. E desde quando ele acreditava em previsões daquele tipo?

Emílio passou uma perna por cima da rede, levantou-se, caminhou pelo quarto, jogou o livro sobre a penteadeira, retirou os óculos do rosto e levou as mãos aos olhos. Às vezes as pessoas acreditavam em tudo. Dependia da ocasião.

Continuou a passear pelo quarto, enquanto Hilda abandonava a banquetta e se sentava à beira da cama. Por que ele convidou aquela mulher, se não tinha confiança nela?

Emílio contou então em detalhes uma versão da visita da horoscopista à sua casa. Pegou o *Saint Jeanne d'Arc* e, no meio da leitura, ela o interrompeu para perguntar para que tantos acentos. Muito engraçado. Na imaginação dele, Jurema se referia aos acentos do francês, quando, na verdade, aludia às cadeiras ao redor da mesa de trabalho. Na hora só veio uma resposta: o francês era assim mesmo. Ela não havia entendido, ele percebeu a confusão e confessou instintivamente: ia receber uns amigos. E a confusão prosseguiu quando ela

perguntou se eram todos franceses. Não, de lá mesmo, ele respondeu. Por esse motivo não pôde mais esconder nada e até se desculpou por ainda não ter feito o convite a ela.

Emílio apanhou de novo os óculos e o livro e se dirigiu à rede. Para complicar mais a cousa, não explicou o motivo da reunião, nem ela fez pergunta. Lembra-se apenas de ter dito: seria uma reunião política.

Hilda se deitou, perguntou se o marido não ia dormir, anunciou já ser muito tarde. Sabia da hora, mas ia ler um pouquinho só.

E reabriu o livro diante dos óculos.



Numa das primeiras reuniões decidiram os sediciosos buscar novos adeptos para a causa. O comendador fez sugestões: que tal o filho do finado Thaumaturgo? Jurema Bandeira apresentou uma alegação significativa: pela língua do povo, o rapaz não passava de um doente. Houve reação à proposta e pelo resto da reunião não discutiram outro nome.

No vaivém das palavras, chegaram à namorada estrangeira de Lucas, a tal de Leonor Teles, herdeira de nobilíssima casa portuguesa. Emílio do Vale pronunciou uma frase lapidar: um homem daquele não podia ser doente.

Ao final do encontro, concordaram todos em convidar o ilustre palmense a integrar os quadros da organização.

O chefe definiu: tomaria posse na próxima reunião.

Restava saber se o rapaz aceitaria o convite ou quem seria capaz de convencê-lo a aderir à sedição. Sim, havia necessidade de bons argumentos para persuadir as pessoas a se juntarem a eles, "guardiães da pátria". A experiência vinha demonstrando: sem isso, não conseguiri-

am jamais passar de quatro gatos pingados.

O comendador-prefeito iniciou um discurso: diziam que o diabo não era tão feio...

Emílio interrompeu a fala do ancião e se exaltou: pois deviam pintá-lo mais feio ainda. Sim, precisavam assustar as pessoas, fazê-las virem no Movimento a única salvação diante da catástrofe a se avizinhar.

Olhos esbugalhados de horror, Aniceto Machado bradava: ou agiam logo e com coragem, ou os comunistas tomavam conta de tudo.

Todavia muitos não acreditavam naquela história. Geralmente pessoas simples, sem nenhum estudo. E se essas não se convenciam da necessidade de se prepararem para uma provável guerra civil, o diabo então seria enfrentar os contra-argumentos de um ex-seminarista.

Emílio se fez desconfiado. Eunápio não andava argumentando em inglês?

O médico deu o revide: pior seria se andassem falando alemão.

Nada de desentendimentos internos, aconselhava o comendador. Urgia descobrir o modo certo de persuadir Lucas a abraçar a causa da salvação nacional. Sim, pessoa tão importante não podia permanecer no ostracismo. Além disso, o inimigo andava farejando inteligências e seria capaz de bater primeiro à porta do rapaz.

Emílio se mostrava preocupado com a situação. Alguém já viu Josias rondando a Avenida Proença?

Decididos a atrair Lucas para o Movimento, durante dias e reuniões os sediciosos estiveram às voltas com as mais fantasiosas idéias. Uma delas propunha escreverem uma carta ao rapaz, como se fosse do punho de Leonor, rogando-lhe sua adesão ao grupo. Eunápio explicava: nenhum homem recusaria um pedido da amada.

Para melhor execução do plano, a carta seria passada a limpo por mão de moça. Assim, mais facilmente

Lucas acreditaria estar recebendo carta de Leonor.

Emílio, no entanto, se pôs contra a idéia do médico, alegando ser desonesto envolver uma inocente naquela tramóia e... Além do mais, o tiro podia sair pela culatra. Sim, Lucas desconfiaria da caligrafia, do estilo, da inoportunidade do assunto e terminaria um inimigo perigoso do Movimento.

Não teve necessidade de usar de artifícios e muito menos de argumentos políticos para seduzir o rapaz aos propósitos da entidade. Procurado por uma comitiva encabeçada por Emílio do Vale, ele a recebeu mui gentilmente, mandou a criada servir sucos de frutas variadas e ouviu com singular atenção as palavras dos visitantes.

Emílio se sentia satisfeitiíssimo com o resultado da investida. Como se dizia em alemão, *aller Anfang ist schwer**.

Cada um procurava acertar à sua maneira e, por alguns minutos, a sala comportou teorias, geografias, filosofias e histórias de todos os quadrantes do saber.

No capítulo das amenidades, Emílio recitou uns versos de Pessoa, falou do amor e enalteceu Portugal. Passou à pessoa de Salazar, lembrou Sardinha, saltou a Arriaga, e passo a passo retrocedeu às Descobertas. Mais um minuto e estava de volta ao século XX e ao Brasil.

E terminou enfurecido: hoje se dava aquilo. Amanhã, se não reagissem, em vez de dizerem a poesia de Fernando Pessoa, declamariam os gritos de Maiakóvski.

Padre Gregório, enquanto sorvia o segundo copo de suco de graviola, de sua cadeira, se pôs a gritar: de qualquer forma, iam evitar a catástrofe. Meia hora depois, Lucas prometia comparecer à próxima reunião do grupo.

* *Todo o começo é difícil.*

Despediram-se, satisfeitos e mais palavrosos, e o anfitrião voltou às suas cartas.

No dia da próxima reunião, porém, o tão esperado novo adepto não saiu de casa. E seus amigos ficaram a ver estrelas. A cochilar, Emílio queria saber das horas. A babar, o juiz falava em mais de doze.



Muitos foram os convidados a ingressar no Movimento, contudo nem todos ouviram com bons ouvidos as palavras da sedição e disseram "nãos" categóricos, enigmáticos, crepusculares, das mais variadas colorações.

No entender de Emílio do Vale, a entidade deveria congregiar apenas homens, pois não havia em Palma nenhuma mulher importante ou merecedora de maior atenção.

O prefeito indagou se nem as professoras mereciam atenção. Para Emílio, um riso de deboche por trás dos óculos, todas não passavam de umas analfabetas.

Nem também as freiras do colégio, por mais influência que exercessem sobre as moças da cidade.

A própria Jurema — a exceção despercebida — tratou de contribuir com uma hipótese para a antologia de sarcasmos às suas colegas. E se arregimentassem as esposas deles para o grupo?

A segunda exceção custou a se dar. Primeiro nasceu a Associação Cristã de Defesa da Honra, da cabeça (ou do coração) de Hilda Vale — para onde também acorreu, depois, a horoscopista Jurema.

Com o passar dos dias, sentiram os membros do Movimento necessidade de ampliar o quadro de seus associados, a fim de levar a sedição a todos os rincões, como dizia Emílio. Na exaltação de Eunápio Calado, gente de toda a cidade, de toda a região, de todas as redonde-

zas, dos sítios, bairros, becos e ruelas esquecidas.

Aniceto se disse preocupado com aquilo: até do Potiú? Sim, até as mulheres da vida deveriam se unir aos sediciosos na luta contra o comunismo ateu.

E assim o nome de Ana Souto se inscreveu no rol daqueles a serem chamados a lutar pela liberdade.

A entidade contava então com mais de uma dezena de membros, até mesmo com um protestante, arquiinimigo do comendador Aniceto e do padre Gregório. Desse modo, nada mais natural do que contar também com os préstimos da dona do cabaré.

O prefeito, no entanto, não concordava com a proposta. Ora, aquela mulher não entendia nada de política. Jurema provocou risos ao perguntar como ele sabia daquilo. Convencidos todos da oportunidade e necessidade de terem a adesão de Ana, sugeriram alguns encarregar Lucas da missão de fazer-lhe formalmente o convite.

Pelo argumento de Aniceto, o rapaz, sendo solteiro, podia ir até lá. Eunápio fez brincadeira: por que casado não podia ir? Ora, o emissário não deveria ir além do convite.

Segundo as instruções recebidas, Lucas tinha de dizer à mulher o seguinte: os comunistas se preparavam para tomar o poder e, se o fizessem, a primeira medida seria acabar com a prostituição.

Lucas, sentado diante de Ana, argumentava: ora, nós defendemos o ganha-pão de vocês.

Contudo, a conversa não durou muito. A caftina interrompia constantemente o discurso dele, ora para expor suas opiniões, ora para fazer pergunta. Por acaso tinha alguma palavra sua naquela história de comunismo?

Lucas falou-lhe do Movimento, de seus objetivos políticos, de táticas e estratégias e, sobretudo, de seus integrantes. E de ter sido encarregado de convidá-la a

ingressar na entidade. Sim, aceitava com muita honra o convite. Por amizade e consideração às pessoas citadas por ele.

No entanto, Ana Souto não teve a honra de participar de uma só reunião do grupo. Não dispunha de tempo, nem podia largar seu posto justamente quando o movimento começava em sua casa, com a chegada dos primeiros clientes. Chamava Nicanor: dissesse a Emílio que não podia comparecer à reunião. Melhor marcar aquelas sessões para de tarde. E lá corria o rapaz à casa do professor, a rebolar-se pelas calçadas.

Apesar disso, o serviço de Lucas não foi em vão. Pois Jurema enfiou na cabeça de Hilda a idéia de convidarem Ana, a quem queria porque queria conhecer, a participar da recém-criada ACDH. A mulher de Emílio se exasperava: de jeito nenhum. Como podia uma sociedade de defesa da honra acolher uma caftina, uma pessoa do pecado e, além disso, sem nenhum entendimento político? A horoscopista contra-atacava: Ana podia ser tudo, menos uma ignorante em política. Do contrário, não pertenceria ao Movimento.

Esta revelação deixou Hilda furiosa e estupefata ao mesmo tempo. Aquilo só podia ser obra de Emílio.

Jurema insistia: bastava colocar Ana no lugar certo: entre as mulheres.

Dias depois, a neta de Tamanduá Bandeira saudou a caftina, em discurso escrito à luz da astrologia e da Bíblia: "Bendita sois entre nós".

Antes desses fatos, contudo, muita conversa tomou conta do escritório de Emílio, num primeiro momento, e da Associação Comercial, posteriormente, quando o número de associados passou a exigir mais espaço e cautela.

Do lado de fora também a conversa corria solta, de graça, fiada. Os sediciosos não perdiam tempo e cercavam os supostos simpatizantes de sua causa, a toda hora

e em todos os lugares, com promessas, propostas, convites: nos armazéns, entre sacos de café e rolos de fumo; nos consultórios dentários, entre uma extração de dente e um grito; nas padarias, entre o pão e a mão; no gabinete do prefeito, entre um ato e um fato; nas alfaiatarias, entre cortes e cortesias; nas farmácias, entre receitas e despesas; e, sobretudo, nas barbearias, entre barbas e bigodes.

Às vezes, juntavam-se dois, três ou mais fundadores do Movimento e partiam à caça de novos associados. Em alguns casos, porém, um só sedicioso se encarregava de fazer o cerco a determinada pessoa. Assim, ao juiz coube a tarefa de seduzir o promotor de justiça. De preferência no fórum, entre autos e móveis. E durante o expediente.

Emílio do Vale dava garantias: ninguém ia desconfiar de nada. O doutor Frederico Santos coçava a cabeça: mas como se lembrar de cumprir sua segunda missão, se os processos se acumulavam dia a dia, as audiências se repetiam, os funcionários não tiravam os ouvidos das paredes?

Cochichava ao ouvido do promotor: tinham assunto sério a tratar. Fosse à sua casa mais tarde — ordenava, enquanto soprava fumaça no rumo das moscas.

Encerrado o expediente, o juiz ou se metia a parolar na sala do prefeito, ou sentava-se à mesa do Café Progresso, a bebericar. E nem mesmo uma lembrancinha do promotor. Quando voltava para casa, a custo, a noite a dançar entre as sombras de seus passos, encontrava a mulher a choramingar e ralhar. Assim ele tratava os amigos, hem! Sim, havia esquecido o doutor. E tanto assunto urgente a tratar! Ela se mostrava zangada: onde ficava naquela história? Ele arranjava desculpas: ela nunca saiu do seu coração.

Uma vez ela o chamou de palhaço de toga. Ele ha-

via tropeçado em si mesmo, esbarrado na estante e derubado o *Mein Kampf* de Emílio.

Mais ou menos pelo trigésimo dia, Frederico saiu para o gabinete do prefeito e não conseguiu tirar o promotor da cabeça. Correu para o café e nem assim apagou da retina a imagem do colega. Acendeu mais um cigarro e voou para casa. Na sala, animados e bem sentados, sua mulher conversava com o doutor. Falavam de processos, atarefadíssimos. Ela se assustou e se ergueu do sofá: dizia ao doutor o seguinte — não agüentava mais aquela vida clandestina. Referia-se à circunstância de não advogar às claras, em razão de ser esposa do juiz. O magistrado gaguejou uma frase obscura, um brocardo em desuso, apagou um cigarro no cinzeiro, pediu licença para se retirar por um minutinho, voltou com dois copos quase cheios e sentou-se junto à mulher. Entregou um dos copos à visita e brincou: nossa lei não é seca, não é mesmo, doutor? Falaram mais de autos e devassas, enquanto faziam brindes e se retorciam nas poltronas. A dona da casa sorriu, a retirar-se da sala. Pediu desculpas, mas a obrigação a chamava. A retirada dela serviu de motivo para mudarem de assunto. Frederico se pôs a falar: como dizia, a situação política... A frase só se completou, bom tempo depois, ao lembrar-se do copo preso na mão — ... a ameaça às instituições. Das cento e poucas palavras pronunciadas, algumas o foram com mais ênfase, quase aos gritos. Uma, entretanto, mereceu maior destaque — COMUNISMO — e então o copo se espatifou, o cigarro se consumiu, o juiz enrouqueceu. E o promotor estremeceu. Não, não queria se envolver em intrigas políticas. Aquilo não conduzia a nada. Só aborrecimentos.

No entanto, daquela vez o promotor não se deu por vencido. O magistrado precisou ainda virar muitos copos, queimar quilômetros de cigarro e, sobretudo, expe-

lir toneladas de frases antigas, para provar ao outro que o melhor caminho levava a Washington.

Não durou muito, porém, a resistência do promotor, e já na segunda reunião do grupo fez um discurso empolgante, como se estivesse no júri, a pedir a condenação de um criminoso imperdoável.



Outros resistiram mais bravamente aos assédios do Movimento, como o médico mais antigo da cidade. Nunca aceitou sequer trocar a ciência de seus livros pela sabedoria de seus conterrâneos. Se queriam lhe falar sobre derrubada do governo, deixassem-no em paz. E esbravejava: Não contassem com ele para golpes.

Por isso, durante anos e anos seu nome figurou numa lista negra, ao lado dos comunistas mais notórios, como Josias Nóbrega. Mesmo assim, jamais sofreu perseguição alguma. Seu passado valia demasiadamente. Pelo espaço de quase meio século, cuidou da saúde de toda a cidade, além de ter socorrido aqueles que foram diretamente afetados — física e mentalmente — pela tragédia iniciada com o assassinato de Raimundo Thaumaturgo.

Eunápio Calado chegou a provocar: queria então se confessar comuno-janguista?

O número dos indecisos ou omissos cresceu ainda mais, após se espalhar pela cidade a notícia da ousada decisão do velho médico.



De todos os convidados a aderir à sedição, apenas um virou inimigo dos sediciosos — Raul Marinho, o mágico e dono do teatrinho de marionetes. Andava para cima e para baixo, de cidade em cidade, de vila em vila, a apresentar seus minúsculos atores, em peças curtas

ou longas, e fazer mágicas. Quando ganhava algum dinheiro, sentia saudades de casa ou se dizia morto de cansado, guardava os apetrechos e regressava a Palma. Durante um mês ou mais não trabalhava no teatrinho. Em compensação, passava o tempo a bebericar na companhia de vagabundos e a freqüentar os cabarés do Potiú, especialmente o de Ana Souto. Passada essa fase, enfurnava-se em casa e pelo resto das férias lia seus autores prediletos. Aos poucos, voltava a trabalhar, primeiro na própria casa, utilizando a janela como palco. A seguir, apresentava-se nas praças da cidade, até pegar o trem e partir de novo no rumo de outras terras.

No início da carreira de mágico e mamulengueiro, Raul apresentava peças ligeiras e bem humoradas que faziam a criançada perder o fôlego de tanto rir ou chorar com os heróis. Muitas delas contavam os eternos contos de fada, adaptados por ele mesmo para o teatrinho.

Os primeiros espectadores desses dramas eram, naturalmente, os filhos, além da mulher. Logo a platéia aumentava. Mas ainda nada de cobrar ingresso — porque tudo se fazia em praça pública.

A segunda fase da carreira de Raul não teve maiores méritos artísticos, segundo análise feita pelo poeta Jerônimo Maia. Enquanto moveu anões e princesas, esteve sempre sob aplausos. Quando decidiu ser realista, escrevendo e encenando sátiras, o mais das vezes inspiradas em pessoas proeminentes de Palma, como o comendador Aniceto e o padre Gregório, só mereceu vaias. Geralmente peças curtas, pequenas histórias ou mesmo meros episódios, quase piadas, cujo humor mais local e incidental se misturava a uma crítica de costumes simplória.

A princípio, os espectadores quase nada pagavam para ver essas comédias. No máximo, soltavam moedinhas nas bacias apresentadas pelos filhos do titereiro ao fim

do espetáculo. Dinheiro suado, saído a custo dos bolsos furados dos carroceiros, vagabundos e bêbados inveterados. Uns trocados de nada.

Logo, porém, a fama das sátiras chegou aos ouvidos de outras gentes e a bilheteria passou a exigir mais agilidade dos meninos.

Por essa época convidaram Raul a ingressar no Movimento. Parecia uma prova. Se aceitasse, o teatrinho não passava de brincadeira infantil, embora de mau gosto. Do contrário, só podia ser mesmo um elemento perigoso. E ele resolveu optar justamente pela última condição, sob a alegação, num primeiro momento, de não dispor de tempo para mais nada, a não ser para o teatro ambulante, e, mais tarde, por discordar das idéias dos sediciosos.

Emílio do Vale chegou a dar-lhe uns sopapos em plena rua: confessava, então, ser comunista? Não, não se tratava de comunismo, tergiversou Raul. Até detestava o trabalho obrigatório.

Josias o chamou durante muito tempo de vagabundo de idéias burguesas, inimigo natural do socialismo.

Na sua casa havia meia dúzia de livros — compêndios de história, geografia, uma enciclopédia incompleta e algumas obras de teatro: Shakespeare, Molière e Brecht. Muitas delas, como *Hamlet*, conseguiu condensar, reescrever, parodiar, atualizar e encenar. Tudo de forma tão perfeita que ninguém, nem mesmo Jerônimo, jamais se lembrou daqueles escritores. Antes, parabenizava-o por escrever tão belas peças. E bradava: dignas de um Sófocles!

Padre Gregório punha lenha na fogueira: aquilo era mais vermelho do que pimentão maduro.



O "não" de alguns palmenses causou profunda

irritação aos líderes da sedição. Em contrapartida, o "sim" de um número muito maior provocou-lhes júbilos inimagináveis. Referindo-se ao mais importante protestante da cidade, o comendador Aniceto se entusiasmava: vissem, mesmo o bode velho passava para o lado deles. Até padre Gregório se sentia satisfeito: na luta contra o diabo vermelho, valia qualquer união.

Embora não tenha sido um militante de primeira linha, a participação do tal protestante no movimento sedicioso sempre se fez notar. Ou sempre se fez ouvir. Pois não perdia oportunidade de recitar trechos da Bíblia, complementadas com suas próprias ponderações políticas: Jesus disse: a vida é mais do que o alimento e o corpo mais do que as vestes. Vós sabeis o significado disto? Os comunistas, os materialistas sabem, porque só cuidam do alimento, das vestes, da matéria, e esquecem a vida, o corpo, a essência, o espírito.

A euforia do luterano, no entanto, não conseguiu durar muito e cedo voltou a ler sozinho ou para os seus pares o livro sagrado. E se justificava: não se sentia à vontade entre tantos católicos.

O desânimo atacou também outros sediciosos. Um por se voltar inteiramente para o lar, em vias de se desfazer. Outro por se dedicar de corpo e alma ao comércio. Terceiro alegava já saber de tudo, de tanto ler *A Cidade*. O fotógrafo, em razão da própria missão a ele destinada — a de registrar todo o desenrolar da sedição, desde as reuniões mais tranqüilas até a tomada do poder. E Emílio garantia: o fotógrafo ia ter muito trabalho, isto é, muito dinheiro.

Apesar das inúmeras promessas feitas pelos emissários do Movimento, o fotógrafo não conseguia se empolgar com a sedição.

Num primeiro momento, não entendeu por que iria ter tanto trabalho. Por acaso as pessoas resolveriam ti-

rar mais retratos, de uma hora para outra, só por se estar iniciando uma rebelião? Seria por temerem morrer e quererem se eternizar nas fotografias? O chefe do Movimento explicava: ora, seria chamado a filmar eventos como batizados, aniversários, noivados, casamentos e enterros dos associados. Restava uma dúvida ao rapaz: havia perigo de ser preso? De jeito nenhum. Presos seriam aqueles que não fossem fotografados.

O delegado se exaltava: presos e talvez fuzilados.

Quando Lucas morreu, o Movimento encarregou o fotógrafo de filmar o defunto desde o velório até a última pazada de terra. Assim como as missas de corpo presente, sétimo e trigésimo dia, as homenagens públicas ao herói, discursos, lágrimas e desmaios. E Emilio completava: Queria um álbum completo.

De volta do enterro, o fotógrafo não pôde esquecer logo o morto.



Muitos outros tiveram o privilégio de ser convocados a participar do Movimento — estes por serem corajosos, aqueles por terem espírito de liderança, mais uns por abrigarem virtudes diversas. Ainda assim quase nunca os chefes da entidade explicavam aos convidados as verdadeiras razões por que os haviam escolhido. Assim, o protestante acreditou sempre no poder de seu verbo bíblico.

Todavia, com o guarda-noturno não puderam dissimular. Padre Gregório chamou-o a um canto. Ele sabia dos segredos mais noturnos da cidade e seria muito útil ao Movimento. O guarda conhecia, de verdade, as manias de cada um dos habitantes de Palma — do prefeito à cadela mais vagabunda. Sabia quem dormia tarde, quem sofria de insônia, quem passeava pelos becos, quem namorava nas esquinas escuras, quem assobiava códigos,

quem ouvia os assobios, quem pulava cercas e muros, quem freqüentava os cabarés, quem fazia ou não fazia.

O sacerdote deu a razão final da convocação: o vigia seria o espião da sedição. Ufano, o guarda vestiu a farda lavada e engomada, lustrou o quepe-chapéu, os botões e as botas surradas, armou-se do cassetete, da lanterna e do apito, e marchou na direção da Associação Comercial. Ia apresentar-se para a primeira reunião de sua vida. Emilio do Vale cochichou ao ouvido do padre: parecia um general.

◆

Um dos mais caros e promissores convites se endereçou ao dono do ônibus. Decidido a entabular conversa com o motorista, o prefeito se aproximou do veículo, alisou-lhe a lateral. Já se sentia um bocado velho. O homem concordou com a autoridade: A vida passa, doutor.

Em dias muito quentes, o carro mal conseguia subir a Avenida Dom Bosco. Só faltava espatifar-se, a resfolegar e gemer, com quatro ou cinco passageiros. Um gaiato ainda perguntava se cabia mais um. O motorista fechava a porta e partia, sem sequer encarar o engraçado. O diabo seria arranjar mais um jeito de consertar aquela geringonça. Então por que não adquiria um ônibus novo? Com o tempo, modernizaria o negócio, compraria uma frota, constituiria uma empresa. Empregava uns motoristas e ia andar de baratinha. Bastava passar para o lado dele, prefeito.

◆

Os últimos a serem convidados foram o mágico Raul e o garçom do clube. O primeiro pela necessidade de contarem os sediciosos com um dedo-duro cabal, o segundo por pura necessidade alcoólatra ou mesmo por acaso.

Numa das reuniões sentiu um deles vontade de

beber água, o que fez nascer noutro o desejo de tomar cerveja. O juiz se pronunciou com veemência: precisavam urgentemente de um garçom. Emilio pedia cautela. Não deviam se arriscar tanto. Copos tinham olhos, garrafas tinham ouvidos. O padre preferiu ficar ao lado do magistrado: risco coisa nenhuma! Arranjassem pessoa de confiança.



Uma das mais agitadas reuniões do Movimento aconteceu numa noite de lua cheia. Não havia nada de novo a dizer, reinava absoluta paz no país e até um cheiro de preguiça vagava pela cidade. Súbito Jurema pediu a palavra. Quando se daria o início da revolução? Muitos riram e um chegou a pilheriar. Só em cabeça de mulher uma pergunta daquelas.

O juiz chegou a zombar: se fosse mesmo adivinhona, respondesse a própria pergunta.

Em socorro dela, no entanto, saíram outros. Sobre tudo Emilio. A pergunta não deixava de ser oportuna e inteligente. Pois uma revolução precisava ter um princípio, o dia de seu início. Ou pensavam que iam esperar a vida toda pelos acontecimentos? Não, iriam agir. Aquela reunião mesmo se tratava de mais um passo rumo ao dia D da insurreição. Além do mais, a designação da data inicial do movimento trazia outra vantagem: poderiam dar outro nome ao grupo, um nome-data, como os de muitas organizações rebeldes. Aniceto Machado pediu a palavra: mas aquilo era coisa de comunista! Em defesa de sua tese, Emilio fez um breve relato de algumas revoluções. A cubana, por exemplo, havia sido feita pelo Movimento 26 de Julho. Aniceto só faltou arrancar os cabelos. Depois, sim, houve traição, Fidel Castro virou comunista e... Não precisava contar o resto da história. O comendador se encheu de pavor: e se acontecesse

o mesmo com a revolução deles?

Uns juraram fidelidade eterna ao anticomunismo, outros se benzeram. Terceiro grupo se apavorou: e se entre eles houvesse já algum comunista? Logo, porém, Jurema, Emílio e alguns mais voltaram ao tema da data. Eunápio fez a primeira sugestão: Movimento 7 de Setembro. O padre rechaçou de pronto a proposta. Achavam-se muito perto de setembro. Para ele a rebelião se iniciaria no dia 25 de dezembro. Os dois só faltaram se atracar. Eunápio via na proposta de Gregório um desrespeito a Jesus, uma segunda crucificação do filho de Deus. Não se devia confundir o nascimento de Jesus com o surgimento de uma nova era política. Já o sacerdote achava a moção do médico um insulto à pátria. A independência do Brasil não devia ser confundida com movimentos revolucionários.

O mais difícil talvez tenha sido apaziguar os ânimos dos dois exaltados sediciosos. Três ou quatro arrasaram o padre para um lado; outro tanto conduziu o vereador para um canto.

Serenados os espíritos, o comendador Aniceto pediu a palavra para fazer críticas às proposições apresentadas. Como católico apostólico romano, entendia devesses louvar a Deus, sim. Contudo, o nascimento devia ser substituído pela ressurreição. Em vez do Natal, a Páscoa. No domingo tomariam o poder.

Apesar de todo o respeito ao velho comendador, não deixaram os presentes de combater sua proposta. Seria bom separar de vez a Igreja do Estado, a religião da política — pregava Frederico Santos.

No entender do juiz, não havia data melhor do que o carnaval. Assim, pegariam a situação desprevenida, a divertir-se. Embriagada. Além disso, ninguém havia de prever a duração da guerra. Talvez durasse um, dois ou mais dias. Poderiam começar a coisa na sexta-feira gor-

da e só terminar na quarta-feira de cinzas. Para o comendador, sendo assim, por que não ficavam com a Semana Santa? O padre deu apoio ao ancião. Carnaval não seria data séria.

Derrotado, Frederico acendeu outro cigarro e calou-se. A sala fez-se silenciosa por um minuto.

Emílio se voltou para a pequena platéia: mais alguma proposta? Encorajada, Jurema fechou o livro dos zodiacos, encarou os ouvintes e se pôs de pé. Sugeria o primeiro dia do signo de touros.

Novo minuto de silêncio. Todos os olhos se fixaram na horoscopista. Uma tosse, um pigarro, mais um cigarro aceso.

Segundo Jurema, sua opinião tinha fundamento, ao contrário das outras. Por que Natal? Por que o dia pascoal? Qual a cor do comunismo? Teatralizou, exaltando-se, ovacionada. Pois bem, a cor vermelha, a abominável cor de sangue dos comunistas... Os touros se enfureciam com a cor vermelha — explicava.

Emílio deu apoio imediato à proposta de Jurema. Durante dez minutos falou de touros, touradas e toureiros. Por outros dez minutos falou da Espanha, de sua geografia e sua história. E terminou seu discurso dando vivas ao "caudillo de España por la Gracia de Dios".

Ao aproximar-se a meia-noite, lembrou-se Eunápio de perguntar se o movimento era nacional ou local, se pretendia derrubar Jango ou o prefeito, e então toda a noite de discussões se deu por perdida, não sem antes Lucas acordar de seus devaneios, tomar conta da palavra e anunciar: a rebelião teria início em Palma e de lá se espalharia pelo resto do país e, possivelmente, do mundo.

O juiz tentou se erguer e, trocando as sílabas e arrastando erres e esses, gritou: vamos varrer a Rússia do mapa.

◆◆◆

Como o Movimento não tivesse estatutos, poucos de seus integrantes sabiam exatamente do que se tratava. Para Emílio, o embrião de um futuro partido político de extrema-direita se desenvolvia no ventre da entidade por ele criada. O prefeito via ali uma espécie de Lions Clube interiorano, subdesenvolvido, acanhado. Padre Gregório fazia predição: aquilo ainda podia virar uma irmandade.

Emílio, entretanto, não permitia que seus sonhos políticos fossem amesquinçados nem por leonismo, nem por associonismos religiosos. E não se cansava de engendrar novos sonhos. Precisavam elaborar uns projetos tanto de imediata realização, como para depois da vitória.

No entender do prefeito, o primeiro projeto seria a eleição de uma diretoria, cuja missão consistia em planejar a vida da entidade. Já o padre prometia levar para discussão os estatutos da irmandade de São Vicente de Paulo.

Emílio se entusiasmava com o desenvolvimento da discussão. Reservaria o próximo encontro para a apresentação e o debate de projetos.

Apresentados e debatidos alguns projetos, muitos não foram aprovados, outros deram motivo a infundáveis e violentas polêmicas e uns poucos foram imediatamente postos em prática. Na categoria dos primeiros situava-se o de mandarem esculpir a estátua de um touro gigante — símbolo do Movimento — a ser erguida na Praça da Matriz, entre o Cruzeiro e o Obelisco.

A autora da idéia artística, Jurema Bandeira, chegou a desenhar um robusto e potente boi, para servir de modelo ao escultor. O comendador se desanimava: onde encontrar um escultor?

O segundo projeto apresentado pela pitonisa não

só mereceu aplausos, como passou a ser posto em prática na mesma noite. Tratava-se de ser feita uma fogueira de todos os livros comunistas, especialmente de escritores russos. O juiz se fez alerta: quem ali conhecia os tais livros? Ora, Emílio conhecia toda a literatura universal; o prefeito havia vivido nos Estados Unidos, além de ser médico; Lucas se correspondia regularmente com dezenas de escritores estrangeiros, e assim por diante. Padre Gregório se enchia de gabolice: no meio deles só não faltava intelectual, literato, gente instruída. Podiam até criar uma academia de letras em Palma. Por que não? E só com os membros do Movimento. Teriam uma revista mensal, onde seriam publicadas poesias, crônicas, artigos. Emílio do Vale prometeu se encarregar de arranjar quem editasse pelo menos um livro de cada um. Sim, conhecia muitos proprietários de gráficas na capital. E, mesmo que não conhecesse, não se preocupassem com nada: o deputado fulano de tal, o desembargador sicrano, o industrial beltrano, seus amigos, não lhe negariam um favorzinho daqueles. O juiz podia dar os últimos retoques em sua obra jurídica; padre Gregório reunisse logo seus sermões; o farmacêutico devia escrever um tratado de farmacologia indígena; o comendador desse início imediatamente às suas memórias... E, como a incentivar seus pares a também escreverem, fez um anúncio: ele mesmo tinha quase pronto um Manuel de Direito Costumeiro.

No entanto, nem todos os homens do Movimento podiam ser chamados de sábios. Na verdade, abrigavam-se nele pessoas das mais diversas categorias sociais, de comerciantes a choferes, como advertiu Jurema. O guarda-noturno se sentiu insultado.

O juiz, porém, insistiu a voltarem ao capítulo dos livros vermelhos. Quem eram os autores malditos? Citaram-se, a custo, alguns nomes: Marx, Engels, Lenin,

Dostoievski, Tchecov e Tolstoi. Os três primeiros saíram dos lábios de Emílio. Até enumerou suas principais obras. Os outros foram anunciados por Jurema.

A fogueira não passou de fogo-fátuo, labareda, por terem conseguido apreender apenas um livro russo — uma novela de Turguenev, em poder do poeta Jerônimo.

Na esteira do projeto incendiário da horoscopista, surgiram mais duas propostas. Uma no sentido de serem apreendidos e destruídos todos os instrumentos comunistas — foices e martelos. Pelo menos os inimigos ficariam desarmados.

Não houve risos, nem mesmo quando um copo quase escorregou da bandeja conduzida por um garçom.

A outra proposta teve origem no espírito fanfarronesco de Eunápio Calado. Após a queima dos livros e a destruição das armas comunistas, deveria ser aprovada pela Câmara Municipal uma lei: ficava proibida a utilização da cor vermelha, onde fosse possível. Batom podia ser verde, amarelo, azul, branco; menos vermelho. Assim também as roupas, os móveis, as paredes, os carros, tudo. Dariam o exemplo para todo o Brasil. O prefeito se entusiasmou: o Congresso Nacional, com toda a certeza, iria também copiar imediatamente a idéia deles.

Restava saber o que fazer do sangue, tanto o humano, como o dos outros animais. Interessado pelo assunto, o juiz fez a pergunta essencial: em Palma ninguém tinha sangue azul, ou tinha?

Questionado sobre se a Igreja Católica se opunha ao projeto de reforma genética da raça humana, padre Gregório gaguejou, prometeu consultar a Bíblia e seus superiores. Não sabia ainda se Sua Santidade ia concordar com aquilo.

O genial Lucas apresentou uma solução para o problema: em vez de mudar a cor do sangue, pois talvez demandasse muito tempo e exigisse muitos estudos e

experiências laboratoriais, mais fácil seria tornar obrigatório o uso, pelos homens, de óculos azuis, amarelos, verdes etc. Ou mesmo um colírio que extinguisse para sempre o vermelho da natureza.

Muito lógico o raciocínio do namorado de Dona Leonor. Assim, ficaria definitivamente resolvido o problema. Ora, além do sangue, havia na natureza uma infinidade de outros corpos naturalmente vermelhos, como algumas flores, frutas e legumes, como o pimentão, a maçã, o urucu — explicava o padre. E Lucas, já mais para o sonho que para o real, mais para o poente que para o nascente, mais para Leonor que para Nicanor, fez a pergunta mais enigmática do dia: por acaso algum dos presentes já vira o ocaso?

O autor da idéia não gostou nada do rumo tomado pela discussão. Jamais havia imaginado desfazer aquilo feito por Deus. Referia-se apenas às coisas feitas pelo homem, objetos manufaturados. Sendo assim, como retirar o vermelho do cinto do bispo, por exemplo? O padre se inquietava: e o que fazer da mitra?

As reformas deveriam ser respeitadas por todos: católicos, protestantes, maçons, espíritas. O pastor, a folhear o livro sagrado, garantia: por ele, acatava a decisão da mesa. E completava: como dizia Jesus, "o discípulo não está acima do seu mestre".

Por alguns minutos, o bode berrou pela sala, a citar salmos e provérbios, para espanto do padre Gregório, do comendador e dos outros. Ora, o tempo corria e urgia passarem aos demais projetos.

O juiz se impacientava, a segurar-se no espaldar da cadeira. Acabasse com aquilo de uma vez. *Esto brevis et placebis.**

Conforme esperava Emílio, muitos outros projetos

* *Sê breve e agradarás.*

ainda deviam ser apresentados. E tantos foram que a reunião varou a noite. Nem todos os projetos, todavia, tinham caráter destrutivo. Padre Gregório apresentou uma proposta das mais edificativas — a criação do sindicato dos mendigos, a ser liderado por Zé do Cachimbo. A nova entidade faria com que mais um importante segmento social se organizasse e, em seguida, se posicionasse favoravelmente ao Movimento. Com a distribuição da riqueza, acabava-se a mendicância.

Alguns presentes viam no tal sindicato mais um inimigo. Ora, sindicato era coisa de comunista, segundo o comendador. O padre não concordava com a definição e explicava: os mendigos viviam da caridade alheia. E argumentava: sem mendigo, adeus caridade; sem caridade, adeus cristianismo.

Terminou vencendo a opinião de padre Gregório.

Outra entidade proposta, esta por Aniceto Machado, chamou-se originalmente Associação dos Guardas-Noturnos de Palma. Seria uma força auxiliar noturna a serviço do Movimento.

A ela se contrapunha o juiz. Não entendia como seria possível uma associação desse tipo, se só existia um guarda-noturno na cidade.

Em defesa da opinião do prefeito levantaram-se algumas vozes. Como a do filósofo Aniceto: o plural significava apenas o desdobramento do singular. Sim, por que não criar novos cargos de guarda-noturno? Nada impedia isto. Pelo contrário, a cidade andava mesmo carecendo de maior segurança, especialmente em tempos tão radicalizados. Além de tudo, os comunistas andavam soltos.

A Associação iria se desenvolver com rapidez e podia até agigantar-se, juntamente com a instituição do guarda-noturno, embrião do futuro exército de Palma. A princípio, tanto a entidade como a corporação teriam

um só membro, logicamente. E seria o presidente interino, até uma eleição democrática.

Muito ainda falaram sobre a tal associação, porém só noutra reunião, já com a presença do guarda-noturno, a entidade tomou corpo, solenemente.

O discurso de Emílio durou quase uma hora. Prometeu ao guarda muitas recompensas. De guarda-noturno passaria, em breve, a general-noturno.

Apesar da euforia dominar o ambiente, havia pressa em cada um de apresentar projetos, e a balbúrdia tomou conta da sala. Ninguém conseguiu se entender mais. Além disso, o Movimento apresentava-se naquela noite, como sempre, aliás, dividido basicamente em dois lados: de um, os intelectuais; de outro, os chamados ignorantes. Bastava de mendigos e guardas — gritava Eunápio, insatisfeito por passarem quase uma hora a discutir o futuro do guarda-noturno, quando ele tinha importante projeto a apresentar.

Tratava-se do novo nome a ser dado à cidade, após a vitória do movimento rebelde. Não podiam continuar vivendo numa cidade chamada Palma. E propunha: Palm City.

A maioria dos associados não concordou com a nova proposta. No entender do prefeito, pouca gente em Palma aprenderia logo a pronunciar aquelas palavras. Sobretudo porque há duzentos anos, desde os tempos da vila, o lugar se chamava Palma.

Exaltado, o vereador defendeu não só a mudança do nome de Palma, como também dos nomes de todas as outras cidades, dos Estados e até do Brasil. Seriam brevemente chamados de United States of Brazil ou, se quisessem, United States of Brazilwood. Na verdade, a língua inglesa seria oficializada no Brasil, num primeiro momento, ficando o país com duas línguas. Apenas o reconhecimento oficial de uma realidade. Todos já fala-

vam as duas línguas — argumentava.

No decorrer do tempo, uma delas desapareceria, tragada, absorvida pela outra. Simplesmente por ser mais pobre, mais bárbara, inculta, embora bela, como dizia um poeta. Além do mais, ela não tinha nenhuma importância num mundo onde mais valia a comunicação, a informática, do que a literatura.

Falou durante bom tempo, às vezes incompreendido por quase todos, quando deixava de lado o português e mordía os lábios e a língua. Por acaso sabiam de que língua falava?

Em parte, Emílio concordava com o vereador. No seu entender, poderia ser oficializada uma terceira língua — a alemã. Não por ser muito falada em Palma, mas pela importância da cultura germânica no mundo.

E durante alguns minutos traçou um perfil da Alemanha do passado, sobretudo a do III Reich, num relato ou palavrório recheado de loas aos nazistas e a si mesmo, seus tempos de estudante de Direito, das ligas anticomunistas por ele criadas ou das quais participou. *Meine Erinnerungen an die Jugendzeit sind immer klarer.*

Chegada a meia-noite, nem a metade dos projetos apresentados havia sido aprovada. O das línguas, por exemplo, ficou para ser discutido mais amplamente em outra reunião. Para o juiz, não havia tanta pressa assim.

Uma das propostas mais obscuras daquela tumultuada reunião originou-se de uma pergunta feita pelo comendador: de onde tirariam dinheiro para financiar tantos projetos? E se lamentou: seus negócios não andavam muito bem.

A Emílio coube falar de leilão, aproveitando a idéia de rifa do padre Gregório. Seria a forma mais fácil de angariar fundos para o Movimento. Restava saber o que leiloar. O guarda-noturno propôs uma casa. Várias vezes levantaram-se contra a terrível proposta.

Melhor mesmo deixar o assunto para outra noite. Aniceto cochichou ao ouvido do padre: talvez até morresse ali mesmo. Bafejado pelo hábito secular do comendador, o apóstolo deu um pulo e entusiasmou-se: podiam arrecadar objetos e utensílios em desuso, como bengalas mofadas, chapéus amassados, relógios parados, pincenês quebrados, gramofones mudos.

A bufar na cadeira, Aniceto lembrou imediatamente ao padre a cópia da coroa de D. Pedro. Fizesse uma doação.

Mais tarde, Jerônimo compôs estes versos:

"A mim me dói doar dois dedos,
assim como me sangra mais
descer ao túmulo de Pedro
e coroa-lo rei dos ais."



Passada a fase dos projetos políticos de maior envergadura, pouco a pouco cada um dos sediciosos se voltou para si mesmo. Findo o jogo, onde estariam as pedras sobre o tabuleiro? Quem seria o chefe do movimento em Palma?

Segundo os argumentos de Emílio do Vale, ninguém podia negar a História: ele vinha tramando a derubada do governo desde 1924. Sua biografia real e imaginária voltou então à baila. Quem não ouvira falar da ADCS, a famosa Ação Direta Contra o Socialismo? Estudante ainda e já soldado da liberdade.

Não lhe faltaram aplausos, mesmo dos mais novos. Sim, o chefe não podia ser outro. Em compensação, alguns também se posicionaram contra a sua eleição. Eunápio Calado foi o primeiro a gritar: não deviam ficar atados ao passado. Interessava somente o presente e o futuro. E ele, assim como outros, representava o novo tempo. E citou nomes e mais nomes, todos de amigos:

deputados, senadores, governadores, industriais, bispos, nacionais e estrangeiros. Até do presidente John Kennedy.

Jurema Bandeira voltou a falar de signos e horóscopos e conduziu a discussão para o terreno do sobrenatural. Os astros afirmavam: só uma pessoa nascida sob o signo de touros poderia levar adiante o movimento. Como todos sabiam, ela era taurina.

Para refutá-la, Emílio demonstrou que a data de nascimento dela se enquadrava no signo do porco ou javali, no horóscopo chinês. Nele não havia touro, mas boi, o que daria no mesmo. No entanto, o ano de nascimento de dona Jurema não correspondia ao signo do boi.

A pitonisa enrubesceu, sentou-se e aguardou o fim da aula de Emílio. Ela poderia até ser boi-touro, o que seria ideal. Neste caso, ela teria nascido uns dez anos antes ou uns dois depois.

A neta de Tamanduá Bandeira se benzia. Emílio ia terminar revelando a idade dela. Em seu socorro levantou-se o comendador, a exigir para si o cargo de chefe do Movimento, tendo em vista a circunstância de ser o mais velho dos presentes.

Na confusão, não chegaram a um denominador comum. E decidiram dedicar outras reuniões ao assunto.



Também na AMUPAL não faltava quem não se preocupasse com o futuro. Certa feita, na casa de Hilda, quando ainda tramavam o afastamento de Ana Souto e Jurema, uma senhora se pôs a falar mal das chamadas "mulheres faladas", enquanto enaltecia aquelas que haviam sido destinadas a exercer missões superiores na vida terrena. E se mostrava sábia: uma Joana d'Arc, por exemplo.

Ao fim da primeira rodada de chá, as heroínas do passado trocaram a espada pelas unhas longas e pintadas, e os elogios de umas a outras voavam feito borboletas pela sala. Para Hilda, fulana apresentava traços de baronesa e sicrana parecia a própria Maria Antonieta. Uma das senhoras tratou logo da própria honraria: queria ser intitulada condessa, depois da vitória da revolução.

No meio do segundo chá, havia toda espécie de nobreza na sala: viscondessa, condessa, baronesa, duquesa, arquiduquesa. A mulher do padeiro sonhava alto: quem lhe dera ser princesa! Outra senhora ironizou: a sonhadora achava que teriam um rei padeiro?

Ao tomar conhecimento do teor das conversas na casa de Hilda, o poeta Jerônimo Maia chasqueou: rei de paus, vá lá, mas rei de pães só se for em Guimarães.

Nenhuma, contudo, ousou coroar-se rainha. Uma delas chegou a se irritar. Ora, não eram obrigadas a imitar os outros. Podiam ser todas rainhas, embora só houvesse um rei. Hilda se posicionou contra o coletivismo sexual da amiga. Não queria ser chamada de concubina, odalisca, nem mesmo favorita.

No outro extremo da cidade, no entanto, os sonhos das mulheres não se revestiam de nenhuma majestade. Assim, as dissidentes da AMUPAL se contentavam com segredar seus sonhos noturnos. Num deles, muitas vezes repetido, Jurema se via possuída por um gigante, mistura de homem e bicho. Uma viúva indagava, horrorizada: seria o lobisomem? E ela também não escondia seus pesadelos. Sobretudo por ter como confidente pessoa tão instruída, conhecedora dos astros, do passado e do futuro. E, aos cochichos, revelava: não parava de sonhar com um enorme pênis vermelho, constantemente ereto, incrustado ao tronco de uma bananeira do quintal de sua casa. Jurema se arrepiava e queria saber mais

do sonho da amiga, que revelava, baixinho: passava o tempo todo a lamber e acariciar o negócio, abraçada à bananeira.

SONHOS

O sonho de Eunápio se resumia a uma viagem de volta aos Estados Unidos, para proclamar aos quatro ventos sua aclamação como chefe, prefeito ou interventor de Palma. Iria com a mulher e os filhos, e só tornaria quando lhes mostrasse todas as maravilhas do Tio Sam. Deixaria tomando conta da cidade seus auxiliares mais diretos. Não pretendia contar com Emílio do Vale nem com Lucas Thaumaturgo? Jamais. Para ele, um se mostrava muito pernóstico; o outro, doido.

Seus sonhos se tornavam, dia a dia, sempre mais parte de sua realidade. E, quando o escolheram para ir à capital representar Palma num encontro de cúpula dos sediciosos, não acalentava mais nenhuma dúvida sobre seu futuro. Enfim o reconhecimento pelos seus méritos — repetia, no silêncio da noite, aos ouvidos da sonolenta esposa.

Ao regressar do importante encontro, convocou os pares para apresentar um balanço da viagem. Sim, trazia no mesmo alforje notícias auspiciosas e informes alarmantes. Os comunistas andavam por toda parte, prestes a dar o bote final. Se isso acontecesse, adeus vidinha boa. Cem anos de inferno.

E anunciava, tristíssimo: na Rússia já ia para quase 50 anos.

A catástrofe seria evitada, porém. De norte a sul, os patriotas se aprontavam para acabar com a ameaça vermelha.

O encontro, na verdade, não passou de uma reunião na casa de um deputado, e mais se bebeu e se falou de mulheres do que propriamente de política. De

resto, foram longos passeios, noitadas nos cabarés mais luxuosos da capital, uma visita à catedral, onde rezou piedosamente para que "Deus livrasse o Brasil do comunismo", apostas no jogo do bicho e nas roletas, e umas providenciais e benditas conversas com figurões sobre a possibilidade de arranjar empregos públicos para parentes e aderentes.

◆

O sonho de ser o mandachuva de Palma habitava a cabeça de muitos outros. Assim, Emílio do Vale não duvidava de ser escolhido, por aclamação, prefeito perpétuo de Palma, após a vitória da sedição. Nenhum outro demonstrava capacidade de dirigir os destinos da cidade. Um não passava de um aproveitador, outro parecia um analfabeto graduado em Direito. Aniceto Machado só servia para receber comendas da Igreja e rezar pela alma de sua falecida consorte.

Todavia, antes de assumir o cargo, precisava Emílio visitar a Alemanha. Ele e a mulher. Uma viagem de lua-de-mel ao país de Nietzsche e Shopenhauer. Visitariam a cervejaria de Munique onde o grande chefe costumava discursar. E, a rir, anunciava: ia mijar no muro de Berlim.

Havia sonhos menores, de geografia mais rasteira e história mais recente. Como o de um bodegueiro, que só desejava ser dono de um grande supermercado. O único de Palma. Teria dimensões de um quarteirão e venderia de tudo — de abas a zurrapas. Seria o fim de todas as pequenas quitandas, bodegas, mercearias de Palma. Todos os concorrentes falidos. E mais: um morando nos fundos do sobrado do comendador, outro corneado e arruinado, mais um caído nas coxias.

Havia ainda outro tipo de sonhador. O poeta Jerônimo Maia se imaginava laureado com o Nobel de Literatura, após contínuas edições de suas obras com-

pletas — dezenas de volumes de uma poesia enaltecida mundialmente, lida e relida em mais de cem idiomas, até mesmo em algumas línguas quase desaparecidas, como a dos índios do Xingu. Sobretudo o épico *Os Tapuias*, composto à maneira dos *Lusíadas*.

Seus amigos não lhe poupavam incentivos. Não parasse de escrever, fosse em frente. Logo o mundo todo o admiraria.

E a filha do padeiro?

Sim, sem o amor de sua musa de nada valeria nenhum Nobel. Preferia morrer anônimo e desconhecido, porém amado pela filha do padeiro.

Faziam-lhe súplicas: recitasse, então, aqueles versos inspirados nela. E Jerônimo, quase a chorar, lamuriava-se:

"Amada minha de minhalma,
dama do ninho abandonado,
eu te prometo o vôo mais
altaneiro e infinito,
se só um beijo teu a face
minha me tingir de sangue".

Durante algum tempo Jerônimo fez de Carmem Vieira a sua musa e versejou sob todas as formas em louvor dela. Dedicou-lhe sonetos, odes e coplas, à maneira dos mais variados poetas. De todos os versos emanava um enjoativo cheiro de paixão azeda. Quem mais sofria com aquilo, porém, eram seus amigos, obrigados a ouvir-lhe repetidas vezes os versos ensebados. E não importava em que tribuna se visse. Podia ser um banco de praça, uma cadeira de café, um batente, quer fosse dia, quer fosse noite. E quando esta ia alta, melhor ainda juntar aos versos o choro de seu violão maltratado, ao pé da janela da moça.

Como sempre encontrasse platéia, mesmo depois de passada a paixão, continuou o poeta a engendrar

versos em louvor de Carmem. Não exatamente em louvor, porque já então sua verve se voltava para a lamentação. E, em vez de chamar Carmem de "criatura angelical", "divina donzela" ou "formosa mulher", como antes, tratava-a por "víbora venenosa", "serpente mortífera" ou "pérfida sereia".

Aconteceu ainda uma terceira fase na poesia de Jerônimo Maia inspirada na filha do português. Não por sua culpa, pois até a tinha esquecido. Carmem lhe era indiferente — dizia aos amigos. Apesar disso, não passava dia sem escrever um soneto, uma ode, uma quadrinha por inspiração da musa luso-brasileira. Tudo, porém, a pedido de seus apaixonados amigos, aqueles mesmos que antes zombavam de sua fraqueza. A toda hora ia um deles chorar a seu ombro poético a paixão pela bela Carmem. Fizesse uma poesia bem romântica — suplicava-lhe Timóteo. Fizesse por ele, um ignorante, incapaz de escrever versos.

O amor de Timóteo explodiu feito uma bomba aos olhos de Jerônimo, após partidas de bilhar, algumas cervejas, a leitura de uns versos e a discussão sobre a imortalidade da alma.

Enquanto anatematizava Santo Agostinho e os doutores da Igreja, Timóteo não largava o copo e com a outra mão, com a ponta do fura-bolo, desenhava na mesa o sagrado nome de Carmem. Escrevia e apagava, escrevia e apagava. Gesto repetido dez, vinte, trinta vezes. Por fim, não suportou mais, caiu no choro e confessou ao amigo o quanto havia escondido, reprimido, sufocado sua paixão. Ora, então não apenas os poetas eram idiotas — sentenciou Jerônimo.

A partir desse dia, toda vez que Timóteo bebia e soltava a língua, depois de fazer o habitual discurso anticlerical e anti-religioso, mergulhava nos conceitos filosóficos descobertos nas últimas leituras, enveredava

pela selva das abstrações — do Amor à Eternidade — e terminava preso aos olhos de Carmem Vieira, patético, pacífico, pródigo.

Entendiam-se tão perfeitamente Jerônimo e Timóteo que a mesma conversa durou alguns bons anos. Interrompiam-na à noite, retomavam-na pela manhã, e assim desmoronaram filosofias, destroçaram amores, rasgaram versos. Não lhes importava o tempo e o lugar. Às vezes Emanuel Kant surgia à meia-noite e cedia lugar ao sono. Noutra dia o amor e a poesia baixavam em pleno cabaré de Ana Souto. Enquanto liam versos dedicados a Carmem, apalpavam as coxas e os seios de Diva e Deodata. Aquela tal Carmem seria tão bonita mesmo? — enciumava-se uma das raparigas. Pois queria ver de perto a lindeza — ameaçava a outra. E duvidavam da virgindade e da pureza da filha do padeiro, entre risadas escandalosas e beijos melados nos dois rapazes. Talvez até já tivesse tirado filhos, a santinha do pau oco. Filhos do padre, do espírito santo ou do diabo. Timóteo defendia a antiga musa — nem namorado a pobrezinha tinha.

Timóteo e Jerônimo se mostravam tão amigos, viviam tão sempre juntos, como em conúbio indissolúvel, que não faltava quem não fizesse comentários desairosos àquela amizade. Para Jurema Bandeira, pareciam até amigos.

No entanto, pelo menos uma vez por semana os dois desciam ao Potiú. Ou pretendiam pegar o trem na estação ou visitar as raparigas nos cabarés. Como nunca viajassem, terminaram as más línguas vendo nos rapazes apenas mais dois perdidos. As beatas se benziam ao vê-los e rosnavam: pecadores! Voltavam para casa quase sempre alta noite, satisfeitos, despreocupados, alheios aos comentários das solteironas. Num desses passeios, na calçada do outro lado da rua, um cachorro

despertou, pôs-se de pé e a latir danadamente, logo imitado por seus semelhantes da redondeza. Tímidas pancadas soavam ao longe. O relógio da matriz anunciava horas. Uma, duas, três... Os cães ainda não haviam sossegado, porém seus latidos já ficavam para trás, perdidos na escuridão dos becos. Na estação, recostados aos vagões estacionados, misteriosos namorados se escondiam da pouca luz dos postes e se multiplicavam em movimentos cinematográficos. Timóteo chamou o outro à realidade, para saber se pretendia publicar mais poesias no jornaleco do comendador. Até quando o velho permitisse. Ou até quando seus versos não ofendessem a moral, os bons costumes e as coisas da Igreja? Não, não se achava idiota para mandar à publicação poesias imorais ou anticlericais. Herege! Timóteo se pôs a rir. Ora, o melhor estro do amigo se escondia justamente nos versos satíricos, de caçoada, libertinos. Como aqueles que costumava ler para as meninas da Ana Souto. O poeta gargalhou: o amigo não queria que lesse salmos para elas, queria? Referiram-se ao soneto publicado na última edição de *A Cidade*. Verdadeira obra-prima, afirmava Timóteo. O diabo foi ter saído grudadinho ao horóscopo de Jurema Bandeira. Jerônimo se disse satisfeito, assim mesmo. Não havia mal nenhum naquilo, porque todo mundo percebia versos, só em bater o olho na página. Até os católicos mais carolas.

Aproximavam-se da ponte, toda às escuras. E se a ponte houvesse caído? Não, não choveu tanto assim. Não, mas já caiu algumas vezes. A última, sete anos passados. Enchente medonha!

Logo adiante começava o muro do colégio das freiras. Timóteo riu. E se fizessem uma sacanagem? Jerônimo se irritou. Não, molecagem não. Podiam reconhecer sua voz. Então as freirinhas já mereciam respeito? E aqueles versos sobre madre Angélica? Recitasse

diante do portão do colégio. Recitava, sim, mas baixinho. Pararam junto ao portão. Timóteo abriu a braguiha. Boa oportunidade para se aliviar da cerveja de Ana.

"Quando te vi pela primeira vez,
Naquela posição de nudez bélica,
Não pude resistir, ó madre Angélica,
E te agarrei como se pega rês".

Satisfeito, a sacolejar-se de rir, Timóteo se recom pôs e seguiu atrás do poeta. Precisavam conversar ainda muito. Começasse, então. Jerônimo preferia conversar num lugar mais tranqüilo, de preferência sentados num banco de praça. Não sabia quem se escondia do lado de dentro daqueles altos muros. Sobre Carmem? Não, assunto mais sério. Durante alguns minutos caminharam calados, a passos largos, como se fossem tratar de assunto urgente. A luz do portão do colégio dos padres iluminava tudo ao seu redor. Adiante, a perna escorada num poste, um cachorro mijava, contrito. Timóteo queria falar de Lucas.

Carmem talvez tenha sido a última das apaixonadas do filho de Raimundo Thaumaturgo. Essa paixão, porém, se deu tempos depois da avalanche de consultas responsáveis pela fama de Jurema, quando o rapaz já não despertava a atenção de nenhuma das moças de Palma. Curioso ainda é que, além de ser uma paixão fora de moda, Carmem jamais a confessou ou reconheceu. Pior — negava nutrir ou ter nutrido a mínima simpatia pelo ex-seminarista e até se zangava quando insistiam no assunto. Seu coração permanecia virgem — batia levemente no peito.

Carmem Vieira se distinguia de suas colegas pela formosura. Em razão disso, havia sempre mais de um rapaz a cortejá-la. Todo ano a elegiam duas ou três vezes rainha, ora do partido azul, nas festas da padroeira da cidade; ora do Palma Sport Club; ora das estudantes.

Ninguém conseguia tomar-lhe o cetro, por mais mexericos que inventassem, por mais pinturas que usassem as outras, por mais udenistas que fossem os pais de suas rivais.

◆

Enquanto Jerônimo sonhava liricamente, Josias Nóbrega só pensava em ver um dia todas as crenças religiosas desaparecidas, sem deus nenhum a quem pudessem os desgraçados pedir socorro. Contra o poder imensurável das igrejas, só o poder livre da palavra. Por isso a necessidade de os poetas de todo o mundo se dedicarem à missão evangélica de combate às invencionices religiosas. Jerônimo devia esquecer por uns tempos o lirismo e ajudá-lo a combater o dragão da religião. Escrevesse, por exemplo, o poema da morte de Deus. Implorava: escrevesse logo o poema, pelo amor de Carmem. E prometia ajudar, dando as idéias.

Por último, havia o sonho mais ambicioso, o sonho inimitável de Lucas: reencontrar Leonor, casarem-se e fundarem uma nova dinastia, fruto da reunião de Portugal e do Brasil, o novo Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, onde se restaurariam as ordens monásticas, bem como as ordens militares de Calatrava, Santiago-de-espada, dos templários, num imenso território povoado de burgos, com seu clero, sua nobreza de ricos-homens, infanções e fidalgos, e a classe inferior dos camponeses, de vilões e peões, além dos mouros e judeus.

◆

No entendimento dos líderes do Movimento, devia haver comunistas também em Palma. Por que não? Por acaso os palmenses rezavam mais e pecavam menos? — gritava padre Gregório do púlpito da matriz. E afirmava, eufórico e desalentado: nós não somos mais merecedo-

res da misericórdia divina do que os outros povos.

Restava saber a quantos chegavam os comunistas da cidade. Com toda a certeza, Josias Nóbrega não seria o único. O juiz se mostrava preocupado: ele não tinha filhos? Tinha, sim, mas parecia serem todos católicos, dos menores aos maiores — tranqüilizava o padre.

Apesar da lucidez política dos sediciosos, ninguém naquela noite teve a idéia de seguir o fio da meada na busca dos outros comunistas. Tempos depois, no entanto, o delegado se lembrou de como conseguia confissões de criminosos. Deixassem com ele: seu Josias ia dizer quem eram os outros. Sim, bastava fazer a pergunta a quem sabia a resposta. E se Josias não falasse a verdade, calasse a boca, não quisesse colaborar?

Anos depois, lamentou-se Eunápio: como os revolucionários foram ingênuos naquela noite!

Como não participasse da reunião daquela noite, a opinião do delegado não passou pela cabeça de ninguém. Jurema, por exemplo, já perfeitamente esquecida da existência de Josias, consultou os manuais de astrologia e até riu da burrice de seus correligionários. Não existia nada mais fácil do que descobrir comunistas. No entanto, somente pessoas altamente capacitadas poderiam realizar com êxito a operação por ela concebida. E explicava: tratava-se de uma caçada sem tiro.

Falou de armadilhas e estratégias, citou provérbios e expressões populares, descreveu cenas de heroísmo, fantasiou o mais que pôde. Um dia era da caça, outro do caçador.

Em suma, os descobridores de comunistas deviam ter pelo menos três virtudes: paciência, poder de observação e o charme dos espões. Munidos dessas três armas, mãos à obra. Sairiam pelas ruas, a observar o comportamento das pessoas, seus modos de andar, seus jeitos de pisar e mesmo de olhar. Comunista andava as-

sustado, pisava o chão feito gato, olhava de viés para tudo, por baixo, sonso. Ninguém podia se enganar com eles.

Aproveitando a lição da pitonisa, Emílio expôs sua fórmula de descobrir comunistas. Muito mais prática, segundo ele. Nada de seguí-los por ruas e becos, dias e horas. O caçador se postaria estrategicamente diante de uma banca de jornais e permaneceria de olho nos fregueses. Quem comprasse jornal comunista, ou mesmo se demorasse a ler suas manchetes, só poderia ser um comunista. Trabalho de simples observação — rematava. Esclareceu o prefeito um detalhe: em Palma não havia banca de jornal.

Emílio, contudo, não deixou sua idéia cair por terra. Uma banca de jornal não ocupava muito espaço e podia ser feita de qualquer madeira. Bastava a autorização da prefeitura, um carpinteiro e, por último, um jornaleiro. Ele mesmo podia ser o dono.

Os comunistas não iriam perder a oportunidade de propagar suas mentiras por mais uma cidade. E mandariam todos os seus pasquins para a nova banca. Um dos espões permaneceria na espreita do leitor vermelho, seguiria seus passos, até descobrir onde morava e como se chamava.

Para Eunápio, nem os planos de Jurema, nem os de Emílio valiam a pena ser postos em prática. Muito trabalho para pouco resultado. Nada de andar atrás de possíveis comunistas. E conclamava: vamos trabalhar com a cabeça, minha gente. Seu método inteligente de descobrir comunistas: eles estavam às claras, diante dos olhos de qualquer um. Bastava ter paciência de ler a lista telefônica, as relações de nomes de pessoas, como de colégios, sindicatos, associações. Aqueles registrados com nomes de comunistas históricos, como Lenine, Vladimir, Leon, Luiz Carlos, Rosa, Karl, não restava dú-

vida, só podiam ser comunistas também.

Aniceto se mostrou descrente do novo plano: Eunápio achava mesmo que iam ter em Palma algum Lenine?

A preocupação com a existência de comunistas na cidade teve início quando alguém levantou a seguinte dúvida: como os comunistas se preparavam para tomar o poder no Brasil e em Palma, não seria mais prudente descobrirem primeiro quem eram esses tais comunistas? Aliás, queria saber o que eram comunistas. Seriam eles pessoas comuns, iguais às outras, ou delas se distinguíam claramente? Pessoas grandes, médias ou pequenas? Se fossem gigantes ou anões, não haveria nenhuma dificuldade em percebê-las a qualquer tempo.

Emílio levou a sério o questionário e, com uma só resposta, julgou tirar todas as dúvidas do preocupado "luzeiro" — o melhor exemplo de comunista se chamava Josias Nóbrega.

Na verdade, Josias simpatizava com o comunismo desde 1932. Só se tornou militante, porém, em 1945. Chegou a organizar uma célula do Partido em Palma, tendo como companheiros um ferroviário e dois estudantes. Sofreu algumas perseguições, especialmente em 1935 e 1947. Bebia exageradamente e, quanto mais bêbado, mais vermelho se apresentava. Contava então a história do comunismo e explicava a doutrina de Marx aos amigos de copo. Certa feita chegou a falar durante mais de uma hora para um bando de cachorros a quem havia distribuído alguns quilos de carne. E gritava, à porta do bar: vira-latas de Palma, uni-vos!

Apesar da má fama, Josias gozava da amizade de muita gente de Palma, como Ana Souto. Não acreditava fosse ele comunista. Podia ser apenas um representante deles na cidade. Ora, os comunistas deviam ser uns seres estranhos, invisíveis, extraordinários, talvez até de

outro mundo. Josias não poderia nunca ser um deles. Um pobre cachaceiro e nada mais.

Quem elaborou o plano mais macabro para descobrir comunistas foi Emílio. Vasculhariam a vida de cada pessoa de Palma e, por extensão, de todo o Brasil. Poderiam se valer do último censo. Ou realizar outro, para ter atualizadas as informações. Pesquisar casa por casa. Bastava um questionário. Não um questionário qualquer, mas uma série de perguntas que lhes possibilitassem saber até mesmo a ideologia das pessoas. Se eram a favor da propriedade privada ou coletiva, se concordavam ou não com a monarquia etc. No entanto, o juiz, a inundar de fumaça a sala da Associação Comercial, não concordava com esse tipo de pergunta. Os comunistas não deveriam ser despertados, assustados. Melhor pegá-los de surpresa.

Não foram só duas ou três as reuniões dedicadas ao assunto da caça aos comunistas. Talvez cinco ou seis. Na mais prolongada delas, trataram os sediciosos de relacionar os nomes dos futuros prisioneiros. Não só os comunistas declarados, mas também os simpatizantes do comunismo, os inimigos da propriedade privada, os ateus e até os que não aderiram ao Movimento.

Encabeçou a lista o nome de Josias. O comendador chegou a gritar: para o boêmio ateu não haveria perdão: fuzilamento.

Figuravam ainda na relação os nomes de Raul Marinho e Jerônimo Maia. Este por ser poeta, aquele por encenar peças subversivas.

Para cada caso havia uma explicação: fulano por ler toda porcaria a lhe chegar às mãos; sicrano por haver recusado participar do Movimento — significado de sério indício de sua simpatia pelos comunistas; beltrano por dar maus exemplos às famílias: ingerir bebidas alcoólicas, freqüentar o cabaré de Ana Souto e nunca ir à

igreja. Mereciam ser expulsos da cidade. Ou mesmo da vida. O juiz esbravejava: comunistas perigosos! Eunápio completava: inimigos da pátria! Emílio, referindo-se ao mágico, em voz aguda, sentenciou: *diese stadt ist ihm unbekannt**.



O guarda-noturno não conseguia entender por que o Movimento queria derrubar o governo, em vez de apoiá-lo, sustentá-lo, garanti-lo contra os comunistas. Ora, não eram estes o terror de todos os governos! Emílio explicava: ora, nosso governo é fraco e, ainda por cima, está apoiado nos comunistas. Logo, é preciso derrubá-lo, antes de os comunistas o derrubarem. O guarda-noturno coçava a cabeça: não entendia nada daquilo. Os comunistas apoiavam o governo e ao mesmo tempo queriam derrubá-lo?

Outra questão intrincada para Xavier: para que tanta reunião, tantos preparativos, tanto medo, se só havia um comunista em Palma? Emílio esclarecia a questão: um não, dois. Eunápio completava: ou mais.

Para Xavier, em vez de fazerem uma revolução, deviam prender logo Josias e quem mais fosse preciso. Ou mesmo expulsá-los da cidade. Emílio ensinava: antigamente chamava-se a isso ostracismo. Eunápio radicalizava: ou então matá-los. O comendador Aniceto se mostrava mais bondoso: o movimento tinha maiores amplitudes. Além do mais, afora os comunistas propriamente ditos, havia outros inimigos, os aliados dos comunistas, como o pessoal dos sindicatos, os bêbados, os homossexuais, as prostitutas e toda sorte de desajustados sociais. Por isso a necessidade da rebelião, da organização dos defensores da pátria ameaçada.

* *Esta cidade é desconhecida para ele.*

O padre segredava: precisavam estar bem unidos.

Emílio chegou a criar um código de comunicação secreta entre os sediciosos, a ser posto em prática até o dia da vitória. As mensagens seriam transmitidas quer para convocação de simples reuniões ordinárias, quer durante os momentos decisivos da luta. Tudo em alemão.

O juiz se coçava todo na cadeira. Emílio não estaria exagerando?

O chefe do Movimento punha-se então a falar de revoluções, complôs, sublevações, e terminava metido no seu passado de militante fascista. Já em 1925, quando fundou a Ação Direta Contra o Socialismo...

Emílio se dizia autor da idéia do complô anticomunista em Palma e de organizar um grupo, por mais minúsculo que fosse, para lutar contra os vermelhos. E se ufanava disso: desde os meus tempos de integralismo.

Eunápio Calado refutou as palavras de Emílio. Além disso, não importavam o integralismo, o passado, grupelhos já desaparecidos, e sim a criação em Palma de uma associação anticomunista. Quando Emílio se ocupava de Hitler e Mussolini, ele já lia Plínio Salgado e divulgava suas idéias aos colegas de colégio.

E apregoava ter a primazia da germinação em Palma de uma entidade anticomunista. Nos Estados Unidos, por volta de 1950, já conhecia a Ku Klux Klan.

Para o comendador, tanto Eunápio como Emílio eram ainda muito jovens e, portanto, nem deviam participar da discussão. Por acaso sabiam quando ele nascera?

Ninguém sabia. Para uns, o comendador havia nascido durante o reinado de D. Pedro II. Para outros, todavia, quando depuseram o imperador, já o tinham feito comendador. O velho Aniceto Machado se orgulhava de ser anterior ao marxismo-leninismo.

Descobriu Josias, no entanto, ter a entidade nasci-

do após a visita de um filho de Emílio a Palma. Trazia ele notícias secretas da capital. E só seu pai podia saber delas. Não dissesse nada a ninguém.

Segundo o tal noticiário confidencial, um grupo de militantes preparava-se para derrubar o governo de Jango. De esquerda ou de direita? O tenente deu mais detalhes ao pai e partiu de volta a seus ofícios marciais. Na despedida repetiu ao pai: bico calado, hem!

Após a partida do filho, Emílio se pôs a remexer papéis velhos, retirou do fundo de um baú fotos de Hitler, Mussolini, Franco, Plínio e outros ídolos seus. E documentos políticos carcomidos pelo tempo, esboços de um manual do anticomunismo, dos tempos de estudante de Direito. Dele nasceu a cartilha mais tarde impressa na gráfica do Comendador e distribuída por toda a cidade. Quase todos os esboços foram aproveitados, como os capítulos intitulados: "O que é o comunismo", "Os mata-dores de crianças", "Os devoradores de moças".

Para a redação definitiva da cartilha, Emílio contou com a colaboração de outros revoltosos. Pequenas modificações, correções, além de acréscimos de ordem histórica. Assim, as referências ao Führer no tempo presente foram transpostas para o passado. A contribuição de Lucas se restringiu à história de Portugal e a reformas do estilo pesado do original.

Após a distribuição da cartilha, surgiram aqui e ali, nas mãos de um e de outro, publicações de títulos semelhantes, como *O Que é o Comunismo*, além do *Manifesto Comunista* e de obras de Lenin. O responsável pela distribuição dessa literatura só podia ser Josias — sustentavam os sediciosos. Não trabalhava sozinho; contava com a ajuda de amigos e simpatizantes do bolchevismo.

Preocupado com a disseminação de tanta literatura maléfica, imaginou Emílio reescrever as obras marxistas e publicá-las. Um marxismo às avessas. Esta idéia

horrorizou o padre: você virou comunista também?

Emílio tinha uma explicação para sua idéia aparentemente inaceitável. Como muita gente andara lendo os livros marxistas, deram-se algumas defecções no Movimento, uns viraram de vez comunistas, outros passaram a se interessar por questões sociais. Todos se lembravam — eles mesmos, os revolucionários, recomendaram a todos a leitura daquelas porcarias, a fim de se prepararem melhor para combater o mal.

Assim, não restava outro remédio senão aplicar uma dose de antídoto nos doentes, antes que o mal se tornasse incurável. A mesma forma, a mesma aparência, porém de conteúdo contrário. Espécie de manifesto capitalista, entenderam?

Aliás, há muito deviam ter escrito esse manifesto. Desde os tempos de Marx. Teriam evitado a comunização da Rússia, da China, de Cuba, de tantos países. Burrice nossa, não acham?

Depois dessa reunião, o medo tomou conta de muitos sediciosos. Eunápio sonhava noite após noite que os comunistas haviam se apoderado de tudo, andavam por todos os cantos, até dentro de sua casa. A cozinheira mandava e desmandava em sua casa. A própria mulher havia aderido ao comunismo. As filhas cantavam o dia inteiro a Internacional e viajavam para Moscou de vez em quando. Um dos filhos andava vestido de russo, soldado de Exército Vermelho em Palma.

Para complicar as coisas, ao regressar de uma viagem à capital, trouxe um punhado de exemplares de jornais comunistas. Segundo ele, ler aquelas porcarias parecia ser a coqueluche de todos, e milhares de pessoas se convertiam diariamente ao comunismo. Padre Gregório se lamuriava: é o fim, é o fim!

Emílio confessava a Hilda seu temor maior: o de ser expropriado de seus bens e viver pobre até morrer fuzi-

lado. Se os comunistas tomassem o poder, nada daquilo ia continuar dele e dela. E mostrava com os lábios e os olhos mortiços a casa luxuosa onde moravam, o hospital imponente e o sítio distante, no alto da serra. E completava, pavoroso: iam viver de trabalhos forçados, cavando buracos no sertão, na maior miséria do mundo.

Mal pegava no sono, Hilda sonhava cenas terríveis, açoitada por guardas vermelhos, enquanto escavacava o chão com um picareta pesada e enorme.

Temores tais se apossaram de muitas pessoas.

◆

A princípio, as reuniões se sucediam quase diariamente, ora na casa de Emílio ora na de outros associados. Depois, como crescesse muito o número de participantes e já não houvesse tanto a dizer, comunicar, ensinar, decidiram reunir-se em ambiente mais propício aos objetivos e interesses do Movimento. E optaram pela Associação Comercial. Só em ocasiões especiais buscavam outros recantos, como a Casa Paroquial, as sacristias das igrejas, salas dos colégios de padres e freiras. Precisavam despistar o inimigo.

Emílio aconselhava: daquele dia em diante, deviam entrar pelas portas dos fundos e permanecer no escuro.

Certa noite, reunidos mais de vinte associados, a sala totalmente às escuras, o juiz ousou acender um cigarro. Logo, outros o imitaram. Só se viam os archotes em movimento. Súbito um gato surgiu num canto. Por que aqueles dois archotes não se moviam, permaneciam tão próximos um do outro, tão eqüidistantes, tão acesos?

Passou-se um infinito minuto de suposições e maquinações. Então o gato deslizou por baixo das cadeiras, das pernas dos associados, e o pavor tomou conta de todos. Dias depois o padre confessou o medo: que luz

seria aquela?

Após o susto daquela noite, conhecida como a noite dos archotes, nunca mais se reuniram às escuras. Pelo contrário, resolveram mudar de tática: em vez da escuridão, muita luz. Em vez do tom sombrio, a festa. E assim decidiram transformar as reuniões em verdadeiras festas, talvez até pequenas orgias, regadas a cerveja e bebidas várias. O juiz chegou a sugerir a contratação de um garçom. Sim, não podiam mais ficar de goela seca, ou tendo como serviçais as próprias mulheres e filhas. E muito menos as criadas. Emílio advertia: a gente não sabe nunca quem são elas.

Quem poderia fazer o papel de garçom? Logicamente um garçom — respondeu, a rir, o juiz.

Entre os garçons da cidade, só um parecia o mais competente — o único.

O garçom trabalhava no Palma Sport Club, aberto aos associados apenas aos domingos e em noites de festa. No entanto, cedo o rapaz desconfiou de haver mistério naquelas reuniões. E daí? — perguntava-se.

Suas suspeitas se confirmaram quando as reuniões passaram a mudar de lugar com demasiada frequência. Apesar disso, gostava do serviço. Entretanto, Eunápio desconfiou dele: e se fosse um comunista? Sim, viram-no em conversinha com Josias, a passos lentos, ouvidos atentos à lavagem cerebral do velho comunista. Urgia tirar as dúvidas. Não podiam conviver sempre com um espião vermelho às suas costas. O juiz sugeriu obrigá-lo a falar. Padre Gregório arrematou a sugestão: o delegado faria o serviço.

Não, se tinham dúvidas, não deviam resolver o problema daquele jeito — argumentou Jurema. O coitado bem podia ser inocente e, um dia, quem sabe, tornar-se um bom inimigo dos comunistas. E sugeriu: poderiam interrogá-lo apenas. O prefeito completou a sugestão:

então vamos embriagá-lo primeiro, para depois ele não se lembrar de nada.

Prepararam coquetéis, arranjaram salgadinhos e anunciaram festa ao garçom. Não precisava trabalhar. Bebesse à vontade, como se fosse de casa, do grupo. Emílio o abraçava a todo instante, rindo: não se acanhe, companheiro.

Com meia hora de gole, o garçom ria, contava piadas, desequilibrado e feliz. E finalmente arriou, a boca ensopada de pastéis e álcoois.

Padre Gregório deu início ao interrogatório: onde vocês se reúnem, onde? Aniceto coadjuvava o pároco: quantos são vocês em Palma?

O garçom ria, ria, e se espichava cada vez mais num sofá que lhe ofereceram e terminou dormindo e roncando assustadoramente.



O medo, pouco a pouco, se apossou do espírito de todos. Ninguém mais se sentia seguro. O próprio guarda-noturno — nada mais fazia senão assustar cachorros e contemplar a lua e as estrelas, apitando de meia em meia hora — certa noite, depois de deixar a Associação Comercial, viveu momentos de grande assombro. Dirigia-se a sua casa, como costumeiramente fazia, para o último cafezinho da noite, pegar o apito, vestir a farda e tomar conta do sossego noturno da cidade, quando avistou, de longe, um vulto a mover-se lentamente junto às paredes das casas.

Se fosse um animal estranho, uma fera, um lobisomem, um fantasma? Precavido, arrancou a faca da cintura e preparou-se para o embate. A coisa aproximava-se dele, manhosa, esquisita, assustadora. Por fim percebeu tratar-se de gente. E enfiou a faca na bainha, tranquilizado. E cochichou para si mesmo: só podia ser o

barbeiro. Mas aonde ia àquela hora? Ia fazer a barba a alguém? Ou andava à procura de gente sem barba? Então fosse ao cabaré de Ana Souto. Talvez se dirigisse ao quintal de... Ou não era o barbeiro que ali ia?

O último pensamento do guarda desnordeou-o completamente: e se se tratasse de um comunista, ávido de sangue, incontrolado em seu instinto assassino? Ainda gemeu, antes de desembestar rua afora: coitados de meus filhinhos!



Depois desse incidente, o guarda passou a se preocupar com seus companheiros noturnos. Só eles não o ameaçavam, não o perseguiam, não lhe faziam medo. E sua amizade pelos cachorros cresceu cada vez mais, a ponto de dedicar o resto de sua vida a estudar o significado dos latidos. Passava horas seguidas a imitar os cães, na tentativa de lhes dizer grunhidos de afeto.

A história disso tem outros capítulos. O segundo se deu após alvorecer o dia seguinte ao aparecimento da visagem, aliás nunca identificada. Mal o sol raiou, o homenzinho correu a solicitar aos chefes do Movimento uma providência urgente — a defesa de sua família, enquanto estivesse a serviço. Queria um guarda-noturno para sua família.

Reunidos à noite, os sediciosos começaram discutindo o pedido do vigia, passaram ao trabalho de guarda-noturno e terminaram nos cães.

O juiz se interessou pelo último tema: quantos existiriam em Palma?

Ninguém sabia direito o número de cachorros na cidade. E se o prefeito mandasse fazer um recenseamento? Por sugestão de Aniceto Machado, o próprio guarda faria a contagem.

Enquanto decidiam sobre o tamanho da população

canina da cidade, Eunápio ruminava o significado do latido dos cães: comunicavam-se mensagens secretas, alheias aos homens, ou transmitiam comunicações codificadas a determinadas pessoas, obedientes a outros seres humanos?

Com pouco, todos os associados debatiam a metafísica dos latidos. Jurema se mostrou muito preocupada: então os cães diziam coisas quando latiam? O padre lamentava: o pior é a gente não poder decifrar um só latido, quanto mais a mensagem toda.

E só podiam ser mensagens comunistas — assustava Eunápio. O comendador se arrepiava. Todos a serviço dos comunistas? Sem exceção?

Na opinião de Lucas, primordialmente o cão lutou contra o homem e só muito recentemente dele tornou-se escravo. Assim, obedece cegamente a determinado homem, para atacar outro homem ou animal e mesmo seus próprios semelhantes. Herói ou bandido, dependendo de seu senhor. E explicava mais: sim, eles podem muito bem estar a serviço de uma causa, mesmo a mais desumana, pois não têm consciência de questões sociais.

Não adiantava, pois, continuar a discussão. Os cachorros de Palma serviam ao comunismo internacional. A palavra do sábio Lucas merecia todo acatamento e respeito. Restava saber o que fazer, como reagir, enfrentar a insídia canino-marxista.

Na opinião do juiz, só matando e transformando em sebo a cambada de cães.

Emílio tomou a palavra para elogiar o magistrado. Pessoa de muita clarividência industrial. Ora, os alemães já haviam feito experiências semelhantes nos fornos crematórios.

O pior, contudo, ainda estava por acontecer naquela noite: quando discutiam exatamente o fim da raça

canina, surgiu em pleno recinto fechado do Movimento um exemplar exuberante de cão, embora ofegante, sério, estranho, a olhar insistentemente para cada um dos sediciosos.

Passado o primeiro susto, o juiz cochichou: é a cara de Josias. Sim, as mesmas feições do chefe comunista. Para Eunápio, não havia dúvida, o cachorro se parecia muito com Josias.

O cão continuava com a língua de fora, parado, cansado, calado. Padre Gregório vociferou: esses comunistas são capazes de tudo. Aniceto arregalou os olhos: o senhor acha mesmo que ele é Josias?

Prepararam-se para agarrar o cachorro. Ergueram-se. Armaram-se de cadeiras, bancos, livros, cadernos, canetas, sapatos, óculos, dentaduras...

O cão, entretanto, não esperou pela consumação do crime — deu meia volta e desapareceu misteriosamente, sem deixar um só rastro.



TERCEIRA PARTE

O público do teatrinho de marionetes crescia dia a dia. Ao final de cada peça, Raul Marinho apresentava suas mágicas sensacionais. As crianças aplaudiam cada número do espetáculo.

Os sediciosos, no entanto, chamavam o mágico de feiticeiro e ilusionista. Para o comendador, Raul não passava de um falso milagreiro, desdenhador da religião católica, um enganador do povo, como os comunistas. Segundo padre Gregório, o homem tinha pauta com o maligno.

Chegou o dia, entretanto, de ser lembrado como um possível aliado na luta contra o inimigo poderoso e invisível. Ora, se fazia surgirem coelhos do interior de cartolas, se transformava lenços brancos em pombas voadoras, se retirava tiras e mais tiras de pano da boca, por que não poderia fazer com que os comunistas se mostrassem em carne e osso à plena luz do dia? Ana Souto se mostrou incrédula: e se não fossem de carne e osso?

Outra importante contribuição de Raul se daria após a vitória do Movimento ou quando todos os comunistas tivessem sido achados e presos. Só ele, com sua capacidade de dominar as pessoas, faria com que os bolchevistas de Palma confessassem seus planos diabólicos, suas ligações secretas com a Rússia, a China, Cuba, onde se escondiam seus arsenais etc.

O juiz contestou o plano: ora, não precisavam de mágica para conseguir aquilo.

Toda a sala se pôs à escuta. A palavra sábia da Justiça certamente conhecia poderes maiores do que os da Magia. Com um ou dois socos na boca do estômago...

Nenhuma palavra latina saiu dos lábios do juiz. Preferiu se referir a "chutes nos colhões", "porrada no saco" e,

em linguagem mais escorreita, "pontapés nos testículos".

Interrompeu-o Emílio do Vale. Queria acrescentar algumas informações de ordem científica à explanação do amigo. E durante bom tempo falou do açoite, da marcação com ferro em brasa, do tronco, da golilha, dos "anjinhos", do cavalete, do suplício da roda e da crucificação. Durante o III Reich desenvolvemos diversas...

END ◆ END

Raul Marinho se dizia conhecedor dos segredos da mente, das artes mágicas e outras antiguidades. E provava seus conhecimentos por isso mais aquilo, em palcos improvisados, para qualquer platéia. Ainda assim preferia o público de cidades, lugarejos e vielas próximas a Palma. Emílio não o via com bons olhos: não passa de um espertalhão. Jurema completava: um ilusionista de quinta categoria.

Convidado a demonstrar se realmente conseguia hipnotizar alguém, o mágico apresentou-se de fraque e cartola. Padre Gregório cruzou os braços diante do homem: queremos ver para crer.

Raul se dispôs a pôr em prática seus conhecimentos, enquanto os dirigentes da entidade o crivavam de perguntas. Como Emílio: possível também fazer uma lavagem cerebral?

O hipnotizador ou se fez de mal-entendido ou realmente não alcançou o significado da pergunta. E pediu mais clareza ao chefe do Movimento. Seria possível converter ao bom caminho os enganados, ludibriados, seduzidos pelos comunistas?

Outras e outras questões científicas surgiram: como interrogariam os vermelhos durante a hipnose, se alguém podia despertar quando se sentisse ofendido, se seria possível colher informações sigilosas do hipnotizado...

✧

A primeira mágica realizada por Raul deixou todos de boca aberta: o cigarro aceso entre os lábios do juiz apareceu entre os dedos do promotor. Emílio se impacientou. Queria ver logo a sessão de hipnotismo. O mágico encarou a pequena platéia: quem se apresentava primeiro? O prefeito olhou para trás, Eunápio baixou a vista, Aniceto cochilou, Emílio cutucou o padre, o promotor cheirou os dedos, o juiz acendeu um cigarro, e nenhum outro se fez voluntário. Raul apontou para o padre: venha cá o senhor.

Com dois ou três sussurros ao pé do ouvido, o vigário dormia profundamente e fazia tudo o que bem queria Raul. Coce a ponta do nariz, reverendo.

✧

Como as reuniões costumavam terminar pela meia-noite, após esta hora a cidade começou a se inquietar. Portas e janelas se abriam de mansinho, luzes se acendiam, cochichos zuniam. Mais uma hora, e escancaravam-se portas, iluminavam-se salas, falavam línguas sem peias. Desperta Palma, mulheres, rapazes e crianças iam e vinham pelas ruas, para cá e para lá. Uns procuravam a Casa Paroquial, outros a Delegacia, mais outros o Hospital.

Tudo em vão. A casa do padre fechada. O delegado não sabia de ninguém preso ou esfaqueado naquela noite. No hospital, enfermeiras e pacientes dormiam. Para o tenente, os homens da cidade deviam estar na casa de Seu Emílio.

Hilda também andava preocupada, insone e impaciente, sem saber onde se metera o marido.

A Associação Comercial parecia mais escura e silenciosa do que o cemitério. Uma vizinha da entidade, alvoroçada diante do clamor popular, explicava: aí não

esteve ninguém hoje.

Na verdade, a reunião realizava-se aos fundos da Casa Paroquial, onde nunca acontecia nenhum encontro político do Movimento. Além disso, Raul Marinho conseguiu hipnotizar todos os presentes, tendo também dormido, até que o sol raiou de novo sobre Palma.

Naquela noite, como em muitas outras, Lucas não quis comparecer à reunião da entidade, alegando, mais uma vez, acúmulo de afazeres. A correspondência andava atrasada.

E se enfurnou em casa, depois de tomar um fogueiro banho no riacho do quintal. Deu ordens à criada para o não importunar, trancou-se no quarto e debruçou-se sobre a escrivaninha. De manhã, como a porta continuasse fechada por dentro, a velha, preocupada, chamou por Lucas, bateu à porta, bateu mais, forçou a fechadura e conseguiu derrubar a chave. E pelo buraco viu o rapaz estirado ao chão. Desesperada, saiu à rua, aos gritos. Enquanto corria e chorava, alertava o povo para a nova desgraça: Luquinha parece que morreu, minha gente.



A princípio, o delegado não deu ouvidos à velha. Então até ela havia ficado maluca? Não bastava a balbúrdia da noite passada? E bradava: afinal, a senhora quer o quê?

Aos prantos, a tremer e gaguejar, a criada exigia a ida do policial à casa de seu patrão, sem demora, antes que fosse tarde. Arranjasse uma chave, arrombasse a porta, destelhasse a casa. E aos prantos gritava: ele está morto, ele está morto!

Como a senhora tem certeza disso, se a porta está fechada?

Quanto mais falava, mais a pobre criada se enreda-

va nas malhas da contradição. Não, não tinha certeza de nada. Talvez Lucas estivesse apenas dormindo no chão. E isto lhe valeu ser alçada à categoria de principal suspeita da morte do rapaz, tendo sido submetida a um dos mais prolongados interrogatórios da história policial de Palma.

Na tentativa de elucidar o crime, o delegado sofismava: se ela tinha certeza da morte de Lucas, concluía-se o seguinte — ela sabia muito mais sobre a morte do rapaz.

Entrementes, Raul Marinho e os hipnotizados despertavam, assustados e ariados. Emílio, a soerguer-se do chão, esbravejava: o que significava aquilo?

Os sinos das igrejas tocavam desde a madrugada, como de costume, a anunciar missas. No entanto, só duas ou três velhinhas, cobertas de xales e véus, haviam atendido ao chamamento das badaladas. E balbuciavam orações sobre orações, ajoelhadas e encolhidas, enquanto aguardavam o início do sacrifício.

Na Cada Paroquial o padre gritava, a fitar os olhos, furioso, em Raul, enquanto espanava a poeira da batina: Irresponsável! Ateu! Feiticeiro!

Para além dos muros da Casa Paroquial, todavia, o pesadelo parecia muito mais assustador. Ora, se Lucas havia amanhecido morto e cerca de vinte homens estavam desaparecidos, alguma desgraça devia ter acontecido.

Emílio pedia prudência de todos. Saíssem de dois em dois, a pequenos intervalos de tempo e por caminhos diversos.

Porém não conseguiram chegar logo às suas casas, porque a cada janela escancarada havia um grupinho de pessoas querendo saber detalhes ora da morte de Lucas, ora do desaparecimento do padre, do prefeito, do juiz...

Como se nada tivesse acontecido, o juiz e o padreiro marchavam ufanos pela Rua 7 de Setembro, a tagarelar

espalhafatosamente. Uma mulher indagou-lhes: mataram mesmo Lucas?

Não tardou, quase toda a cidade saía em romaria para a Quinta dos Thaumaturgo, enquanto o delegado comandava a operação de arrombamento da porta do quarto de Lucas.

Quando a porta se abriu, o policial se lembrou de mandar chamar um médico. O doutor Eunápio se apresentou. Não precisava chamar médico, ele se achava.

E o delegado só teve o trabalho de dirigir palavras de cautela aos que se acotovelavam dentro de casa: sosseguem; o doutor ia já dizer se o rapaz estava morto ou vivo.

Apesar disso, todos queriam ver logo o corpo estendido no chão e não paravam de se empurrar. O delegado, irritadiço, ponderava: se não estivesse morto, estava vivo.

Durante o resto do dia, a cidade viveu o maior alvoroço. Todos se concentraram diante do casarão da Avenida Proença, curiosos de ver o corpo sem cor de Lucas. Ninguém se lembrava mais da noite indormida dos sediciosos. Ninguém falava mais do desaparecimento noturno de tantos homens. E nenhum deles disse uma só palavra sobre hipnotismo ou que deixasse entrever as conseqüências do convite feito a Raul Marinho. Emílio se justificava a Hilda: ora, estávamos em reunião extraordinária. Intrigado, o delegado investigava: e por que durou até de manhã?

No decorrer dos dias seguintes à morte de Lucas, todos os hipnotizados tiveram de prestar declarações perante a autoridade policial. Padre Gregório tranqüilizava Raul. Não se preocupasse, ninguém ia abrir o bico. O hipnotizador se dizia tranqüilo: vocês é que sabem.

Por volta do meio-dia, chegaram a Palma alguns irmãos, primos e tios de Lucas, vindos de diversas localidades. Choravam, faziam perguntas, andavam pela casa, guiados pela criada.

Embalsamaram o cadáver, a pedido do pessoal do Movimento. A princípio, houve relutância, sobretudo por parte das irmãs de Lucas. Emílio e padre Gregório, ainda assim, conseguiram persuadi-las.

A missa de corpo presente contou com milhares de assistentes, além de um longo sermão, mais de cinco discursos políticos e muitas fotografias.

Ao término da cerimônia, Eunápio bradou: morra o comunismo!!!

Conduziram o caixão aberto para o saguão da Prefeitura, a fim de que toda a população pudesse dar o último adeus ao ilustre morto.

O enterro teve honras militares, cívicas e eclesiásticas. A tropa de três da polícia marchou ao lado da tropa de um da guarda-noturna, ao som de hinos marciais tocados pela banda municipal. Todas as autoridades civis trajavam paletó e gravata. Padre Gregório parecia um arcebispo.

As honras feminis se derramaram em choros ao longo das ruas. Uma rapariga, amparada por Ana Souto, lamentava: tão novo!

No cemitério, o coveiro Patrício comportou-se serenamente durante a cerimônia. Só após a última pazada de terra, subiu ao túmulo de um morto desconhecido e anunciou: já sabia da morte de Lucas fazia alguns dias. Havia conversado demoradamente com Raimundo Thaumaturgo. Ele me disse assim: prepare a terra para receber em breve meu filho Lucas.

Houve comoção geral, desmaios, gritos, mais choro. Até o vento se manifestou naquele momento, fazendo tremular as bandeiras e as faixas do Movimento da Defesa da Liberdade, da Família e da Propriedade.



Leitor obstinado dos jornais da capital, o delegado

se sentia o mais capaz dos habitantes de Palma, especialmente em matéria criminal. Num abrir e fechar de olhos, desvendava os mistérios de todos os crimes sumariados na página policial. Conheço muito bem esse tipo de criminoso: matou por vingança.

Quando jovem, andou a ler as histórias de Sherlock Holmes e toda a sublitteratura detetivesca de livretes e revistas. Chegou a se imaginar autor de novelas sangui-nolentas. De vez em quando, inventava títulos macabros, personagens diabólicos e sinopses de enredos medonhos. Anotava uns e outros, relia seus Conan Doyle e descobria a estranha semelhança entre suas invenções e as do inglês. E desistia mais uma vez de ser escritor. Com o correr dos anos, deixou de lado os livros e as pretensões, e se dedicou à prática policial — arranjou colocação na Chefatura de Polícia.

Sua grande oportunidade, contudo, se chamou Palma, para onde o enviaram como delegado. No entanto, passavam-se os dias, os meses, os anos, e nada de grandes mistérios. Fulano matava sicrano, fugia, metia-se no mato, desaparecia, mas ninguém duvidava de sua identidade. Terminava se entregando, sem nenhuma resistência, orgulhoso do crime praticado. A cada assassinato correspondia um assassino.

Acostumado, assim, à lógica dos crimes de morte, o policial não teve outra idéia, após inteirar-se do fim de Lucas, senão saber do nome e do paradeiro do criminoso. Segundo ele, só podia ser gente de Palma, talvez até um dos amigos do finado, de vez que ninguém viu nenhum estranho circular pela cidade, quer no dia do crime, quer ultimamente.

Averiguados os livros do hotel de Victorino, verificou o delegado que o último hóspede de fora havia sido um caixeiro-viajante. Chamassem-no imediatamente. O hoteleiro se disse impossibilitado de cumprir a ordem.

O policial arregalou os olhos, arfou e gritou um "por que?" estrondoso. Porque o viajante partira há mais de um mês.



A segunda hipótese levantada pelo delegado falava de vingança e complementava a primeira. O promotor de nada sabia. Então Lucas tinha algum inimigo em Palma? O juiz quis saber muito mais: ele insultou alguém, esmurrou, feriu, matou alguma pessoa?

No entender do policial, tratava-se de vingança infantil. Lembrava-se de uma história muito semelhante à do caso em questão, lida há muitos anos. Fulano matava sicrano, fugia, metia-se no mato, desaparecia, mas ninguém duvidava de sua identidade. Fulano havia levado um soco de sicrano, quando ainda eram meninos. O promotor se aborreceu: não viesse com histórias. O juiz o coadjuvou: deixasse os livros para trás.

E promotor e juiz exigiram do delegado os fundamentos da hipótese da vingança. Sem digressões literárias ou imaginárias. O policial resumiu, então, a história de uma possível surra dada por Lucas num de seus coleguinhas, há mais de vinte anos. Talvez não tenha passado de um murro, um chute, um empurrão.

Restava saber quem poderia ser aquele coleguinha. E se ainda vivia em Palma, se bebia, se casado ou solteiro, se isso mais aquilo. O promotor queria detalhes: quem, por exemplo?

A autoridade policial sacou do bolso uma carta: Jerônimo Maia não gostava muito de Lucas.

Havia um inconveniente nas suspeitas do delegado: a diferença entre as idades dos dois rapazes era de cerca de oito anos. Assim, Lucas teria quinze anos de idade quando Jerônimo contasse apenas sete. Isto deu ao promotor motivo para se opor à tese policial: não po-

dia ser provável que um garoto de 15 anos, quase rapaz já, fosse bater num pequeno de sete anos.

O juiz fumava, semideitado na cadeira, e observava atentamente o teto, como à cata de inspiração. Desperitou, satisfeito, quando o policial fechou com chave de ouro a hipótese da vingança: ora, o garotinho de sete anos agora se apresentava como simpatizante do comunismo.

Convocado a prestar declarações sobre a morte de Lucas, o poeta correu à delegacia. Seguiu-se um questionário sobre idéias. Se confirmava andar lendo, e com muito prazer, uns livros contrários à religião.

O interrogatório transcorreu durante mais de uma hora: onde e com quem estivera na noite do crime, se ingerira bebida alcoólica, a que horas se recolhera, se havia estado com o morto... E o delegado não deixava de ser bem claro. Se o poeta havia estado com Lucas, porém estando ele ainda vivo.

A pergunta mais manhosa, no entanto, referia-se ao tipo de relação existente entre Jerônimo e o ex-seminarista: se eram amigos ou inimigos. Para o interrogado, nem uma coisa nem outra. O delegado insistiu: aquela resposta valia para aquele dia, para o anterior, para dez anos atrás ou para quando?

O policial fez a Jerônimo quase as mesmas perguntas feitas aos outros suspeitos. E na mesma ordem, pois se orientava por um questionário padrão. O poeta não omitiu uma só informação, mesmo as mais íntimas: estivera no cabaré de Ana Souto, até cerca de duas horas da madrugada, juntamente com um amigo. Com quem mais? Com uma mulher.

O delegado exigiu detalhes da noitada do poeta, desde as características da mulher até as palavras trocadas entre ela e ele.

◆◆◆

Aos poucos, as hipóteses levantadas pelo policial para a morte de Lucas iam se desmoronando. A da inimizade pessoal conduziu a mais de dez suspeitos e nenhum se prestou a fazer a tão esperada confissão. O juiz se irritou: nem debaixo de peia?

Uma das hipóteses mais aceitas pela população de Palma girava em torno da palavra honra. O rapaz teria sido morto por parentes de uma suposta vítima de seu donjuanismo. Cabra que ofendia moça de família terminava debaixo de sete palmos.

E em cada conversa vinha à lembrança a tragédia do pai de Lucas: quando jovem havia engravidado a filha de um de seus moradores. A criança nasceu, cresceu, fez-se homem. E, só quando sua mãe agonizava, ficou sabendo — da boca dela — quem era seu pai. Nesse tempo já Raimundo Thaumaturgo havia desposado a filha de um amigo de seu pai e se preparava para herdar os currais de gado e eleitores de ambos.

Muitos anos depois, um bando de homens armados invadiu a casa do então prefeito Raimundo Thaumaturgo, castraram-no e mataram-no, à vista da mulher e dos filhos. Exceto de Lucas, que nesse tempo vivia internado no seminário dos padres jesuítas.

◆◆◆

Outra hipótese para a causa da morte de Lucas: o assassino seria algum parente de Leonor, um português antiquado de fala arrevesada, quando não um namorado lusitano dela. O promotor quis saber, então, em que se fundamentava tal suspeita. Para o delegado, no simples e humano fato de ele, o morto, ter seduzido a moça.

O promotor quis ouvir, imediatamente, uma sinopse da sedução, da primeira palavra de feitiço ao último

ato de posse.

O delegado desculpou-se por não poder satisfazer a curiosidade do promotor. Há muito tempo deixara de lado as pretensões literárias. Mas ainda guardava uns livrinhos de Conan Doyle — confessou, sorridente. Se o promotor quisesse ler, estavam às suas ordens. A autoridade ministerial não demonstrou interesse pelas histórias. Então a sedução era também uma hipótese?



A terceira (ou quarta?) conjectura dava algumas boas voltas ao relógio do tempo e ia encontrar Lucas a brincar e brigar com mais de vinte garotinhos sujos, suados e sapecas.

Nicanor surgia, de repente, no meio da molecada, calção rasgado, a aparecer-lhe a bunda morena e roliça. O policial se conteve nas palavras ao interrogar o rapaz do cabaré: aconteceu alguma intimidade entre vocês naquele tempo?

Nicanor esbugalhou os olhos e se pôs a chorar freneticamente.



Havia ainda dois grupos de suspeitos da morte de Lucas. Um formado de comunistas confessos, como Josias Nóbrega. O delegado rugia: eles são potencialmente criminosos.

O outro grupo reunia aqueles que não se emolduravam nos limites dos demais, como a criada Maria, o hipnotizador Raul e mesmo alguns integrantes do Movimento, justamente os pais de família irresponsáveis — frisava o policial — que passaram fora de casa a noite do crime. O guarda-noturno fez uma delação: o juiz, o promotor, o comendador e muitos outros também não dormiram em casa naquela noite.

O delegado o repreendeu e doutrinou: juiz não cometia crime.

Ao final das primeiras investigações, o policial chegou a uma conclusão: o assassinato de Lucas tinha conotação estritamente política. Obra dos comunistas.



Nos dias seguintes à morte de Lucas, enquanto o delegado queimava os miolos para descobrir a autoria do crime, o pessoal do Movimento se dedicava de corpo e alma a assuntos muito mais misteriosos. Como aquele cão aparecido e desaparecido durante uma das reuniões. Nem o policial saía do ponto de partida, desconfiado de meia Palma, nem os sediciosos conseguiam descobrir a identidade do mastim. Segundo o prefeito, um *bull-dog* legítimo.

Todos se mostravam conhecedores de assuntos caninos e uma infinidade de raças desfilou de boca em boca: pastores, filas, galgos, são bernardos, dálmatas, boxers, dobermans.

Emílio tratou de pôr ordem na lengalenga: não importava a raça do cachorro. Queria saber apenas "quem" era o animal.

Contaram mais uma vez com a colaboração de Jurema Bandeira: consultou horóscopos, astros, baralhos, e nem assim a primeira letra do animal veio a lume.

O próprio Emílio emprestou-lhe um compêndio de horóscopo chinês, tendo em vista a existência nele do signo do cachorro. Fizesse um estudo profundo.

Ao final de alguns dias de profundos estudos, concluiu a pitonisa: o bicho aparecido aos sediciosos devia ser um lobisomem. Como não o feriram, continuava encantado. Logo, nenhum deles era o lobisomem.

Convocaram a polícia a dar uma busca na cidade: quem não fosse encontrado, poderia ser o encantado. E

o juiz deu um bom conselho: vissem se não encontravam o Josias.

O delegado ainda quis rebelar-se: não dispunha de tempo, nem de gente para tamanha tarefa. Ora, em Palma viviam para lá de vinte mil almas. E Emílio completou: fora as almas dos mortos.

Para o policial, descobrir lobisomens só depois de prender o assassino de Lucas. O chefe do Movimento discordou: ambas as tarefas eram essenciais à causa.

Ao final das buscas, ninguém foi encontrado em Palma — todos os vivos permaneciam vivos e nenhum morto havia ressuscitado.

Os sediciosos se viram obrigados, então, a recorrer aos préstimos de Raul Marinho.

No entanto, padre Gregório fez uma advertência: nada de hipnotismo. Fizesse uso somente de mágicas, mesmo as mais impossíveis e inacreditáveis, como transformar uma pessoa em outra, animais em homens, e vice-versa.

O guarda-noturno fez um rogo: só não queria virar gato.

Como não ocorresse nenhuma metamorfose, quer em pessoas, quer em bichos, nem o cão misterioso se revelasse, os sediciosos voltaram suas atenções para o casarão dos Thaumaturgo. Visitavam-no diariamente, como em romaria, o embrião da crença malévola a desenvolver-se em suas medrosas cabeças — seria o cachorro o espírito reencarnado de Lucas? Aniceto resmungou aos ouvidos de Emílio: você já pensou em falar com algum espírita?

Tudo parecia assim nebuloso, quando explodiu a bomba: a polícia encontrou centenas de cartas escritas por Lucas a Leonor Teles e outras pessoas desconhecidas em Palma, bem como a ele dirigidas. Eunápio se disse otimista: enfim o mistério ia se desvendar.

A princípio, o delegado não deu nenhuma importância ao achado. Além do mais, sabia da existência do baú, muito antes de vê-lo. Na sua suposição, estava realmente repleto de quinquilharias, recordações e até mesmo cartas. Intimidades da família e, portanto, de nenhum interesse da curiosidade alheia. Ninguém devia conspurcá-las.

A partir daí, o carteiro tornou-se celebridade em Palma. A principal personagem da tragédia da morte de Lucas.

Convocado a apresentar-se à delegacia, buscou a orientação do Dr. Emílio do Vale. Gaguejou durante dez minutos. O velho fascista se entusiasmou: não me diga que você é o assassino!

O carteiro tremia todo, suava frio, batia o queixo, chorava. Não, não assassinara ninguém, jurava inocência, não sabia de nada. Então, qual a razão de tanto nervosismo?

Diante do delegado, a coisa piorou e o carteiro só repetia: eu sou um simples carteiro, eu sou um simples carteiro.

O interrogatório durou uma tarde inteira e, à noite, o policial apresentou-se eufórico aos olhos de todos, como se tivesse realizado o grande sonho de sua vida. Nem Sherlock, meus amigos — proclamava, cercado de curiosos diante do Café Progresso.

O mexerico chegou aos ouvidos do juiz, que correu ao café. Chamou o delegado para um particular e passou-lhe um pito medonho: olhasse o sigilo das investigações, não se tornasse tão vulgar, fosse imediatamente para casa ou para a delegacia. E cochichou: vamos, eu quero saber dessa história por inteiro.

Durante a caminhada, o delegado se pôs a narrar a maravilhosa descoberta: talvez a maior farsa de toda a história policial. O carteiro se conluiou com o finado.

Tudo mentira, tudo tramóia.

Frederico Santos parecia não entender nada e exigia clareza de seu interlocutor. Por que falava de farsa, tramóia, mentira? — gritava, sob os olhares assustados dos transeuntes e das pessoas postadas às janelas. O policial abreviou: ora, o carteiro recebia dinheiro de Lucas. Dia sim, dia não, entregava um pacote de cartas de Lucas e, ao mesmo tempo, recebia outro das mãos dele. O delegado perguntou de onde vinham as cartas, quem eram os remetentes, e o carteiro gaguejou, quis tapear.

O funcionário dos correios parecia bem instruído ou acostumado a interrogatórios. Nunca dava respostas cabais e às vezes até tentava mudar o rumo do "diálogo". Mas terminou dando resposta clara a uma das perguntas: as cartas destinadas a Lucas não vinham do Rio, de Lisboa, de Roma, nem de lugar nenhum. O policial se exaltou e ameaçou: explicasse aquilo direito, se não quisesse levar umas bordoadas. E o carteiro abriu o bico, a tremer feito um pinto: Lucas entregava-lhe um pacote de cartas, cujos remetentes se apresentavam como escritores, professores, pesquisadores de nomes esquisitos e, sobretudo, sua amada Leonor Teles. Dias depois, ele, o carteiro, devolvia ao destinatário o mesmo pacote. O delegado esmurrou a mesa, vermelho: você está querendo me chamar de besta?

A história do carteiro podia ter fundamento, ruminava o policial. Ora, no baú foram encontradas centenas de cartas escritas e assinadas por Lucas. Com toda a certeza, não haviam sido devolvidas. No seu entender, Lucas escreveu também as cartas de seus correspondentes. Para tanto, se servia de variadas caligrafias, de estilos diversos, de uma infinidade de canetas e tintas, de inúmeros tipos de papel, coloridos, perfumados, amassados, de formas e tamanhos diferentes.



Ao saberem da descoberta das cartas, os chefes do Movimento se reuniram a portas fechadas e convocaram imediatamente o delegado e o carteiro. As missivas não existiam, ninguém mais deveria saber delas. Bico calado! — sussurrava Emílio. Não estou entendendo nada — lastimava-se o policial.

Ora, Lucas Thaumaturgo, mundialmente conhecido, o herói do Movimento, a grande vítima do comunismo, não podia deixar de ser um homem íntegro e perfeitamente são. Emílio do Vale prometia: o delegado seria o primeiro general do futuro exército de Palma. Para o carteiro seria dada a direção dos correios e telégrafos, segundo promessa de Eunápio Calado, dedo apontado para o entregador de cartas.

O delegado concordava com tudo. Só não admitia abandonar as investigações. Sobretudo aquele veio fabuloso — as cartas e a estranha história contada pelo carteiro. Estava na pista do assassino — assegurava, olhos vidrados no funcionário do correio.

Os outros lhe deram razão. Sim, o carteiro poderia estar mentindo, inventando uma fábula, na tentativa de encobrir a verdade.

E novas hipóteses vieram à baila. Como a de chantagem. Sabedor de tudo, o carteiro passara a exigir dinheiro em troca do silêncio. Como Lucas resistisse, o carteiro o matara.

Decididamente, o carteiro mentia. Urgia, pois, interrogá-lo mais. Até descobrir a verdade — concluiu o delegado.



Depois de morto, Lucas Thaumaturgo virou herói do Movimento de Defesa da Liberdade, da Família e da Propriedade. Herói que dia e noite habitava as vidasapai-

xonadas de seus ex-companheiros. Volta e meia seu nome vinha à baila. Admirável homem novo! — gemia Jurema Bandeira.

Os dirigentes do grupo já não se ocupavam de outro assunto, senão de prestar homenagens ao "inesquecível soldado da liberdade", como passaram a chamá-lo. E logo ruas, praças, escolas, coretos foram rebatizados com o nome de Lucas Thaumaturgo. O comendador Aniceto aprovava tudo quanto fosse proposta nesse sentido, partisse de onde partisse. Os vereadores situacionistas se irmanavam aos opositoristas no enaltecimento da figura do ilustre falecido, sob as bênçãos do prefeito.

Discursos não faltavam em Palma desde o dia do "infausto acontecimento" da morte de Lucas. Discursavam na Câmara Municipal, na Associação Comercial, nos púlpitos, nas mesas dos cafés, nas janelas das casas, onde se reunissem mais de duas pessoas. Às vezes a reunião de apenas duas valia mais do que de duas mil, porque, em vez de um só discurso, ocorriam dois. Discursos em forma de diálogo: quem é o herói de Palma? Eu vos digo, senhores. É aquele a quem a sanha do inimigo alcançou mais cedo.

Apesar de tantas homenagens já terem sido prestadas a Lucas, os chefes do Movimento pretendiam preiteá-lo ainda mais, concedendo-lhe a glória mais alta — a de deflagrar a rebelião há muito tempo preparada, exatamente por ocasião do primeiro aniversário de sua morte.

Todos concordavam com o plano. Restava saber quem tinha sido o autor de tão maravilhosa idéia. E quando havia sido ventilada pela primeira vez. Em que circunstância o gênio daquela concepção a enunciara originalmente. E mais isso e mais aquilo.

Em pouco tempo, toda a cidade sabia não só do

projeto, como, sobretudo, da desavença entre os principais do Movimento. Mesmo os pobrezinhos da periferia, os matutos dos sítios ao redor de Palma e talvez até os mortos enterrados no cemitério.

O zelador de campo-santo, o quase centenário Patrício, quando aparecia pelas ruas da cidade, nem parecia que vivia numa solidão de sepulcro. Sabia ainda o nome de todos os viventes de Palma, até de cachorros, gatos, galos. Sabia das reuniões dos "defensores da liberdade" e, sobretudo, do plano da insurreição. E saiu às ruas a anunciar: Lucas não morreu, meu povo! Ainda ontem conversei com ele.

A partir de então, se tornou membro efetivo e respeitado do Movimento, freqüentador indispensável das reuniões semanais do grupo sedicioso.

Com a adesão de Patrício, ninguém discutiu mais a autoria da idéia de se homenagear Lucas com o início da sedição no dia do primeiro aniversário de sua morte. Durante as reuniões, quase ninguém falava mais, a não ser para saber do zelador do cemitério as novidades do outro mundo. Especialmente as referentes a Lucas. Ele perguntou por mim? Continua escrevendo cartas? Já fez as pazes com a namorada?

O velho não dava ouvidos aos curiosos companheiros e preferia os intermináveis diálogos que dizia haver mantido com o morto. Como vai seu pai, Lucas? Está bem, Seu Patrício, muito bem mesmo. Nem se lembra mais das maldades feitas a ele.

A palavra não lhe saía da boca e os outros pareciam mudos. A sapiência de uns, a verborragia de outros e até a oratória astromântica de Jurema desapareciam diante dele. Só ele, Patrício, parecia ter voz ou o dom de ser ouvido.

Mesmo tendo sido inscrito oficialmente como membro do Movimento, o zelador nunca falava de liberdade,

família e propriedade. O comunista Josias Nóbrega perguntava: quem vive entre os muros do cemitério, pode ter alguma noção dessas coisas? Além disso, Patrício só participava das reuniões dos insurgentes, se o conduzissem, de carro, de sua toca até o local do encontro. E geralmente desconhecia quem o abordava. Quem é o senhor? Não vá me dizer que não está me reconhecendo. Sou Emílio do Vale. Vim buscá-lo para a reunião.

Da última vez em que estive com os rebeldes, Patrício deixou todos estarecidos. Acabava de ter estado com o herói, sentados justamente nos batentes do sarcófago de Raimundo Thaumaturgo, pai de Lucas, e trazia uma mensagem política da maior importância: estava para se iniciar uma nova era. O antigo Brasil ia morrer e sobre o cadáver nasceria um novo país. Seria o reino dos milagres.

Quase a sufocar-se, o velho zelador, cercado por um punhado de corpos suados, calou-se e observava o telhado. Conte mais, mestre. Não me disse mais nada. Mas eu sei de tudo: ele vai voltar e será o nosso rei. Ele, o rei; a sua bem-amada, a rainha.

O cerco então se completou e todos os rostos se grudaram à cabeça branca e enrugada de Patrício. De quem o senhor está falando? O velhinho arregalou os olhos e cuspiu: do Rei Lucas e da Rainha Leonor.



Enquanto o pessoal do Movimento de Defesa da Liberdade, da Família e da Propriedade se deixava seduzir pelas palavras apocalípticas do coveiro Patrício, que lhes traduzia as mensagens de além-túmulo de Lucas Thaumaturgo, no cabaré de Ana Souto o carteiro, bêbado, revelava mais detalhes de sua amizade com o ex-seminarista.

Na platéia atenta, entre copos e garrafas, uma ra-

pariga alisava o peito do poeta Jerônimo Maia. Uma das mulheres ria: Mariazinha agora podia ser de qualquer um.

Sim, a algum tempo a ninfeta havia deixado de ser a iguaria reservada apenas aos amigos mais íntimos de Ana Souto. Como as demais raparigas, pertencia agora ao público. Escondida a sete chaves, outra menina habitava a casa.

A Nicanor cabia dar as informações mais secretas. Passava o tempo a rondar a sala, olhos nos fregueses e nas mulheres. Sabia de tudo, dos hábitos aos vícios, das manias às taras de uns e outros.

A voz de Nelson Gonçalves gritava, insistentemente, amores, dores e paixões, e aqui e ali um palavrão partia do meio da rua em direção aos ouvidos tontos dos habituês do cabaré.

O carteiro continuava a desfiar seu rosário de confidências, cada vez mais centro das atenções. E já livre de qualquer suspeita pela morte de Lucas. Jerônimo gritava: só um imbecil podia suspeitar do entregador de cartas. Outro rapaz se metia na conversa: cheguei a acreditar em vingança dos parentes da moça portuguesa. E relembrou a história da carta que os sediciosos planejaram enviar a Lucas, como se fosse Leonor Teles a remetente. Imediatamente as mulheres voltaram a se interessar pela conversa.

O carteiro sorveu meio copo de cerveja e soltou de novo a língua: na falsa carta, a moça pedia a Lucas para aderir ao Movimento... Jerônimo se pôs a esbravejar: ora, quem descobriu a sujeira fui eu. A confusão se fez no salão. Todos falavam ao mesmo tempo, aos gritos, enquanto Nelson Gonçalves contava as dores de uma tal Dolores. Uma das raparigas quis saber por que não escreveram a carta? Se a carta tivesse sido escrita — ponderava o poeta — não teria Lucas aderido ao Movimento.

Por que não? — espantou-se outra mulher. Ora, pelo simples fato de que descobriria a desonestidade dos chefes sediciosos.

Nem assim, porém, o enredo pareceu mais retilíneo aos ouvintes. De que desonestidade falava o poeta? O carteiro revelou mais um segredo: Lucas escrevia as cartas todas, as enviadas e as recebidas.

Pediram mais bebida e o outro lado do disco de Nelson. Precisavam comemorar o fim do pesadelo. Afinal, todos ali haviam sido declarados inocentes da morte de Lucas. Vocês sabem da melhor? — reanimou-se o funcionário do correio. Então havia ainda novidades? Contasse logo, deixasse de mistérios, soltasse a língua de vez. Sabiam quem era Leonor Teles? Claro, todos conheciam capítulo a capítulo o romance: a portuguesinha quis conhecer o Brasil, embarcou num navio de luxo, na companhia de parentes, e... Queriam saber mesmo a verdade? — fez chantagem o carteiro.

No outro lado do salão, Ana Souto pediu silêncio, enquanto emudecia o cantor e aumentava o volume do rádio. A voz do locutor anunciava a marcha de tropas militares chefiadas pelo general Mourão Filho sobre o Rio de Janeiro. Vocês ouviram? — alarmou-se Jerônimo. Vamos ouvir a história da moça — pediu uma rapariga.

E enquanto Leonor Teles se eternizava entre os lábios do carteiro e os ouvidos das raparigas e seus companheiros, Ana Souto ordenava a Nicanor: fosse mais uma vez pedir desculpas a Emilio do Vale por não poder comparecer à reunião da entidade. Dissesse ainda: a casa se encontrava cheia.

O rapaz se apressou a cumprir a ordem e, já na calçada, ouviu mais um recado: diga também isto — ligue o rádio, pois Jango foi deposto.

O locutor continuou a falar, mas o carteiro precisava revelar seus segredos, chamar a atenção de todos para

sua importância: Leonor só existia na cabeça daquele maluco. Você está é bêbado — repreendeu-o alguém.

Jerônimo não quis saber mais de Lucas, Leonor ou Nelson Gonçalves. Iniciava-se um novo capítulo de outra história. Vou embora, minha gente. A mulher que alisava seu peito tentou segurá-lo. Hoje não dá mais — alegou o poeta.

Os outros queriam saber a gravidade dos acontecimentos para a farra acabar assim tão melancolicamente. Perdi a alegria — confessou o poeta.

E caminhou no rumo de casa.

Brasília, 1987/1990.



SÍNTESE BIOBIBLIOGRÁFICA DE NILTO MACIEL

Nasceu em Baturité, Ceará, em 30 de janeiro de 1945. Ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará em 70. Criou, em 76, com outros escritores, a revista *O Saco*. Mudou-se para Brasília em 77, tendo trabalhado na Câmara dos Deputados, Supremo Tribunal Federal e Tribunal de Justiça do DF. Regressou a Fortaleza em 2002. Editor da revista *Literatura* desde 91.

Ganhou alguns prêmios literários: "Brasília de Literatura", 90, categoria romance nacional, promovido pelo Governo do Distrito Federal, com *A Última Noite de Helena*; "Graciliano Ramos", 92/93, categoria romance nacional, promovido pelo Governo do Estado de Alagoas, com *Os Luzeiros do Mundo*; "Cruz e Sousa", 96, categoria romance nacional, promovido pelo Governo do Estado de Santa Catarina, com *A Rosa Gótica*; "Bolsa Brasília de Produção Literária", 98, categoria conto, com *Pescoço de Girafa na Poeira*; "Eça de Queiroz", 99, categoria novela, União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro, com *Vasto Abismo*.

Tem contos e poemas publicados em esperanto, espanhol, italiano e francês. *O Cabra que Virou Bode* foi transposto para a tela (vídeo), pelo cineasta Clébio Ribeiro, em 1993.

Livros publicados:

Itinerário, contos, 1.^a ed. 1974, Fortaleza, CE; 2.^a ed. 1990, João Scortecci Editora, São Paulo, SP.

Tempos de Mula Preta, contos, 1.^a ed. 1981, Secretaria da Cultura do Ceará; 2.^a ed. 2000, Papel Virtual Editora, Rio de Janeiro, RJ.

A Guerra da Donzela, novela, 1.^a ed. 1982, 2.^a ed.

1984, 3.^aed. 1985, Editora Mercado Aberto, Porto Alegre, RS.

Punhalzinho Cravado de Ódio, contos, 1986, Secretaria da Cultura do Ceará.

Estaca Zero, romance, 1987, Edicon, São Paulo, SP.

Os Guerreiros de Monte-Mor, romance, 1988, Editora Contexto, São Paulo, SP.

O Cabra que Virou Bode, romance, 1.^a ed. 1991, 2.^a ed. 1992, 3.^a ed. 1995, 4.^a ed. 1996, Editora Atual, São Paulo, SP.

As Insolentes Patas do Cão, contos, 1991, João Scortecci Editora, São Paulo, SP.

Os Varões de Palma, romance, 1994, Editora Códice, Brasília.

Navegador, poemas, 1996, Editora Códice, Brasília.

Babel, contos, 1997, Editora Códice, Brasília.

A Rosa Gótica, romance, 1.^a ed. 1997, Fundação Catarinense de Cultura, Florianópolis, SC (Prêmio Cruz e Sousa, 1996), 2.^a ed. 2002, Thesaurus Editora, Brasília, DF.

Vasto Abismo, novelas, 1998, Ed. Códice, Brasília.

Pescoço de Girafa na Poeira, contos, 1999, Secretaria de Cultura do Distrito Federal/Bárbara Bela Editora Gráfica, Brasília.

A Última Noite de Helena, romance, 2003, Editora Komedi, Campinas, SP.

Participação em Antologias:

Queda de Braço: Uma Antologia do Conto Marginal, seleção de Glauco Mattoso e Nilto Maciel. Clube dos Amigos do Marsaninho, Rio de Janeiro e Fortaleza, 1977. Contos: "As Fantásticas Narrações das Meninas do São Francisco" e "Sururus no Lupanar".

Conto Candango, coordenação de Salomão Sousa. Coordenada Editora de Brasília, 1980. Conto: "As Pequenas Testemunhas".

Horas Vagas (Coletânea 2), organizada por Joanyr de Oliveira. Coleção Machado de Assis, volume 42, Contos, Senado Federal, Brasília, 1981. Conto: "Detalhes Interessantes da Vida de Umzim".

O Prazer da Leitura, organizada por Jacinto Guerra, Ronaldo Cagiano, Nilce Coutinho e Cláudia Barbosa. Editora Thesaurus, Brasília, 1997. Conto: "Ícaro".

Almanaque de Contos Cearenses, organizado por Elisângela Matos, Pedro Rodrigues Salgueiro e Tércia Montenegro. Edições Bagaço, Recife, PE, 1997. Conto: "Apontamentos para um Ensaio".

Poesia de Brasília, organizada por Joanyr de Oliveira. Livraria Sette Letras, Rio de Janeiro, 1998. Poemas: "Odisséia Interior", "Oferenda" e "Nem todo amor..."

Poesia de Brasil - volumen 1, organizada por Aricy Curvello e traduzida para o espanhol por Gabriel Solis. Edição Proyecto Cultural Sur/Brasil, Bento Gonçalves, RS, 2000. Poemas: "Calvario", "De Desapariciones y de Ruinas", "Francisca" e "Arco Iris".

Reflexos da Poesia Contemporânea do Brasil, França, Itália e Portugal, organizada por Jean Paul Mestas. Universitária Editora, Lisboa, Portugal, 2000. Edição em francês e português. Poemas: "Lutin" / "Duende", "Avec les pieds par terre" / "Com os pés no chão", "Auroral" / "Amanhança", "Pro-phétique" / "Prof-ética".

Antologia de Haicais Brasileiros, organizada por Napoleão Valadares. André Quicé Editor, Brasília, 2003.

Antologia de Contos Cearenses, organizada por Túlio Monteiro. Coleção Terra da Luz, tomo I, Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza, 2004. Conto: "Casa Mal-assombrada".

Antologia do Conto Brasiliense, seleção e organização por Ronaldo Cagiano. Proyecto Editorial, Brasília, 2004. Conto: "Aníbal e os Livros".

Dura boa de sua
exposição.

lelissom em
aut. esta
no 70s 80s

aproximadamente
vulgarize sua

ficção

antais ao longo
do século - presença
de tempo
Refar, Berlin,

Nota.

41161270

A sua presença
fotografada

Música 24

Gabriel e Músico

histórias, serpentes, gatos e ratos, da mesma forma que o velho Calderón de la Barca transformara a fé, a esperança, a água e o fogo em personagens. (Artur Eduardo Benevides)

Nilto é um autor versátil e de grandes recursos estilísticos. Está sempre buscando o desafio, inovando, abrindo caminho sem o suporte de outrem. Seus trabalhos são seus, e isso é muito bom e até raro entre escritores do nosso tempo, quando a tendência é a imitação, o servilismo. Daí a importância de sua ficção. O conto "O Riso do Gato" é antológico, um momento raro na literatura brasileira, no gênero. (José Alcides Pinto)

Nilto Maciel é, e não de hoje, nome de expressão da literatura brasileira. Seus livros, todos eles, não se qualificam apenas pelos aplausos da crítica. Qualquer leitor que o leu viu, de pronto, desde o seu primeiro livro, que Nilto Maciel é um desses escritores que nascem feitos e irão até à morte em ascensão constante. E, para além da arte literária que produz, ele ajuda, como poucos, a empurrar para a frente esse "carro da miséria" que é a nossa literatura, uma cruzada sem fim contra tudo e contra todos, até contra moínhos de ventos. É, por tais méritos, um escritor íntegro e integral. (Caio Porfírio Carneiro)

Há ficcionistas que se comportam como verdadeiros historiadores da vida privada. Que nem cientistas sociais, observam a vida tal qual é, sempre atentos e fiéis a dados óbvios, comprovados ou comprováveis. Outros se lançam pelos campos da fantasia sem os freios do plausível, e têm por meta revelar a face oculta da lua e do mundo através de parábolas. Nilto Maciel se insere nas duas tendências, debruçando-se pelas sendas do verossímil e do inverossímil. (Astrid Cabral)

Nilto Maciel percebeu a capacidade estética que determinados torneios fraseológicos ou vocábulos de uso popular estão aptos a produzir e passou a fazer uso deles de forma surpreendente, muitas vezes inserindo-os no próprio discurso do narrador, num perfeito entrosamento com as personagens descritas. E, além da familiaridade com o dialeto cearense, resulta o efeito do tratamento dado através da deformação intencional das impressões sensoriais, o que é obtido por meio de hipérbolos constantes, enumerações caóticas e insistentes visualizações ou cruzamento simultâneo de sensações. Afinal, ele sempre encontra a expressão adequada para gerar as imagens mentais que o leitor irá reproduzir. (José Lemos Monteiro)

Nilto Maciel não é só um escritor. Além de um bom escritor e de um imprescindível articulador literário, é o artista da palavra que sabe compreender e assimilar os avanços estilísticos de seu tempo. E, como tal, procura, sem nenhuma demonstração de cansaço, o aperfeiçoamento do próprio estilo, para melhor conduzir a narrativa na construção de seus personagens. Nesse sentido, sua escritura não é de um Graciliano Ramos, também nordestino, mas do Machado de Assis maduro e inconfundível de *Quincas Borba* e *Memorial de Aires*. (João Carlos Taveira)

O discurso literário de Nilto Maciel contrapõe-se às fórmulas perfeitas e acabadas, ao lugar-comum, às soluções estilísticas digeríveis, muito comum numa certa corrente em voga nas contemporâneas produções. O autor, em seu ofício, retrabalha mundos, recompõe a caleidoscópica semântica do inconsciente, junta os cacos de um vitral e permeia os labirintos da memória social.

A extração desse universo é matéria e substância de uma escritura que tem muito de vanguarda e poesia, tal a riqueza com que manipula a linguagem, não se vendo nisso malabarismo, jogo de palavras ou de espelhos, mas competência de um estilista que funde humor, surrealismo, fantástico, nas representações simbólicas de nossas viagens metafísicas. Nesse livro permeia-se um itinerário multifacetado, como se o autor inventariasse o fantástico, o absurdo, o escaninho mais fragmentário de nossos estranhos surtos de imaginação nos moldes de um José Veiga, de um Juan Rulfo, de um Gabriel Garcia Márquez, de um José Cândido de Carvalho ou de um Murilo Rubião. Literatura de fogo, ambientada, sem espaços para pulsações abstraídas de sentido humanista na esteira de uma estrutura ficcional bem trabalhada - às vezes o burilamento chega ao paroxismo, sem que isso represente uma retórica cansativa ou alucinação intelectualóide - marca registrada do autor, preocupado com o rigor artesanal de seu ofício. (Ronaldo Cagiano)